

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Carla Rodrigues Gastaud

De Correspondências e Correspondentes:
Cultura Escrita e Práticas Epistolares
no Brasil entre 1880 e 1950

PORTO ALEGRE
2009

Carla Rodrigues Gastaud

De Correspondências e Correspondentes:
Cultura Escrita e Práticas Epistolares
no Brasil entre 1880 e 1950

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Educação da Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, como requisito para obtenção do
título de Doutor em Educação.
Orientadora: Prof^a Dra. Maria Stephanou

PORTO ALEGRE
2009

Dados de catalogação na fonte:

G255d Gastaud, Carla Rodrigues.

De correspondências e correspondentes : cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950 / Carla Rodrigues Gastaud ; Orientador: Maria Stephanou. – Porto Alegre, 2009. 246f.

Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1. Escrita epistolar. 2. Cartas familiares. 3. Correspondências pessoais. 4. Escritas de si. 5. Escritas ordinárias. I. Stephanou, Maria, orient. II. Título.

CDD 370.19

Bibliotecária Aydê Andrade de Oliveira - CRB 10/864

Carla Rodrigues Gastaud

De Correspondências e Correspondentes:
Cultura Escrita e Práticas Epistolares
no Brasil entre 1880 e 1950

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.
Orientadora: Prof^a Dra. Maria Stephanou.

Aprovada em 14 de dezembro de 2009

Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha – UDESC

Profa. Dra. Maria Helena Camara Bastos - PUCRS

Profa. Dra. Iole Maria F Trindade – PPGEDU/UFRGS

Profa. Dra. Maria Stephanou – PPGEDU/UFRGS

Para o Paulo,
por unir os fios que tecem a minha vida,
por ser a minha casa.

Agradecimentos

Agradeço muito às pessoas e famílias que me emprestaram suas cartas por terem compartilhado tão generosamente suas histórias comigo, sua generosidade permitiu que esta pesquisa acontecesse. Saibam que seu nome – não dito – está para sempre na minha memória.

Agradeço a Amélia, Sinhá, Rubens, Mozart, Antônio, Rita, Helena, Alfredo, Salomé, Naná, Frederico, Donata e Dejanira, por terem colocado suas vidas por escrito nas tantas cartas que li.

Agradeço ao Museu da Baronesa por guardar e disponibilizar as cartas e imagens que uso aqui.

Agradeço aos meus colegas do PPG, companheiros neste caminho, pelo afeto, pela ajuda, pelo compartilhamento.

Agradeço à minha mãe por sempre.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria Stephanou, a precisão da orientação e a constância da amizade, as levarei comigo. Aprendi muito mais do que “como se faz uma tese”.

Resumo

O objeto deste estudo foi o exame de práticas e artefatos mobilizados na escrita epistolar e sua relevância no Brasil no final do século XIX e primeira metade do século XX. Assim, usos da escrita, distribuição das capacidades de escrever e ler, materialidades do escrito, maneiras das escritas e leituras, foram pensados no âmbito da escrita epistolar. O alargamento dos processos de escolarização e a crescente alfabetização resultaram na ampliação do número de pessoas que tem acesso a esse universo, de pessoas capazes de escrever e de ler uma carta. Inscrito nos marcos de uma História Cultural da Educação, o estudo buscou acompanhar a afirmação das práticas epistolares numa sociedade da cultura escrita. Para isso, analisei três conjuntos de escritas epistolares: Família Maciel, Família D e Família G. Práticas de correspondência mobilizam habilidades gráficas e sociais dos correspondentes que se concretizam em papel e tinta. Essas materialidades das cartas - múltiplas e protocolares ao mesmo tempo, conforme a norma ou contra ela - indiciam competências gráficas, sociabilidades, práticas de escrita e leitura que perduram e reverberam em nosso tempo.

Palavras chave: escritas de si, escritas ordinárias, correspondências pessoais, escrita epistolar, cartas familiares.

Abstract

The object of this study was the examination of practices and artifacts deployed in epistolary writing and its relevance in Brazil in the late nineteenth and first half of the twentieth century. Thus, in the context of epistolary writing, uses of writing, the distribution of abilities to write and read, materialities of writing, ways of writing and reading, were taken into consideration. The extension of the schooling processes and the increasing literacy resulted in increasing the number of people who have access to the universe of people capable of writing and reading letters. In the scope of Cultural History of Education, this study sought to establish epistolary literacy as social practice. For this purpose, I analyzed three sets of private correspondence: Maciel family, family D and family G. For the purpose of the analysis I also used civility manuals, epistolary novels and published correspondence. Epistolary practices involve graphic and social skills of the correspondent, taking form in paper and ink. This materiality of each letter - singular and 'regulated' at the same time, to the norm or against it – work as evidence indicating graphic skills, and sociability, writing and reading that last and reverberate in our time

Lista de Figuras

Figura 1 - Imagem frontal e lateral de sinete dourado.	60
Figura 2 - Folha da Carta de Helena a Antônio, 16 de maio de 1936, Conjunto G.....	68
Figura 3- Página da Carta de Helena a Antônio, 6 de agosto de 1936, Conjunto G.	71
Figura 4 – Folha da Carta de Helena a Antônio, 6 de agosto de 1936, Conjunto G.	72
Figura 5 – Página da Carta da Baronesa Amélia a D. Sinhá, 12 de outubro de 1909, Conjunto Maciel.....	73
Figura 6 – Excerto da Carta da Baronesa Amélia a D. Sinhá, 4 de julho de 1885, Conjunto Maciel.	74
Figura 7 – Página da Carta da Baronesa Amélia a D. Sinhá, 18 de abril de 1899. Conjunto Maciel.....	75
Figura 8 – Excerto da Carta de Rubens a D. Sinhá, 15 de julho de 1914, Conjunto Maciel.....	76
Figura 9 - Excerto da Carta de Rubens a D. Sinhá, 2 de fevereiro de 1914, Conjunto Maciel.	77
Figura 10 – Página 112 do manual Etiqueta Social. (Castanho, 1955).	79
Figura 11 – Excerto da Carta de Rita a Antônio, 27 de fevereiro de 1937, Conjunto G.....	80
Figura 12 – Página de Carta de Naná a Antônio, 08 de abril de 1933, Conjunto G.....	84
Figura 13 – Carta de Salomé a Antônio, 15 de março de 1934, Conjunto G.	103
Figura 14 – Instrumentos de escrita pertencentes ao acervo do Museu da Baronesa.....	114
Figura 15 – Excerto de Carta da Baronesa a D. Sinhá, sem data, Conjunto Maciel.	119
Figura 16 – Fotografia de Déa Antunes Maciel oferecida a avó. Acervo do Museu da Baronesa.....	121
Figura 17 - Carta de D. Sinhá à Baronesa, 8 de abril de 1897, Conjunto Maciel.	124
Figura 18 – Excerto de Carta da Baronesa a D. Sinhá, 8 de janeiro de 1918, Conjunto Maciel.	126
Figura 19 – Carta de Ney a Frederico Pinho, 06 de março de 1927. Conjunto D.....	155
Figura 20 – Carta de Jerônimo a Frederico Pinho, 3 de novembro de 1937, Conjunto D.....	158
Figura 21 – Carta do Cabo Carriero Zeferino, abril de 1926, Conjunto D.	163
Figura 22 – Lista da correspondência encontrada na caixa de Antônio. Conjunto G.	168
Figura 23 – Caixa de cartas de Rita.	171
Figura 24 – Caixa de cartas de Antônio.....	172
Figura 25 – Envelope de carta remetida por Rita a Antônio, 9 de junho de 1937, Conjunto G.	174
Figura 26 – Frente e verso do envelope remetido por Rita a Antônio, 24 de maio de 1943, Conjunto G.....	175
Figura 27 - Envelope de carta remetida por Antônio a Rita, 17 de agosto de 1937, Conjunto G.	176
Figura 28 – Carta de Helena a Antônio, 16 de maio de 1937, Conjunto G.....	193
Figura 29 – Carta de Rita a Antônio, 18 de agosto de 1938, Conjunto G.....	205
Figura 30 - Verso do Cartão enviado por Antônio a Rita, 9 de junho de 1933, Conjunto G.	215
Figura 31 - Face do Cartão enviado por Antônio a Rita, 9 de junho de 1933, Conjunto G.	216
Figura 32 – Envelope da carta enviada por Antônio a Rita, 11 de setembro de 1934, Conjunto G.....	221
Figura 33 - Carta enviada por Rita a Antônio, 9 de abril de 1937, Conjunto G.....	225

Sumário

PRÁTICAS EPISTOLARES E CULTURA ESCRITA	11
As Cartas	18
Cronologia dos Conjuntos Epistolares	26
Uma breve historia das cartas.....	27
De correspondências, cartas e missivas ou dos objetos epistolográficos	34
Os discursos implicados nas práticas de correspondência	38
DAS MATERIALIDADES DAS CARTAS	65
A multiplicidade de práticas e usos da escrita epistolar	89
O que as cartas contêm? - As formas, os temas, mais que palavras.....	96
Os temas no gênero epistolar são também uma questão de gênero	101
Sociabilidades e correspondência – epistológrafos, correspondentes e missivistas ou do lugar de onde se escreve	106
CARTAS DA FAMÍLIA MACIEL – UM UNIVERSO COSMOLITA	112
<i>Cartas da Baronesa Amélia</i>	113
<i>Cartas de Rubens</i>	130
<i>Cartas de Mozart</i>	138
CONJUNTO EPISTOLAR FAMÍLIA D – UM UNIVERSO DE FRONTEIRA.....	145
<i>Cartas Família D</i>	148
CONJUNTO EPISTOLAR FAMÍLIA G – UM UNIVERSO DOMÉSTICO	166
<i>Cartas da Família G para Antônio</i>	176
<i>Cartas de Antônio e Rita</i>	202
PORQUE NÃO TENHO MAIS PAPEL	235
REFERÊNCIAS.....	243

Práticas epistolares e cultura escrita

A escrita epistolar é um dos processos de afirmação das práticas da cultura escrita – em uma sociedade que se torna cada vez mais grafocêntrica¹ - no período compreendido entre o final do século XIX e o começo do século XX. Escrever cartas é uma prática social da cultura escrita que se generaliza e populariza com a ampliação da alfabetização da população e com a criação dos sistemas escolares².

Este é um estudo sobre escrita epistolar. Para esta investigação o que importa não é conhecer a vida cotidiana, possível de vislumbrar nas cartas, por mais interessante que esta possa ser, mas perceber e explicitar as práticas que as ensejam, as condições de enunciação que presidem sua escritura, as sociabilidades que as sustentam e são por elas sustentadas, bem como os artefatos culturais a elas relacionados. Em suma, aquilo que poderíamos considerar o “espírito das cartas”.³

¹ Isto é, numa sociedade em que a cultura da maioria é profundamente penetrada pelo escrito e em que o impresso desempenha papel de primeira importância na circulação dos modelos culturais, parafraseando Chartier. (CHARTIER, 2003, p.91).

² Este trabalho inscreve-se no campo da História Cultural em suas aproximações com a História da Educação.

³ Tomando de empréstimo o sugestivo título do livro de Gilda de Mello e Souza, O espírito das roupas: a moda no século XIX. São Paulo: Editora Schwartz, 1987.

O trabalho se propõe a compreender os modos como se constituem as práticas de correspondência no final do século XIX e na primeira metade do século XX, no Brasil. A escrita epistolar é tomada aqui como modo de realização da cultura escrita; prática de um tempo (uma época) que coloca em ação a cultura escrita e a escola. Busca também entender como as práticas de correspondência se articulam a um universo mais amplo de práticas culturais, como fazeres estudantis, rituais de namoro e relações familiares.

A história da cultura escrita é uma forma específica de história cultural⁴ que tem por objetivo a interpretação das práticas sociais da leitura e da escrita. De acordo com Armando Petrucci

saber por qué razones se ha hecho uso de la escritura en cada momento y sociedad, conocer la distribución de las capacidades de escribir y de leer, las materialidades de lo escrito, y los distintos lugares, espacios y maneras en los que se haga experimentado su recepción y apropiación, en fin, las prácticas de la escritura y de la lectura, es una forma de hacer historia cultural. (*Apud* CASTILLO GOMEZ, 2003, p. 96).

Assim, usos da escrita, distribuição das capacidades de escrever e ler, materialidades do escrito, lugares, maneiras das escritas e leituras neste estudo são pensados no âmbito particular da escrita epistolar.

⁴ Como a define Castillo Gómez (2003, p. 93).

Além disso, a investigação intenta contribuir com os estudos acerca da história da cultura escrita que, para Castillo Gómez (2003) deve atentar para discursos, práticas e representações.

Os discursos regulamentam e sistematizam o funcionamento de uma sociedade, concretizada no *“conjunto de textos que la clase dominante o las personas socialmente autorizadas producen con el objeto de ordenar las relaciones y prácticas sociales”* (CASTILLO GÓMEZ, 2003, p.110). São discursos, por exemplo, os manuais de escrita epistolar e o ensino da escrita de cartas no currículo escolar. Tais discursos afetam a cultura escrita, *“pues ésta comporta también una forma de poder”* manifesta na possibilidade – ou impossibilidade – de aprender a ler ou a escrever, na capacidade e/ou poder de produzir ou de publicizar um texto, no acesso – ou na sua limitação – aos livros e aos conhecimentos dos livros, na competência para interpretar o objeto escrito. (CASTILLO GÓMEZ, 2003, p.109).

As práticas dizem respeito às evidências materiais – a totalidade dos objetos escritos, os gestos, as maneiras, os locais de cada exercício de escritura e leitura, e também as suas condições de possibilidade. As práticas *“corrigen la lógica de los discursos y sitúan el análisis de la cultura escrita en el plano de los usos dados a la misma, de las competencias efectivas del escribir y del leer, y de los modos de ponerlo en uso”*, e, constituem também *“los testimonios específicos donde se expresan los usos y funciones atribuidas al escrito”*. (CASTILLO GÓMEZ,

2003, p. 109). Nas práticas se evidenciam as competências gráficas dos escreventes e as possibilidades de transgressão e/ou submissão à norma.

No âmbito da história cultural vale destacar a atenção necessária às práticas particulares, aos objetos específicos e aos usos determinados, como salienta Chartier (2004) e que é intento deste estudo observar em relação à escrita epistolar.

As representações⁵ são os “*distintos tipos de imágenes que cada sociedad construye a proposito de los temas y objetos de la cultura escrita*”. (CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 115). Alerta-se que, nesta acepção, há possibilidade da existência de uma distância entre, de um lado, aquilo que é lícito representar e, de outro, os gestos efetivos, não redutíveis aos discursos e representações.

Neste conjunto – discursos, práticas, representações - há uma norma epistolar (que pode ser seguida ou transgredida); há um objeto escrito (a carta) e suas práticas; há um conjunto de relações sociais, sociabilidades com interdições e permissões, usos e modos que afetam uma sociedade que escreve e lê cartas com capacidades e habilidades diferentes e, que afeta também os que não lêem e/ou

⁵ Entende-se representação no sentido de que toda produção cultural “enuncia também uma determinada imagem daquilo que representa, implica na necessidade de analisar tanto as estratégias formais dos escritos [...] como a das táticas discursivas”. Esta acepção de representação “outorga um especial valor aos modelos relacionados com a cultura escrita que cada sociedade produz e transmite”. (CASTILLO GÓMEZ, 2003, p.109). [trad. livre].

não escrevem. Um conjunto de artefatos e suportes que podem ser distribuídos desigualmente entre diferentes correspondentes.

Os últimos anos se caracterizam por vários estudos sobre cartas e correspondência e pela publicação de cartas de personagens, de pessoas famosas, de autores reconhecidos, como Monteiro Lobato e Mário de Andrade ou Euclides da Cunha, para falar nos brasileiros. Há trabalhos sobre cartas cotidianas, de pessoas comuns, escritas ordinárias, alguns já na perspectiva da História Cultural e da História da Educação.⁶ Estudar as práticas de correspondência é lançar-se em um mergulho nas relações entre cultura escrita e sociedade e na função que cada produto gráfico assume no ambiente cultural concreto que o produz e emprega. (SIERRA BLÁS, 2003, p.109).

O inventário de escritas epistolares de pessoas comuns, através de conjuntos de cartas familiares, aqui proposto, embora circunscrito no tempo e no espaço - Brasil, século XIX e XX – dá visibilidade aos processos de configuração de uma sociedade centrada na cultura escrita. Mais que isso, escreve Roger Chartier,

Identificar os efeitos de sentido produzidos pelas formas, sejam elas do escrito, do impresso ou da voz, é uma necessidade para compreender,

⁶ Entre outros: Cartas e Escrita, Maria Rosa Rodrigues Martins Camargo. Tese de doutorado defendida na UNESP em 2000; Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica. Mignot, A. C. V; Bastos, M. H. C., Cunha, M. T. S. (Orgs.). Florianópolis: Mulheres, 2000. Destinos das Letras: História, Educação e Escrita Epistolar, Maria Helena C. Bastos, Maria Teresa S. Cunha e, Ana Chrystina V. Mignot.(orgs.). Passo Fundo: UPF, 2002; Escrita de si, escrita da História, Ângela Castro Gomes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

em sua historicidade, e em suas diferenças, os usos e as apropriações dos quais os textos, literários ou não, foram objeto. (2003, p. 271).

Quais são, enfim, os efeitos de sentido, em um determinado tempo, espaço, sociedade, do “espírito das cartas”? Na compreensão desta complexa questão o estudo proposto pretende somar-se, para isso me vali de um *corpus* documental constituído por três conjuntos epistolares familiares: Família Maciel, Família D e Família G.⁷

O conjunto epistolar Família Maciel integra o acervo do Museu da Baronesa⁸ e é constituído por duzentos e trinta e duas cartas recebidas por D. Sinhá, filha da Baronesa que dá nome ao Museu, e enviadas por sua mãe, Amélia, e por seus filhos, Rubens e Mozart, entre os anos de 1885 e 1928.

O conjunto Família D é constituído por diversos documentos⁹ e por quarenta e uma cartas familiares e de negócios dirigidas a diversos membros dessa família por remetentes também diversos, acumulados ao longo de sessenta anos (1887-1948).

⁷ Atendendo à exigência de manter sigilo ético quanto à identidade dos missivistas, adotei as expressões Família D e família G doravante utilizadas no texto.

⁸ O Museu da Baronesa, Pelotas, RS – que foi a morada de três gerações da família Antunes Maciel entre 1863 e 1970 – tem em seu acervo um conjunto de 230 cartas endereçadas a D. Sinhá, filha da Baronesa que dá nome ao museu. Cartas que ficaram na casa quando a família se retirou e que foram enviadas de vários lugares, como Rio de Janeiro, Londres, Pelotas, Paris, Curitiba e Milão, entre 1885 e 1928, pela mãe de D. Sinhá, a Baronesa Amélia, e por dois de seus filhos.

⁹ Além das cartas, integram este arquivo familiar, diversos documentos tais como recibos, notas de compra, e boletins escolares.

O conjunto Família G é formado pela correspondência mantida por Antônio com a família durante o período em que estudou em Porto Alegre - e pelas cartas trocadas com a namorada Rita, depois esposa, - entre os anos de 1931 e 1944 em que residiram em cidades diferentes, Pelotas e Porto Alegre, alternadamente. Este conjunto é composto por 547 cartas na sua maior parte guardadas ainda nos envelopes.

Os conjuntos epistolares com que trabalho poderiam ser apresentados e organizados de muitas maneiras, considerando-se, por exemplo, a data da carta mais antiga de todos eles e nesse caso o conjunto que iniciaria esta apresentação seria o Conjunto Família Maciel, ou eu poderia apresentar os conjuntos ordenados pela sua extensão e, neste caso, o conjunto a iniciar seria o Família G, que é o maior deles, ou, a escolha poderia ser apresentar os conjuntos pela extensão temporal que abrangem e neste caso o conjunto pelo qual eu deveria começar seria o da Família D, ou, enfim, e esta foi a forma que escolhi, eu poderia organizar os conjuntos pela ordem em que chegaram às minhas mãos, e por isso começo pelo Conjunto Família Maciel, que conheci em 2001 quando trabalhei no Museu da Baronesa. Na sequência, apresento a Família D e a Família G.

As Cartas

O *corpus* empírico deste estudo é constituído por três conjuntos epistolares familiares, o conjunto família Maciel, o conjunto família D e o conjunto família G. As cartas que integram estes conjuntos estendem-se de 1885 a 1944

Lugar de memória (CUNHA, 2002, p. 1), objeto-lembrança (IONTA, 2004, p. 19), documento historiográfico (DAUPHIN e POUBLAN, 2002, p. 75), monumento (LE GOFF, 1996, p. 547), objeto-relíquia (RANUN, 1991, p. 213), escrita de si (GOMES, 2004, p. 19), as cartas, inclusive (e talvez especialmente) as correspondências ordinárias, “datadas e localizadas, guardam consigo os sinais de um momento, fixam a experiência no tempo e no espaço”. (IONTA, 2004 p 19). Seus dizeres passam a ser “signos ou indícios a serem interpretados”. Quando chegam até nós, as cartas “desvelam a vida privada” (DAUPHIN e POUBLAN, 2002, p. 75). As cartas podem ser um modo privilegiado de acesso a relacionamentos, sociabilidades, familiaridades, singularmente próximas e, simultaneamente, estranhas ao tempo em que vivemos. Tudo isso, que torna as cartas especialmente interessantes para o historiador, é acrescido da possibilidade – objeto deste trabalho – de apreender, através da materialidade da escritura epistolar, como os artefatos culturais implicados nas práticas de correspondência são postos em ação na erudição, na caligrafia, na gramática, no

estilo, na arte epistolar, na construção das sociabilidades e no pacto epistolar¹⁰, uma vez que “a escrita epistolar é, portanto, uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou o rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos”. (GOMES, 2004, p. 19).

As cartas são objetos biográficos. O correspondente escreve para realizar um projeto de dizer e de dizer-se. A família que guarda institui um conjunto que serve aos seus propósitos: seleciona, descarta, elege as cartas boas.

Para mim, cartas são documentos indiciadores de um certo modo de escrever e de ler, de uma certa competência gráfica, ressignificados no processo de estudá-los. Neste estudo, o *corpus* empírico se constitui exclusivamente de correspondências privadas e majoritariamente familiares, representativas de um período em que era importante escrever e escrever bem. Cheguei às cartas através das cartas da Baronesa Amélia, quando trabalhei, durante quatro anos, no Museu da Baronesa, em Pelotas, RS. Período em que as cartas foram catalogadas, digitadas e parcialmente digitalizadas. São cento e quarenta e oito cartas, escritas ao longo de décadas (1885 - 1918), e dirigidas à filha que morava em Pelotas. Foi o meu primeiro contato com cartas privadas alheias.

Optei por classificar as cartas pela sua proveniência, e, assim, organizei três conjuntos epistolares: Família Maciel, Família D e Família G. Os conjuntos

¹⁰ O pacto epistolar envolve “receber, ler, responder e guardar cartas”. (GOMES, 2004, p. 19).

foram nomeados pela inicial do sobrenome familiar por uma questão de respeito à privacidade dos envolvidos. Esta decisão foi motivada pelas cartas das famílias D e G que, emprestadas a mim, para esta pesquisa, pelas herdeiras e guardadoras, ainda têm vivos alguns dos protagonistas dos conjuntos epistolares, potencialmente capazes de sentir sua vida privada invadida e exposta. As cartas da Família Maciel constituem uma exceção porque estão no acervo do Museu da Baronesa e seu acesso é franqueado a pesquisadores.

No primeiro conjunto epistolar - Maciel - todas as cartas têm o mesmo destinatário, D. Sinhá, e os subconjuntos¹¹ são designados pelo nome próprio de cada remetente – Baronesa Amélia, Rubens e Mozart - já que todos compartilham o sobrenome. As cartas Maciel fazem referência a fotografias, recortes, programas, ingressos, recibos, enfim a diversos tipos de papéis enviados junto com as cartas. Segundo Débora Clasen de Paula (2008, p. 17), é possível que as cartas recebidas por Sinhá nunca tenham deixado a casa da família, que hoje é o Museu da Baronesa, o que teria garantido sua preservação

Os conjuntos D e G, também do Rio Grande do Sul, são conjuntos epistolares privados ainda na posse das famílias que os constituíram. O conjunto Família D é constituído por quarenta e uma cartas familiares e de negócios¹²,

¹¹ Marieta de Moraes Ferreira (2004), classifica as 300 cartas de Honestalda de Moraes Martins em conjunto, séries e subconjuntos.

¹² São correspondências de diversos tipos, desde bilhetes infantis e cartas ao “mano Dico”, até cartas tratando de arrendamentos e aluguéis, ou convidando o destinatário a integrar a “Comissão

dirigidas a membros dessa família, ao longo de décadas . Os diversos remetentes apresentam níveis desiguais de familiaridade com a escrita e, até onde pude determinar, idades, situação social e condições econômicas variadas. Essas cartas têm como assunto, principalmente, os negócios, e como origem, diferentes cidades localizadas na fronteira entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai: Bagé, Mello, Aceguá e Santana do Livramento, além de Porto Alegre e Montevideu. Tal geografia remonta ao uso da terra no pampa, comum nessa região, onde os mesmos proprietários possuem terras nos dois países.

O conjunto Família G é formado pela correspondência mantida por Rita e Antônio (os nomes são fictícios), namorados, depois esposos, residentes, ele em Porto Alegre e ela em Pelotas, durante o período de namoro nas décadas de 1930 e 1940. Os subconjuntos são designados pelos nomes dos remetentes. Há ainda um bloco menor de cartas, dirigidas aos destinatários por outros remetentes. Esse é o único conjunto analisado em que estão as cartas dos dois correspondentes. São quinhentas e setenta e duas cartas, ainda em seus envelopes, separadas por ano, em maços atados por fita. Estão guardadas em duas caixas, as dela em uma e as dele em outra. Assim, a especificidade deste conjunto está em ser formado pelas cartas dos dois correspondentes-namorados.

da Mostra Ganadera de Rivera”. Também as competências gráficas dos missivistas são diversas com um domínio da gramática epistolar bastante díspar.

O conjunto Família G, sendo um conjunto de correspondências bastante amplo, foi dividido para fins de estudo em subconjuntos que são designados pelos nomes dos remetentes. As trezentas e vinte e três cartas enviadas a Antônio distribuem-se pelos seguintes remetentes: Rita (namorada e depois noiva): 235 cartas; Correspondente não identificado: 01; Carlos (irmão): 01; João Carlos (afilhado): 01; Maria Helena (irmã): 02; Salomé (irmã): 17; Naná: 02; Gama (o pai): 03; Pais: 18; Helena (a mãe): 23. Antonio escreveu 245 cartas. Todas foram transcritas.

Os três últimos subconjuntos são constituídos pelas cartas enviadas pelos pais de Antônio. As cartas são escritas e subscritas usualmente pela mãe, que por vinte e três vezes assina o próprio nome e em outras dezoito cartas apõe às despedidas um carinhoso: “beijos de teus pais, Helena e Alfredo”. Em apenas três cartas o pai sozinho escreve e assina (com o sobrenome Gama) a correspondência enviada. Embora todas essas cartas pudessem ser englobadas em um único subconjunto “Pais”, as cartas parecem apresentar variações de acordo com seus signatários, por isso optei por estabelecer os três diferentes subconjuntos.

Foram transcritas também as duzentas e quarenta e cinco cartas escritas por Antônio para Rita. Antônio é sempre um dos pólos dessa correspondência, todas as cartas são escritas por ele ou dirigidas a ele. A correspondência escrita por Antônio, sem exceção, é dirigida a Rita. Todas as outras cartas têm Antônio

por destinatário. É claro que Antônio escreveu a outros correspondentes, como fica explicitado em várias das cartas a ele dirigidas por seus familiares, mas esta correspondência – enviada por Antônio aos familiares - não faz parte do conjunto epistolar que recebi dos descendentes de Antônio e Rita.

A organização desta correspondência pela família agrupa na “caixa de cartas de Antônio” as cartas recebidas por ele da família e todas as que ele escreveu para a namorada. Na “caixa de cartas de Rita” estão guardadas as cartas que ela escreveu para Antônio no tempo de namoro e no período que o precedeu.

É possível que a própria Rita tenha realizado a tarefa de organizar as cartas. A neta – atual guardadora das cartas – conta que após a morte de Antônio, a avó as selecionou (e pode ter excluído algumas) e as organizou por ano, em pequenos maços atados com uma variedade de linhas e cordões. desde seda branca até cordão de juta. Aparentemente o que estivesse disponível era utilizado para este fim. Na “caixa de Antônio” existe também uma lista manuscrita por D. Rita das cartas que ela contém.

Envelopes, correios, papéis, penas, canetas, lugares de escrever, lugares de guardar, vários aspectos da materialidade das práticas de correspondência são, também, parte deste *corpus* empírico. Indicadores importantes revelam detalhes da época em que as cartas foram escritas. Os envelopes das cartas do conjunto G, por exemplo, por si só já apresentam uma série de elementos que

enriquecem as possibilidades de análise. Como os endereços, que mostram hábitos da época. Antônio, então estudante, morou em hotéis ou pensões, várias cartas têm como endereço o Hotel Majestic (hoje Casa de Cultura Mário Quintana). A maioria deles traz a indicação PAR AVION, e, em vários, se pode ler o nome da companhia aérea – PANAIR. Muito significativo é o carimbo da censura apostado aos envelopes das cartas enviadas na década de 1930, período do Estado Novo.

A minha relação com o material empírico foi ao mesmo tempo de imersão e estranhamento. Binômio antitético. O desafio esteve em como alcançar uma imersão razoável no tema da cultura escrita e das práticas de correspondência e buscar, ao mesmo tempo, o estranhamento “como antídoto contra a banalização” (GINZBURG, 2001, p. 41), contra a excessiva familiarização com o objeto carta.

Foi um exercício permanente ler as cartas com olhos de madeira¹³, no contato com os documentos, exercitar esse olhar de estranhamento, procurando uma mirada nova que superasse a familiaridade óbvia e fácil das cartas entre mãe e filha, por exemplo. Tal estranhamento é uma reação à idéia de que conhecer a realidade é sobrepor à realidade um esquema, ao invés de aprender com ela.

Os três conjuntos epistolares do estudo constituem três lugares diferentes para perceber as diversas formas de aproximação com a cultura escrita e

¹³ A expressão, Olhos de Madeira, epígrafe do início do livro de mesmo nome, de autoria de Carlo Ginzburg (2001), é uma referência aos olhos de Pinóquio.

ofereceram uma oportunidade ímpar para mapear as práticas complexas, implicadas nas correspondências, para além de sua aparente simplicidade. Por isso, escolhi trabalhar com um *corpus* mais amplo do que as cartas Maciel (as primeiras com que tive contato), para ter acesso a um universo maior e mais diverso de competências gráficas e de práticas de correspondência, através de experiências distintas e suas especificidades.

Os conjuntos são descritos, comentados e, de certa maneira, contrastados/cotejados com uma série de manuais de civilidade. Nas cartas estão retratadas relações familiares, mas também de trabalho e negócios, namoro e cotidiano familiar e estudantil, e tantos outros assuntos que é difícil abrangê-los. Além disso, as cartas possibilitam ver de perto um universo epistolar – papéis, penas, selos - frequência, tamanho, qualidade - boas, carinhosas, sofríveis – que é múltiplo e variável embora seja também constante em muitos de seus aspectos.

A tese está organizada em três blocos. O primeiro trata de uma história das cartas, o segundo das tipologias das cartas e dos manuais que normatizam as práticas epistolares e, no terceiro e último, os três conjuntos epistolares são analisados.

Cronologia dos Conjuntos Epistolares

1885	1889	1914	1918	1927	1928	1931	1933	1936	1940	1944	1948
Conjunto Maciel Baronesa Amélia											
		Rubens Maciel									
				Mozart Maciel							
	Conjunto Família D										
						Conjunto Família G Cartas da família					
							Antônio e Rita				

Uma breve historia das cartas

Cartas, como instrumento de comunicação, são escritas, desde a antiguidade, com características e objetivos diferentes, é verdade, mas pode-se afirmar que esta prática teve “notável impulso entre os homens do Renascimento”¹⁴ quando, também, o “advento da imprensa facilitou o acesso dos letrados a antigos modelos estilísticos”. (MIRANDA, 2000, p. 42).

Alguns dos registros mais antigos da epistolografia ocidental se devem aos filósofos gregos: Epicuro, Isócrates, Platão, entre eles. Dentre as cartas da antiguidade que hoje conhecemos há aquelas destinadas ao ensino; outras são “cartas abertas”, endereçadas à comunidade e, ainda, há as cartas de caráter reservado. Vêm dos gregos, também, os primeiros modelos epistolares: Demétrio de Falero, Filostrato e Proclo “reproduziram nas suas obras modelos que ensinavam a desenvolver os temas mais variados, com as qualidades respectivas”. (MIRANDA, 2000, p. 43-44). Toda a carta, entretanto, independente do tema, deveria observar alguns princípios gerais: “*la clarté, une sage sobriété,*

¹⁴ “Expressão de uma maior importância dos laços que se estabeleciam além da célula familiar; do ideal de civilidade: gênero propício ao melindroso comércio de idéias ou a confidenciar experiências de encanto, beleza e amor”. (MIRANDA, 2000, p. 42).

une simplicité de bon aloi, éloignée de l'enflure comme de la vulgarité ou de la pauvreté".¹⁵ (Souilhé, Joseph. Platon Lettres, *apud* MIRANDA, 2000, p. 43).

Entre os autores romanos de cartas, Cícero obteve o maior sucesso, com numerosas edições latinas e vulgares que enfatizavam o caráter modelar de suas epístolas e o tanto que a leitura e a aplicação daqueles modelos poderiam “ajudar sobremaneira os que escreviam por ofício ou os que cultivavam correspondência com os amigos”, como afirmava Pedro Simon Abril, tradutor da edição madrilenha de 1589 das cartas de Cícero. (MIRANDA, 2000, p. 43).

A partir do século XVI, diversas obras, que traziam modelos e normas para a prática da correspondência foram publicadas para “estruturar pequenos conjuntos de regras que podiam referir-se, por exemplo, às formas dos cabeçalhos e das frases de despedida”. (MIRANDA, 2000, p. 44).

Segundo Chartier (1991), *Le Secrétaire à la mode*¹⁶ foi o “*best seller*” das coletâneas de modelos de cartas: “dedicados inicialmente aos epistológrafos nobres ou burgueses, esses secretários logo são incluídos no catálogo de editores que publicam livros de ampla circulação”. O interesse pelos manuais de

¹⁵ “Clareza, uma sábia sobriedade, uma simplicidade de boa qualidade, distante do exagero e da vulgaridade ou da pobreza”. [trad. livre].

¹⁶ Escrita por Jean Puget de La Serre, esta obra conheceu muitas versões ainda durante a vida do autor (1593?- 1665), com o acréscimo de novas cartas e recomendações anunciadas com destaque nas folhas de rosto. Inúmeras obras similares apareceram ao longo do século XVII, em vários países. (MIRANDA, 2000, p. 44-5).

escrita estendeu-se por outras camadas sociais e a *Bibliothèque bleue*¹⁷ incluiu o *Secrétaire à la mode* e outros manuais. É bastante possível que tais modelos eruditos tenham tido bem pouca utilidade para os leitores populares, mesmo assim, “possuir um livro que os contém constitui uma espécie de enobrecimento cultural”. (CHARTIER, 1991, p. 116).

Isidoro Nardi, autor de um manual italiano de civilidade¹⁸, recomendava “que as cartas se compusessem basicamente de quatro parágrafos: um sobre o tema, outro para o agradecimento, o terceiro para o favor e o último de despedida”, sempre considerando a qualidade da pessoa que escrevia e aquela para quem se escrevia e, sempre, utilizando as fórmulas adequadas. A tipologia das cartas em Isidoro Nardi e também em La Serre, segue com poucas variações as dos autores clássicos, são cartas de boas-festas, de participação, de congratulações, de recomendação, de agradecimento, de desculpas, de cumprimentos, ou ainda, de negócios, mistas e familiares. (MIRANDA, 2000, p. 45).

Em língua portuguesa, destaca Miranda (2000, p. 47-9), o primeiro a teorizar sobre o tema foi Francisco Rodrigues Lobo, ainda no século XVII. Este

¹⁷ “Fórmula editorial desenvolvida entre 1700 e meados de 1800, [pelos Oudot de Troyes], com a finalidade de atrair o público leitor mais numeroso (e mais popular)”, oferecia livros com capa azul, cujos títulos “provinham de todos os gêneros, todas as épocas e de todos os tipos de literatura” sempre comercializados ao preço mais baixo possível. (CHARTIER, 1995, P.223).

¹⁸ Conforme MIRANDA (2000): *Il Segretario principiante et istruito, Lettere Moderne (diviso in due parti)*, Veneza, 1750.

autor, pela boca do personagem Leonardo¹⁹, diz “dos exteriores da carta” que devem apresentar “cortesia comum, regras direitas, letras juntas, razões apartadas, limpo, dobras iguais, chancela subtil e selo claro”, cumpridos esses requisitos, “será carta de homem de corte”. Baseado em Cícero, Leonardo enumera os tipos de cartas – “três gêneros de cartas missivas” – cartas de negócios, cartas entre amigos e cartas de matérias mais graves e pesadas, que se subdividem em outros tantos. Recomenda para todos os gêneros: brevidade, clareza e propriedade e nomeia cartas exemplares de autores antigos e modernos. Vários outros autores o seguiram, alguns com numerosas reedições.

Em 1746²⁰, no Verdadeiro método de estudar, Luís António Verrey atribuía grande importância à escrita de cartas como prática pedagógica ao afirmar que a aprendizagem deveria “transcorrer com grande paciência, tentando mostrar ao aluno as regras do discurso e o seu exercício”. Para esse fim indicava “o suporte de uma gramática – curta, mas clara - e o exemplo de uma boa antologia epistolar, como a do Padre Antônio Vieira”. (MIRANDA, 2000, p. 51).

A correspondência estava presente na escola no século XIX e no século XX. Ser capaz de escrever uma carta era, e ainda é uma habilidade a ser aprendida, desenvolvida e estimulada na e pela escola.

¹⁹ Leonardo é o dono da casa em que se passam os serões de “Corte na aldeia e noites de inverno” e cabe-lhe conduzir a conversa, ele fala da língua portuguesa, das cartas e de suas normas e fórmulas.

²⁰ Período em que com o Estado Moderno se ampliavam os sistemas escolares e se difundia a idéia da educação como direito.

Como exemplo desta permanência, no livro de Magda Soares Guimarães, *Português através de textos* (1970), são encontrados alguns exemplos da persistente presença das cartas no âmbito escolar ainda na década de 1970²¹. Na obra, que tem um total de 156 páginas, a autora propõe por uma vez, como tarefa para os estudantes, após a leitura do texto *Prodígio*, de Carlos Drumond de Andrade (SOARES, 1970, p.113), que escrevam uma carta:

D) REDAÇÃO

No fim do texto, o autor – Carlos Drumond de Andrade – dirige-se ao leitor: “Leitor, dirás que minto e é possível”. Escreva-lhe uma carta dizendo se está ou não de acordo com a atitude dele em relação a Arita e às crianças prodígio em geral. (SOARES, 1970, p. 118).

As cartas reaparecem nesse livro didático²² em alguns exercícios de conjugação de verbos, como no exemplo “Quando eu morava longe daqui, escrevia muitas cartas” em que devem ser conjugados a seguir “Quando nós..... longe daqui..... muitas cartas”, e, sucessivamente, “quando vocês”, “quando tu”, “quando ele ”, e “quando você”. (SOARES, 1970, p.79).

No mesmo *Português através de textos* (SOARES, 1970) um outro exercício é solicitado, novamente o aluno deve seguir instruções que, desta feita,

²¹ O exemplar de que disponho foi utilizado na sala de aula em 1978, em Pelotas.

²² Nas páginas 83, 84 e 139 as cartas são novamente temas de exercícios.

o conduzirão a escrever trinta e duas variações das frases “eu escrevo a carta” e “eu mando a carta”:

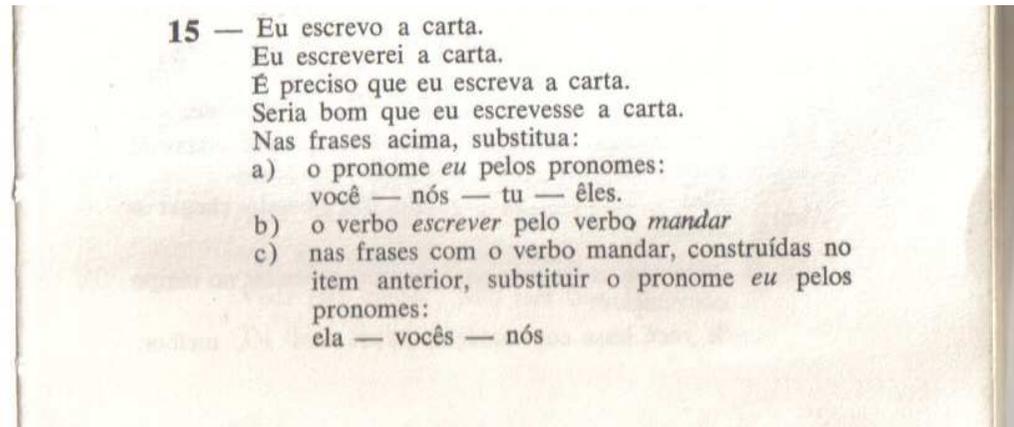


Figura 01 - Página 15 do livro Português através de textos (Soares, 1970).

Ainda hoje a escola utiliza pedagogicamente a prática da correspondência. Há Clubes de Correspondência²³, há tarefas nos livros escolares que envolvem a escritura de cartas, e, com a disseminação desta tecnologia, cada vez mais a comunicação escrita através da internet entre alunos de diferentes escolas em diferentes lugares começa a generalizar-se. No exemplo que conheço os alunos, mesmo utilizando computadores e internet, são estimulados a utilizar o formato de

²³ Existem clubes de correspondência organizados entre turmas e entre escolas e, existe também o International Pen Club -<http://www.ipfeurope.com/ipfportugues.htm> - que tem um programa especialmente destinado a escolas.

carta embora possam prescindir do serviço dos Correios, já que as cartas são enviadas por meio digital.

Em Pelotas, um grupo de professoras relatou uma experiência de escrita de cartas em turmas de pré-escola realizada no ano de 2005 em uma escola da rede municipal:

Iniciamos o processo de escrita de cartas às escolas, atividade que ocorreu permeada de prazer. Além de objetivar a produção textual dentro de um ambiente alfabetizador, as crianças tiveram a oportunidade de compreender em seu meio ambiente sócio-cultural o sentido do porquê se lê e se escreve. A correspondência é uma fonte inesgotável de trabalhos: escrita de cartas, leitura dos escritos recebidos, leitura ou escrita de diversos tipos, produção de livros, pesquisas sobre o meio, investigações matemáticas, documentários, experiências poéticas, danças, músicas enfim as mais diferentes linguagens. (FREITAS, AMARAL e AMORIM, 2006, p. 175).

A experiência inspirava-se na pedagogia Freinet que lista a correspondência interescolar entre as técnicas que “têm como objetivo favorecer o desenvolvimento dos métodos naturais da linguagem (desenho, escrita, gramática)”. (<http://www.centrorefeducacional.com.br/freinet.html>). Assim a correspondência interescolar é

uma atividade em que a criança faz a aprendizagem da vida cooperativa, uma classe se corresponde com a outra. Depois dos professores terem se comunicado e organizado a forma. Podem enviar: cartas, textos, fitas, vídeos, desenhos e e-mail. (<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per06.htm>).

A propósito da comunicação escrita via internet pode-se assumir que um tipo de código diferente, mas ao mesmo tempo guardando similaridades com as cartas, também vige.

De correspondências, cartas e missivas ou dos objetos epistolográficos

Por definição as cartas circulam. Escritas para suprir a falta, ou suprimir a distância, as cartas levam o correspondente – ou suas palavras por escrito – ao destinatário distante. Não é nada incomum um correspondente declarar que ler a carta do amigo é receber sua visita ou ouvir sua voz²⁴. Para cumprir seu papel, as cartas viajam, de um bairro a outro, de uma cidade a outra, de um país a outro, de uma escola a outra. Não importa se a distância é grande ou não, as cartas são levadas ao seu destinatário pelo correio e, em épocas anteriores, também por portadores, mensageiros ou por um correio.

Por muito tempo a expressão correio significou pessoa enviada com o fim de transportar mensagem, despacho, encomenda ou correspondência e, possivelmente, aguardar a resposta. As grandes casas costumavam dispor de

²⁴ Por exemplo: “Agradeço-te a frequência com que me escreves, pois é o único meio de que dispões para vires a minha presença. Nunca recebo uma carta tua sem que imediatamente, fiquemos na companhia um do outro”. (SÊNECA, Epístola 40, *apud* TIN, 2005, p. 24).

fâmulos para esse serviço. Impérios mantinham estradas e organizavam serviços de posta para obter uma comunicação eficiente e, eventualmente, serviços postais passaram a ser oferecidos, mediante pagamento, à população capaz de fazer uso deles.

Atualmente a circulação das cartas é competência dos Correios. A Lei Postal de 1978, no seu artigo 47, define correspondência postal como “o objeto que contém comunicação ou nota atual e pessoal, dirigida a outrem”. E, ainda, “carta é todo papel, mesmo sem envoltório, com comunicação ou nota atual e pessoal”. Também são consideradas cartas “todo objeto de correspondência com endereço, cujo conteúdo só possa ser desvendado por violação”. (Lei 6.538/78).

Na década de 1840, vários países ocidentais modificaram seus sistemas de correio. A Inglaterra foi o primeiro deles com a implantação do *Penny Post*²⁵, que tornou simples e barato expedir cartas e transformou a correspondência num hábito. O volume de cartas expedidas nesse país dobrou já no primeiro ano de funcionamento do novo sistema e multiplicou-se muitas vezes nas décadas seguintes. Como assinala Peter Gay, rapidamente "escrever cartas passou a ser

²⁵ A reforma postal inglesa, implantada por Sir Rowland Hill, estabeleceu o *Penny post* - modalidade de postagem - e fixou que “todas as cartas deviam ser pagas pelo expedidor, com um porte uniforme estabelecido pelo correio - um *penny* para as cartas pesando menos de catorze gramas”. Antes desta reforma, o serviço postal inglês “estava perdido em uma confusão de regulamentos que traziam grandes inconvenientes e tornavam as taxas exorbitantes”, a distância e o peso da carta multiplicavam o valor do porte que era pesado mesmo para os “melhores” e inviável para os pobres. “Pior ainda: o tráfego postal não era seguro, estava exposto a extravios, furtos, contrabando e atrasos extraordinários”, conforme Peter Gay. (1990, p. 342/3).

uma ocupação importante das pessoas alfabetizadas”.(1999, p. 342-343). Nos Estados Unidos realizou-se uma reforma semelhante em 1848. (GAY, 1999, p. 342-343). No Brasil, a adoção do modelo inglês se deu em 1842.²⁶

Uma outra mudança significativa, desta vez no tempo transcorrido entre a expedição e o recebimento das cartas, ocorreu com a criação do correio aéreo nos anos 1920, assim registrado por Saint-Exupéry:

Os três aviões postais da Patagônia, do Chile e do Paraguai voltavam assim do sul, do oeste e do norte para Buenos Aires, onde se aguardava sua carga para dar o sinal de partida, por volta da meia noite, ao avião da Europa. (1975, p. 21).

Essas questões – correios, selos, malas postais - não são apenas ilustração histórica. No âmbito das cartas que compõem o *corpus* documental deste estudo, elas se destacam e reverberam nas práticas. Em carta datada de 16 de março de 1928, enviada de Londres, Mozart Antunes Maciel²⁷, escreve à mãe:

²⁶ A Reforma de 1842 adotou o selo postal e o pagamento da postagem pelo remetente. Disponível em <http://www.correios.com.br>. Acesso em 10/07/2006.

²⁷ Mozart é um dos correspondentes do conjunto Maciel, juntamente com a avó Amélia, que é a Baronesa de Três Serros, e com o irmão Rubens. A destinatária das cartas é sempre sua mãe, Sinhá. Todas as cartas deste conjunto fazem parte do acervo do Museu da Baronesa, em Pelotas, RS, por essa razão, de ora em diante omitirei o local onde estão as cartas que o integram.

No caso de eu poder voltar imediatamente, pede ao Papae²⁸ que, como da primeira vez, encha um cheque de 100 (custo da passagem) Libras, que tú mesma me enviarás juncto com algumas recommendações que julgues necessarias; e si puderes, não deixes de aproveitar o correio aereo (cuja primeira “mala” dahi já foi distribuida hontem em Paris), que significa uma economia de tempo de mais de 20 dias. (Carta de 16 de março de 1928).

O correio pode ser rápido, o portador pode ser carta viva, o mensageiro pode não se desincumbir a contento de sua tarefa, a censura pode apagar parágrafos, o estafeta pode não ser confiável, as repartições podem evaporar cartas. O tema palpitante do funcionamento dos Correios é assunto nas cartas e modifica as práticas de correspondência. Ainda em 1909, tecia a Baronesa Amélia considerações sobre esse assunto:

Vejo o que me dizes, sobre a demóra de minhas cartas, o que justamente tem acontecido com as tuas, pois a ultima que recebi, antes d'esta, foi de 3 de Maio! [...] Nas cartas que citas, não está a minha de 4. Evapôrar-se-hia? Além d'essas, escrevi-te tambem a 15, 20, e 26, (mais ou menos) do passado, que já devem estar em teu poder, si não seguiram outro rumo, no caminho, fazendo o mesmo que, as que me dizes ter escripto! Como andam estas nossas repartições, em compléta

²⁸ Por razões de fidedignidade optei por conservar a grafia original de cartas e manuais, com sua ortografia de época e idiosincrasias pessoais, sem utilizar [sic] por conta do excessivo número dessas ocorrências.

anarchia! Procura escrever em papel fino, para não avolumar as cartas, a vê si não desafiam a curiosidade dos carteiros (Carta do Rio de Janeiro de 8 de Junho de 1909).

Um carteiro curioso, xeretando cartas, impedindo que as cartas cheguem a seu destino, é o pior pesadelo do correspondente: o pacto epistolar não se cumpre quando uma carta fica sem resposta e a intimidade é, ou pode ser, violada, tudo a uma só vez.

O prazer das cartas que chegam, a angústia das cartas que se perdem, a espera pelas cartas que demoram. As condições de possibilidade de manutenção do comércio epistolar²⁹ atravessam as práticas e são tratadas, ao lado dos temas da vida privada, rotineiramente nas cartas. Compõem o mosaico dos usos diferenciados, das apropriações, dos efeitos de sentido da escrita epistolar.

Os discursos implicados nas práticas de correspondência

A escritura é “a atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi

²⁹ Entendo por comércio epistolar a simples troca de cartas, regular ou não, entre dois correspondentes. No mesmo sentido em que Roquete ([1866]), 1977, p. 268) emprega esta expressão em seu manual.

previamente isolado”. (CERTEAU, 1994, p. 225). Escrever é traçar na página, por “uma série de operações articuladas gestuais e mentais”, trajetórias que desenham frases e, por fim, um sistema. (CERTEAU, 1994, p. 225).

A página³⁰, o texto³¹, o jogo escriturístico³² e o terreno cultural e social no qual esse jogo acontece, são elementos a considerar no empreendimento epistolar. Uma carta é um objeto escrito. Escrito por um missivista que traça, com seus gestos sobre a página, frases que querem dizer algo a alguém. Esse produto escriturístico nunca é neutro.³³

³⁰ A página “estabelece o afastamento e a distância de um sujeito em relação a uma área de atividades. Oferece-se a uma operação parcial, mas controlável. [...] Coloca-se uma superfície autônoma sob o olhar do sujeito que assim dá a si mesmo o campo de um fazer próprio..”. (CERTEAU, 1994, p. 225).

³¹ O texto: na página se constrói um texto, “fragmentos ou materiais lingüísticos são aí tratados (usinados...) neste espaço, segundo métodos explicitáveis de modo a produzir uma ordem [...] Noutras palavras, “na página em branco, uma prática itinerante, progressiva e regulamentada (...) compõem o artefato de um outro mundo, agora não recebido, mas fabricado. O modelo de uma razão produtora escreve-se sobre o não lugar da folha de papel”.(CERTEAU, 1994, p. 225).

³² O jogo escriturístico: não é apenas um jogo, “tem como sentido remeter à realidade de que se distinguiu *em vista de mudá-la* [...]”. O laboratório da escritura tem como função ‘estratégica’: ou fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligida, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o mundo e transformá-lo. A ilha da página é um local de passagem onde se opera uma inversão industrial: o que entra nela é um ‘recebido’, o que sai dela é um ‘produto’. As coisas que entram na página são sinais de uma ‘passividade’ do sujeito em face de uma tradição; aquelas que saem dela são as marcas de seu poder de fabricar objetos”. (CERTEAU, 1994, p. 226, grifos do autor).

³³ “A empresa escriturística transforma ou conserva dentro de si aquilo que recebe de seu meio circunstancial e cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior”. (CERTEAU, 1994, p. 226).

A página em branco, lugar de produção do sujeito, lugar desenfeitado das ambigüidades do mundo, (CERTEAU, 1994, p. 225) é também o “grande deserto a ser atravessado, nunca atravessado” (BACHELARD, 2002, p. 109) que pode assombrar o missivista mais calejado.

No ato/gesto epistolográfico, missivistas, a partir de um repertório compartilhado de palavras, conceitos, modelos, gestos e costumes, pensam e expressam um mundo exterior ao empreendimento escriturístico em que se empenham. Neste estudo são re-significados por protagonistas e cenários – os correspondentes, as correspondências e o exterior sobre o qual versam. A materialidade da escritura tem implicações: o papel, o envelope, a pena/caneta - os instrumentos da escrita; o lugar de escrever; a distribuição do escrito na página; a ordem em que os assuntos aparecem; o estilo adotado; os espaços deixados em branco; as normas epistolares (obedecidas ou não), tudo isso provoca efeitos sobre os missivistas – sobre quem escreve e sobre quem recebe que, por sua vez, lê e escreve em resposta.

A materialidade da escritura pode (ou antes, pretende), conformar a leitura que será feita pelo destinatário, ao induzir tal ou qual compreensão, insinuar o indescritível, expor determinadas impressões e sentidos. Pode, ainda, expressar convicções sobre a posição (social, econômica, política) dos interlocutores do pacto epistolar.

A carta não é uma invenção dos séculos XVI e XVII, mas é neste período que adquire importância como instrumento de comunicação social, escreve Castillo Gomes (2006, p. 19). Na época moderna, o crescimento da alfabetização e a consciência do desenraizamento, devido a guerras e à emigração, fizeram possível uma maior produção e extensão social da correspondência escrita.

É no século XIX que as novas formas da cultura escrita se impõem e as relações epistolares acabam por matizar³⁴ toda a vida social, um aspecto do processo em que se *“mettre a la portée de toute une société prise de gré ou de force dans les entrelacs de l’écrit”*.³⁵ (DAUPHIN, 2000, p. 12).

O romance Drácula (STOKER,[1897] 2007) é uma amostra desta sociedade atravessada pela escritura. Publicado no final do século XIX, o livro se organiza inteiramente sobre testemunhos escritos - o diário de Jonathan Harker, as cartas de Mina Murray, os telegramas, as notícias publicadas no Daily Telegraph - que constroem a atmosfera de verossimilhança em torno da história do vampiro romeno que, por um curto período, assombra Londres.

Num mundo que se torna cada vez mais grafológico, a correspondência *“reste l’exercice par excellence qui fait accéder a l’univers de l’écrit”*³⁶ (DAUPHIN, 2000, p. 12). Esse é o tempo em que todos e qualquer um³⁷, em alguma ocasião,

³⁴ *Émailler* no original. (Dauphin, 2000, p. 12).

³⁵ “Coloca toda uma sociedade, voluntária ou forçosamente, nos traçados do escrito”. [trad. livre].

³⁶ “Torna-se o exercício por excelência que dá acesso ao 'universo do escrito’”. [trad. livre].

³⁷ “Gentes de pluma e sem ela”, nas palavras de Castillo Gomes, 2006, p.19.

precisou escrever cartas, acessar este universo, daí o significativo sucesso dos manuais de escrita epistolar do século XIX.

Os manuais difundem as normas epistolares, um modo correto de colocar-se por escrito, de dirigir-se ao destinatário, de usar o papel. Os manuais são instrumentos para organizar o estilo de escrever cartas e o êxito que experimentam está vinculado ao avanço da alfabetização e da necessidade de escrever cartas. (CASTILLO GOMES, 2006, p. 36).

Os manuais são sempre pedagógicos. (Dauphin, 2000, p. 10). Servem para ensinar não só às pessoas com menos habilidade gráfica, mas, também, às pessoas com menos traquejo ou habilidade social. Uma das coisas de que os manuais se ocupam repetidamente é esclarecer como se deve dirigir cartas a destinatários de diferentes posições e condição social.

O conjunto de saberes necessários que está no foco dos manuais com relação à escrita de cartas, inclui instruções para suprir a falta da habilidade exigida para uma adequada expressão escrita do relacionamento: afetivo, familiar, comercial, social, intelectual, científico. Talvez seja melhor dizer tantos tipos de relacionamentos quantos possam existir, tal qual defendiam os apologistas da correspondência. Inclui, igualmente, instruções que dizem respeito às relações sociais que uma carta estabelece ou mantém e que se ocupam tanto do como uma carta deve parecer, isto é, de seus exteriores, como dos tratamentos a serem

empregados conforme a qualidade, o gênero, a idade, a função e a posição do destinatário e do remetente.

Todo manual traz regras para cada ocasião em que uma carta deveria ou poderia ser enviada. Esses códigos, tão importantes quanto o conteúdo verbal da missiva, estabelecem uma imagem do remetente para o destinatário que, com um olhar para a carta recebida poderia afirmar que se trata de uma pessoa fina, letrada, educada, ou, ao contrário, poderia dizer que não se trata absolutamente de uma pessoa com estas qualidades.

Gaspar Tejada escreve em seu manual: “as cartas são projeções simbólicas de quem as escreve ou ordena e o secretário deve escrever as cartas de modo a que expressem a autoridade de seu senhor”. (*apud* CASTILLO GOMES, 2006, p. 40). Tomando as cartas de uma forma similar, isto é, como expressão de quem a escreve ou ordena, Lucia Jordão Villela afirma em seu manual: “uma carta é quase que o retrato de uma pessoa. Quem escreve deve, pois, dar toda atenção ao aspecto de sua missiva”. (VILLELA, 1967, p. 260).

Se, por um lado, as cartas permitem ao destinatário formar uma imagem de seu autor, por outro, revelam, por seus indícios, a situação social que o remetente entende ser a de seu interlocutor. Isto se dá por muitos pequenos cuidados que os manuais recomendam e que crescem junto com a importância do destinatário. Que dizer dos brancos da página, dos formais Exmo. Senhor e Caro Mestre? Que dizer do tamanho do papel (existia até um papel ministro, enorme, a ser

empregado nas cartas oficiais dirigidas a altas autoridades). Que dizer do tamanho do sinete, da qualidade do sobrescrito?

E quando a qualificação se dá às avessas como no emprego de um papel de pouca qualidade, ou da escrita em meia folha? Ou ainda quando a pessoa não é tratada pelo apelativo correto? O destinatário pode avaliar negativamente o missivista por sua ignorância das normas ou por seu descaso em relação a elas ou, mais grave, pode julgá-los intencionais e ofender-se. Em qualquer dos casos a situação social do missivista é afetada.

O sucesso dos manuais está diretamente relacionado ao desejo de ser social e culturalmente apto, de colocar-se em um bom lugar na sociedade escriturística. Na falta de uma aptidão de berço ou de formação, o manual oferece a chance de parecer social e culturalmente adequado.

Esta habilidade, a de enviar uma carta em todos os sentidos adequada, é mais um marcador social que evidencia a origem de classe de seu autor, assim como o fazem a fala com acento de origem popular, o tempo de permanência na escola, a prática de determinados esportes e o bronzeado da pele, ou, dependendo da época, a falta dele, entre tantos outros indícios de pertencimento social.

Enfatizando as relações entre as cartas e a vida social, Castillo Gomes diz que linguagem e cortesia são aspectos fundamentais do discurso epistolar e da distinção, como práticas da sociedade cortesã. (CASTILLO GOMES, 2006, p. 42).

Dauphin reforça a idéia de que a epistolografia e a vida social são presididas pela mesma norma,

[...] écrire une lettre est en soi une cérémonie comme le connote le terme de céréémonial qui désigne la façon de s'adresser à l'autre. Ce lexique commun à la lettre e à la scène sociale suggère que la rationalité de la norme épistolaire régit aussi la vie de tout le jours³⁸.(DAUPHIN, 2000, p. 12).

Os tratados epistolares e as cartas, integrados no conjunto dos manuais de civilidade, contribuíram para a constituição e a expansão da civilidade cortesã, “*promovieron una específica educación de las costumbres y de los gestos, o, lo que es lo mismo, un determinado código de representación y un inconsciente político capaz de ejercer su control social a través de los usos de la lengua oral y escrita*”. (CASTILLO GOMES, 2006, p. 43).

Enquanto o uso da correspondência se impõe em todos os domínios, a distribuição do *savoir-faire* epistolar não é uniforme. Cada situação de escritura deve ajustar à norma os rudimentos de um saber incerto, reinventar as mediações que ajudam a converter um ato de comunicação em texto corretamente dirigido e formulado. (DAUPHIN, 2000, p. 13).

³⁸ “[...] escrever uma carta é em si uma cerimônia como conota o termo cerimonial que designa o modo de se dirigir ao outro. Este léxico, comum à carta e à cena social, sugere que a racionalidade da norma epistolar rege também a vida de todos os dias”. [trad. livre].

A organização do texto e sua materialidade eram aspectos que convertiam a carta em um artefato capaz de representar as regras do pacto social e, portanto, capazes de projetar uma imagem de quem a escreveu e de sua posição naquela sociedade. Alterar as regras de escritura das cartas implicava romper o pacto social (CASTILLO GOMES, 2006, p. 55). Saber escrever significava também saber o que é conveniente e o que é decente dizer por escrito “*a l’ordre d’une culture, d’un gout, d’une liberté de parole*”.³⁹ (DAUPHIN, 2000, p. 13).

A liberdade de palavra, como na Grécia antiga, não é a liberdade para dizer o indizível, mas a liberdade para dizer o adequado. Há coisas que não devem ser ditas e muito menos escritas uma vez que, e os manuais encarregam-se de afirmá-lo repetidas vezes, *scripta manent*⁴⁰ - a escrita permanece - enquanto “as palavras passam, ou esquecem, o que se escreve fica, ‘*scripta manent*’”. (ROQUETTE, [1866]1997, p. 267).

A partir do século XVI, diversas obras traziam modelos e normas para a prática da correspondência e foram publicadas tentando “estruturar pequenos

³⁹ “À ordem de uma cultura, de um gosto, de uma liberdade de palavra”. (Trad. livre].

⁴⁰ A mesma expressão é utilizada por José Tavares de Miranda (1965, p. 105): “[...] *verba volant, scripta manent*”, isto é, todo o cuidado é pouco” e por Lea Silva (1962, p. 40), em português, no manual intitulado *Em Sociedade*, que afirma: “[...] as palavras o vento leva, diz a velha máxima, mas as palavras escritas ficam para a posteridade”. Também Emília de Souza Costa (1943, p. 367) repete o lema: “Se as palavras faladas o vento leva, segundo avisam as velhas e sábias máximas, as palavras escritas ficam e podem ser apreciadas por amigos e inimigos”.

conjuntos de regras que podiam referir-se, por exemplo, às formas dos cabeçalhos e das frases de despedida”. (DAUPHIN, 2000, p. 44).

Os apelativos ou vocativos, como se lê em alguns manuais, são a forma de tratamento empregada nas cartas. Como para tudo mais, há um código que rege e organiza o emprego destes vocativos para que as exigências de cortesia, inerentes à cerimônia das cartas, sejam cumpridas. Os manuais, inevitavelmente, se ocupam deles porque são considerados dispositivos essenciais das regras de convivência.

Os manuais que consultei⁴¹ abordam essas fórmulas com maior ou menor atenção, dependendo do enfoque adotado pelo autor. Miranda (1965), o

⁴¹ São doze manuais de civilidade com um capítulo dedicado à correspondência e um manual exclusivamente de correspondência: BERNAGE, Berthe. **Arte das boas maneiras: moderno manual de boa educação e civilidade**. Tradução de Irene Fernanda dos Santos. Lisboa: Portugália Editora, 1967; CARVALHO, Marcelino de. **Guia de Boas Maneiras**. Ilustrações de Dorca. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975; CASTANHO, Iracema Soares. **Etiqueta social**. 8 ed. São Paulo: Editora Universitária, 1955; Condessa de GENCÉ. **Tratado de civilidade e etiqueta**. 2 ed. Revista e corrigida por Maria Benedicta Mousinho d'Albuquerque Pinto. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & Cº, s.d; COSTA, Emília de Sousa. **Na Sociedade e na Família**. 4 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1943; D'ÁVILA, Carmen. **Boas maneiras**. Ilustrações de Noemia. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Civilização Brasileira S.A., 1942; MIRANDA, José Tavares de. **Boas Maneiras: e outras maneiras**. Ilustrações de Nelson Coletti. São Paulo: Bestseller Importadora de Livros S.A., 1965;; ROQUETTE, JI, **Código do Bom-Tom, ou Regras da civilidade e do Bem viver no século XIX**. Lilia Moritz Shwarcz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, [1866]1997; SILVA, Léa. **Em Sociedade: Etiqueta Social através da História**. 4 ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Livraria Freitas Bastos S.A., 1962; VANDERBILT, Amy. **O Livro de Etiqueta: um guia para a vida elegante**. Tradução de Abiah Lopes. São Paulo: São Paulo Editora S.A. (Distribuidora Récord, RJ), 1962; VILLELA, Lúcia Jordão (Trad. e adapt.). **Saber viver**. São Paulo: Livraria Editora Flamboyant, 1967. Ela Enciclopédia. Título original: *Le savoir-vivre, Collection "Femmes d'Aujourd'hui"*, 1961, Bruxelles; WALDVOGEL, Luiz. **A Excelência das**

manualista que parece não gostar de cartas⁴², depois de atribuir a função de oferecer modelos aos “massudos volumes tipo secretário epistolar” (MIRANDA, 1965, p.109), ocupa-se das formas de tratamento em um único parágrafo, e afirma, resumindo, que “o ‘Ilustríssimo Senhor’ ou o ‘Excelentíssimo Senhor’ cabem para a maioria dos casos em que haja cerimônia. Eminência é tratamento para cardeal”, e arrola mais uns poucos vocativos de uso específico: Monsenhor, Meritíssimo, Magnífico Reitor, Senhor General, por exemplo. (MIRANDA, 1965, p. 110).

A maioria dos manuais organiza-se de outra maneira e parece dar maior importância, do que Miranda, aos inícios das cartas, ou seja, aos vocativos. Para Iracema Castanho, o apelativo deve agradar a quem escreve, mas deve ser adequado – à intimidade entre os correspondentes, à idade e à posição social do destinatário – assim, entre amigas pode ser utilizado apenas um “Querida Helena” ou “Minha boa Amiga”, mas se houver entre elas “certa cerimônia”, se poderia dizer menos intimidade, então os apelativos apropriados seriam “Sra. Dona Helena” e “Prezada Senhora Freitas”.(CASTANHO, 1955, p.119-120).

Boas Maneiras: Serões de Tio Silas. 3 ed. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1964 e PÁDUA, L. A. **Cartas para todos os fins.** Rio de Janeiro: Multilivros, 1983.

⁴² Essa é minha impressão pessoal baseada em afirmativas do autor tais como: a arte de escrever cartas “é nos dias de hoje uma arte de tal maneira abandonada, esquecida, que vem a propósito o fossilizado termo – epistolografia”. (MIRANDA, 1965, p. 103). E, ainda, recomenda aos turistas que escrevam apenas “aqueles que realmente terão interesse em receber notícias suas”, do contrário, “Fuja desta tentação! T’esconjuro!” (*Ibid.*, p.107), e, falando de cartas formais, adverte, “quanto menos se escrever melhor” (*Idem*, p. 108).

Outros fatores, além dos acima arrolados, devem ser considerados ao empregar-se determinado apelativo, como o sexo dos correspondentes. Um cavalheiro dirigindo-se a uma senhora sempre mantém mais cerimônia. Iracema Castanho não oferece, neste caso – de correspondência mista, se poderia dizer? – uma opção de maior intimidade como o “querida amiga”, as sugestões são “Prezada Senhora – Minha Senhora ou Sr^a Dona Marieta”. (CASTANHO, 1955, p. 120).

No manual intitulado Boas Maneiras, de Carmen D’Ávila (1942), encontra-se o mesmo padrão no que se refere aos apelativos. Essa sessão do manual inicia prescrevendo a ordem e a colocação dos elementos da carta sobre a página e, prossegue, “os apelativos assim como o final das cartas variam segundo as relações, a posição social e idade do indivíduo. E aí temos um sem número de atenções a serem observadas”. (D’AVILA, 1942, p.168).

Na sequência, a autora prescreve os vocativos a serem utilizados pelo “homem” – não os denomina cavalheiros, mas homens - que escreve e aqueles que devem ser empregados pela “senhora” que escreve. Para cada um deles define a apelação adequada à situação em que se dá a correspondência. Minúcias são observadas, um homem para escrever a um professor utiliza “Sr. Professor”, mas para dirigir-se “a um professor da Universidade pode-se usar: Meu caro Mestre”. (D’AVILA, 1942, p. 168).

Além da ocupação do destinatário, a posição do remetente em relação a pessoa a quem a carta é dirigida também modifica a situação, assim: “Aos médicos, um inferior escreve: - Sr. Doutor, ou Doutor Y., De igual – Caro Doutor”. (D’AVILA, 1942, p. 169). Além desses aqui citados, a autora oferece a seus leitores uma pequena lista de apelativos que poderia ser consultada em caso de dúvidas.

Detalhe, quando escrevem às Senhoras - embora Carmen D’Ávila (1942, p. 169) não explicita e diga apenas que eles devem utilizar sempre as “fórmulas de respeito” - os homens devem buscar os apelativos na relação que contempla as cartas dirigidas por inferior a superior. Os homens, na correspondência, devem colocar-se abaixo na escala social. Já as senhoras aparentemente não escrevem senão a outras senhoras pois a relação considera somente as cartas escritas “de inferior a superior”, “entre iguais”, “às inferiores”, “às titulares”, e “entre colegas”. Além de a lista ser inteiramente feminina, os exemplos também o são: “Prezada Senhora”, “Prezada Amiga”, “Minha boa Joana”, “Condessa Y”. e, finalmente, “Cara Colega” (D’AVILA, 1942, p. 169). O mesmo não se verifica nos fechos de cartas, há opções de encerramento para cartas dirigidas “por uma senhora a um homem”, caso em que a senhora “será sempre discreta”, não empregando as fórmulas de respeito. (D’AVILA, 1942, p.170).

Estas fórmulas de respeito “um homem, dirigindo-se a uma senhora usa sempre”, encerrando suas cartas com “Aproveitando o ensejo de apresentar a V.

Excia. Os meus respeitosos cumprimentos..”, ou “com a expressão dos meus respeitos e consideração”, ou, ainda, “beijo-lhe as mãos. Respeitosa homenagem”. (D’AVILA, 1942, p. 170-1).

Uma carta de Frédéric Chopin, datada de 1826, enviada a um jovem amigo, é exemplar em relação ao uso dos respeitos: “enviamos nossos respeitos ao teu Papai; para ti os cumprimentos, pois ainda não tens direito aos respeitos” (CHOPIN, 2007, p. 51). Assim, provavelmente é a idade que confere esse direito.

Lea Silva (1962, p.45), autora de *Em Sociedade. Etiqueta Social através da História*, de 1962, escreve: “há uma infinidade de expressões delicadas e distintas com as quais poderemos iniciar uma carta” e se propõe a “lembrar algumas das mais conhecidas que naturalmente variam segundo as relações e a posição social de cada indivíduo”.

Há uma clara similaridade com a obra de Carmen D’Ávila em vários dos apelativos arrolados por Lea Silva, inclusive o “Sr. Professor” e o “Meu Caro Mestre”, para “professor” e “professor da Universidade” aparecem de forma igual. Entretanto, neste último, os homens e senhoras não estão organizados da mesma maneira, a lista inicial parece ser para utilização de ambos e a autora incluiu a possibilidade de carta dirigida “a uma professora”, que deveria ser tratada por “Sra. Professora” (SILVA, 1962, p.45), embora não tenha acrescentado também uma professora da Universidade. Lúcia Jordão Villela (1967, p. 261) também segue a norma do “Sr. Professor” e do “Meu caro Mestre”, como referido antes.

Waldvogel (1975), em seu *Serões do Tio Silas*, instruindo pretensos sobrinhos sobre correspondências, recomenda apenas o uso de “Excelentíssimo Senhor (Exmo. Sr.), ou Ilustríssimo Senhor (Ilmo. Sr.)” para todos, exceção feita ao Presidente da República, ministros, altas patentes militares, cargos eletivos e funções diplomáticas, que devem ser tratados por “‘Sua Excelência’ (Sua Excia.)”. (WALDVOGEL, 1975, p.112).

Amy Vanderbilt (1962), a Condessa de Gencé⁴³ (s/d) e Marcelino de Carvalho (1975) são exceções. Amy Vanderbilt omite completamente os vocativos em seu manual, a Condessa de Gencé não entra em detalhes em relação aos apelativos, prescreve apenas o uso de “Exma Senhora – ou por Exmo. Senhor”, e alerta, “a fórmula democrática não significa menos consideração a pessoa a quem nos dirigimos” (GENCÉ, s/d, p.176), em seus exemplos a Condessa utiliza “senhor, minha senhora, meu querido tio, meus queridos paes, etc [...]”. (GENCÉ, s/d, p.176).

Marcelino de Carvalho, não aborda os apelativos, ao contrário, afirma que a preocupação em ser adequado deve restringir-se aos envelopes porque “dentro da carta cada qual pode fazer o que bem entenda, porque somente a ele e à

⁴³ De acordo com Maria Teresa Santos Cunha (2004, p.4), o *Tratado de Civilidade e Etiqueta da Condessa de Gencé* teve sua primeira edição publicada na França em 1895, em 1909 apareceu a primeira tradução em português que foi publicada pela Livraria Editora Guimarães & Cia. de Lisboa. Esse manual de civilidade, já se encontrava na 8ª edição em 1925. A edição de que disponho não informa a data de publicação.

pessoa a quem se dirige, competem estilo e expressões”. (CARVALHO, 1975, p. 89).

Alguns autores, poucos, prescrevem até mesmo fórmulas para dirigir-se aos pais e familiares⁴⁴, outros autores marcam a liberdade que caracteriza as cartas íntimas: “a carta que se envia aos amigos íntimos e aos paes escapa ás convenções e ás fórmulas calculadas. A afeição é a melhor conselheira do estylo destinado aos entes queridos”, escreve a Condessa de Gencé (s/d, p.12). Neste aspecto, cartas podem ser surpreendentes. Vincent Van Gogh, despede-se algumas vezes do irmão, Théo, com um prosaico aperto de mão: “Nada de Gaughin, espero receber tua carta amanhã, perdoe minha indolência. Aperto de mão”. (VAN GOGH, 2008, p.227).

O manual de Lúcia Jordão Villela (1967), que afirma que a carta é quase o retrato do remetente , alinha uma série de recomendações do tipo: não escrever atravessado, não abreviar em demasia, evitar *post-scriptum*, não assinar *post-scriptum*, passar a limpo cartas com borrões ou correções numerosas. A seguir passa à pergunta crucial: “como iniciar uma carta?” cuja resposta já é conhecida: deve-se iniciar uma carta escolhendo entre o “grande número de fórmulas” disponíveis no “código da cortesia”, aquela adequada “a idade, a posição social, as relações entre o missivista e o destinatário”. (VILELLA, 1967, p.. 261).

⁴⁴ Como Villela (1967, p. 261): “Cara Tia Carolina, Minha Cara Tia, Querida Tia Carolina”, e Lea Silva (1962, p.45): “‘Querido papae’, ‘Querida e bondosa Mamãe’”.

E como terminar uma carta? De novo, afirma-se a variedade de fórmulas existentes entre as quais se escolherá a adequada para cartas “entre iguais”, “entre senhoras”, “de um homem a uma senhora”, “de uma senhora a um homem”, “nas cartas de negócios”, “numa carta de negócio”, “numa carta oficial de agradecimento” ou “aos eclesiásticos”. (VILELLA, 1967, p. 262- 264).

Para Emília de Souza Costa (1943, p. 368), “o que muitas vezes torna difícil a factura duma carta é a expressão das idéias pelas quais deve principiar-se e das primeiras e últimas fórmulas”, e sustenta: “a escolha destas fórmulas é quase sempre indicação certa da educação de quem as escolheu”, o que remete novamente para a questão da capacidade de escrever uma boa carta como indício da situação social de seu autor.

Esta autora, ao contrário dos anteriores, não separa as fórmulas iniciais e as finais. Organiza suas “breves noções” considerando a posição do destinatário da correspondência - superior, igual ou inferior - e em seguida cartas dirigidas “do homem a senhora”, “de senhora a um homem” e “de senhora a outra” e em cada uma dessas possibilidades sugere fórmulas para iniciar e para encerrar a correspondência. (COSTA, 1943, p. 368 a 372).

A ausência de uma sessão *de homem a outro*, sugere que a primeira parte - a das cartas dirigidas a superior, igual ou inferior - diz respeito a cartas masculinas, escritas por e para homens, os vocativos utilizados no exemplo corroboram esta inferência. Em “Ao superior”, explica Emília de Souza Costa

(1943, p. 368-9), quando se trata de carta dirigida “a superior, a pessoa de idade, a quem se deve respeito pela alta posição ou categoria”, usa-se excelentíssimo: “Exmo. Sr. ou Meu Exmo. Amigo, segundo as relações”. Em seguida, apresenta “a forma final”, da qual apresenta seis diferentes possibilidades, entre elas, “apresento a V. Ex^a. a respeitosa homenagem da minha maior veneração” e, quando uma maior familiaridade autoriza, “digne-se V. Ex^a., aceitar a expressão da minha respeitosa simpatia”.

Voltando às expressões respeitadas, nas prescrições de Emília de Souza Costa, das seis fórmulas de encerramento que podem ser empregadas em carta dirigida a um superior⁴⁵, três têm a palavra respeito em sua composição e nenhuma das fórmulas listadas para cartas a iguais⁴⁶ ou inferiores⁴⁷, cinco e quatro fórmulas, respectivamente, utiliza as palavras respeito ou respeitosamente.

Por outro lado, assim como Carmen D’Ávila (1942, p. 170), mas de forma explícita, Emília Souza Costa recomenda:

⁴⁵ Além das já citadas acima: “[1] A V. Ex^a., a expressão sincera da minha mais alta consideração. [2] Digne-se V. Ex^a. a aceitar os meus protestos de maior reconhecimento e subida consideração. [3] Com o mais vivo sentimento se confessa eternamente grato. [4] Tenho a honra de ser, com o maior respeito, de V. Ex^a., amigo dedicado e muito grato”. (Costa, 1943, p. 24).

⁴⁶ “[1]Apresento-lhe a expressão dos meus mais afectuosos sentimentos. [2] Receba os Cumprimentos sinceramente amigos de... [3] A expressão sincera de minha mais cordial simpatia. [4] Peço-lhe que aceite, com todos os seus, os mais ardentes votos pela sua felicidade. [5] Amigo sincero e afectuoso. Cordial aperto de mão”. (*Id.*, 1943, p.24).

⁴⁷ “[1] Asseguro-lhe minha perfeita consideração. [2] Protestos de verdadeira estima de... [3] Receba meus cumprimentos... [4] Seu muito amigo – seu amigo verdadeiro”. (*Id.*, 1943, p.25).

As cartas do homem a senhora, seja qual for a familiaridade das relações mútuas, devem terminar sempre por fórmula respeitosa. Podem servir algumas das que damos sob a rubrica de inferior para um superior.

No alto da página, do lado direito:

Exma. Senhora, Exma. Senhora e Amiga – Muito respeitosa esta fórmula: - Exma. Senhora do meu maior respeito e consideração. (COSTA, 1943, p. 370).

Berte Bernage é taxativa no que se refere à importância de empregar o começo e fecho da carta corretos: “há mil e uma fórmulas diferentes, que se empregam conforme o caso, e a mínima incorreção pode dar péssima idéia de nossa educação”.(BERNAGE, 1967, p. 122). Depois desta declaração, a autora relaciona as possibilidades de começo distribuindo-as sob onze títulos, por exemplo, “entre homens”, “de uma senhora para um homem”, “de um homem para uma senhora”, “em família”, e outras variações em torno das rubricas usuais nos manuais. (BERNAGE, 1967, p. 122). Mantém-se o “homem” e o “senhora”, mantém-se também a recomendação de empregar as fórmulas de respeito para dirigir-se a senhoras. Os fechos de carta “são ainda mais numerosos e importantes que as fórmulas do começo” (BERNAGE, 1967, p. 123), embora não diga porque assim o considera.

A apreciação conjunta destes manuais delinea, pouco a pouco, um quadro de regularidades. Através dos exemplos, pode-se perceber que os fechos de cartas de senhoras dificilmente incluem as palavras respeito e respeitosamente, ao contrário dos fechos de cartas de homens, que as incluem quase sempre

quando se trata das “fórmulas de respeito”. Respeito é palavra que se oferece a superiores, não a inferiores, sequer entre iguais (D’ÁVILA, 1942, p. 170-171 e SILVA, 1962, p. 46-48). Outro aspecto que se destaca é a ausência de referência ao sexo de remetentes e destinatários entre os fatores a considerar arrolados pelos manualistas ao escolher um apelativo – os fatores são, repetidamente, idade, posição social, relações (Carvalho substitui relações por intimidade entre os remetentes). Todavia, após estabelecer os requisitos a considerar, os autores dividem suas sugestões de apelativos entre homens e senhoras que, por certo, foi um fator que ponderaram ao listarem suas sugestões.

Em seu Código do Bom-tom, manual de civilidade português, reeditado várias vezes no século XIX, o Cônego J. I. Roquette ([1866] 1997, p. 266-270) assegura “depois das visitas e da conversação, o laço social mais extenso e variado é a comunicação epistolar”. Por essa razão, o Cônego incluiu em seu livro um longo capítulo sobre as cartas, ocupando-se de todos os aspectos - o papel, a caligrafia, a composição – sugerindo, ainda, variados modelos para esse tipo de escrita. As cartas devem ser claramente escritas, com boa letra e sem erros de ortografia ou gramática.

Para esse autor, há possibilidade de diferenciação social pela conformação da correspondência. A aparência externa da carta deve estar de acordo com a condição de seu destinatário e, de certa maneira, a declara. Ao discorrer sobre os materiais de escrita adverte que “escrever em papel grosso, em meia folha, só

para os criados de escada abaixo, e para o vulgo” (ROQUETTE, [1866] 1997, p. 270), já ao escrever-se cartas que “vão a presença del-rei”, dobra-se o papel em quatro partes iguais e escreve-se somente na quarta parte. (ROQUETTE, [1866] 1997, p. 272).

Essa questão hierárquica havia de ser complicada. Roquette enfatiza os cuidados que devem ser adotados, não somente no que se refere à imagem de bom gosto, distinção, refinamento e polidez, que se quer criar no interlocutor (e que se pode obter utilizando bom papel, sobrescritando envelopes que estejam de acordo com o papel utilizado, cuidando a largura das margens), mas também na escrita mesma das cartas. No que se refere às despedidas, por exemplo, aconselha “as palavras *consideração*, *estima*, não se devem nunca empregar de inferior para superior; porque só a este pertence dar consideração e estima; aquele é feliz quando a merece”. (ROQUETTE, [1866] 1997, p. 275).

O sinete, segundo Roquette ([1866] 1997, p. 278), deveria estar disponível em três tamanhos diferentes: pequeno para os grandes, médio para os iguais, e grande para os inferiores. A assinatura e posição da assinatura na página, seu distanciamento em relação ao corpo da carta indicam a proximidade da relação entre os correspondentes.⁴⁸

⁴⁸ “O nome deve pôr-se no fim da página, à direita, quando se escreve a pessoa de grande qualidade; para pessoas menos autorizadas põe-se pouco abaixo da conclusão; e para amigos quase ao pé”. (ROQUETTE, [1866], 1997, p. 276).

O sinete, que Roquette recomendava, caiu em desuso. Os manualistas de meados do século XX já contemplam este fato. Sintoma deste abandono é que os termos que designam o ato e os materiais envolvidos nesta prática são quase desconhecidos para nós. Roquette ([1866] 1997, p. 278) fala em obreia⁴⁹ ou sinete. Sinete é o utensílio usado para imprimir assinatura, monograma ou brasão, na cera que lacra a carta ou o envelope, mas a palavra designa também a marca que fica impressa sobre o lacre.⁵⁰

Além desses substantivos, há o verbo sinetar, isto é, marcar com sinete, que deviam empregar “nossos antepassados [quando] fechavam a carta com obreias ou com lacre sobre o qual imprimiam seu sinete” (COSTA, 1943, p. 367). Outros manualistas dizem que “embora não haja proibição para o sinete a etiquêta moderna aboliu seu emprego definitivamente” (SILVA, 1962, p. 51), ou “o lacre pode ser usado como requinte, mas está fora de moda”. (CARVALHO, 1975, p. 90). Atualmente, lacres e sinetes são artigos de exceção empregados em convites sofisticados e adquiridos junto a empresas especializadas em materiais de caligrafia.

⁴⁹ “Folha fina de massa de farinha de trigo usada para cerrar cartas”. (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 2043).

⁵⁰ “Preparado resinoso usado para fechar ou selar cartas e determinados objetos, e que garante inviolabilidade, por ser fluido, quando aquecido, e sólido ao esfriar-se”. (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 1790).

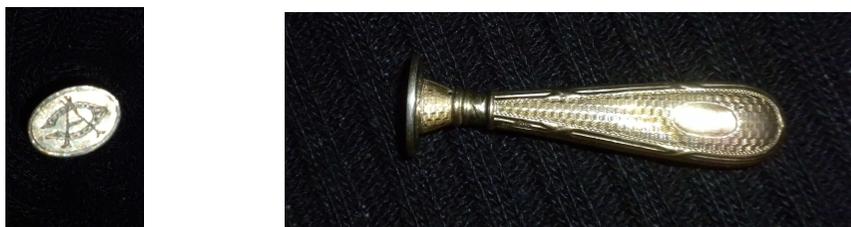


Figura 1 - Imagem frontal e lateral de sinete dourado.

No conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe ([1809] 2007), várias cartas sinetadas fazem parte do enredo e os sinetes ajudam a identificar a carta roubada que dá nome à história.

Instado a auxiliar no resgate da carta roubada, que já havia sido buscada pela polícia em todos os lugares possíveis - tais como pernas ocas de escrivaninhas, gavetas secretas, cofres, escaninhos - o protagonista, que visitava o culpado sob um pretexto qualquer, a localiza no lugar mais improvável:

Finalmente, meu olhar, enquanto percorria o circuito da sala, recaiu sobre um porta-papéis barato, feito de cartão comum filigranado, pendurado por uma fita azul e ensebada, presa a uma pequena maçaneta de latão abaixo do centro do tampo da lareira. Neste porta-papéis, que tinha três ou quatro compartimentos, tinham sido colocados cinco ou seis cartões de visita e um único envelope. Este último estava muito sujo e amassado. Tinha sido rasgado quase em dois, bem na metade, como se a intenção de rasgá-lo completamente, antes de jogá-lo fora como uma coisa inútil, tivesse sido alterada ou suspensa por uma decisão momentânea. Tinha um grande lacre negro, com sinete de D. colocado *muito* conspicuamente sobre ele, sendo dirigido, com letra pequena e feminina ao próprio ministro D. (POE, [1809] 2007, p. 32).

A aparência desta carta diferia radicalmente da carta roubada cujo lacre, “segundo a descrição, era pequeno e vermelho, com as armas ducais da família S”., assim “somente o tamanho das duas cartas estabelecia um ponto de semelhança entre elas”. (POE, [1809] 2007, p. 32). Mas, diz o protagonista que relata a história na primeira pessoa, a radicalidade da diferença e o pouco valor aparente da carta exposta no porta-papéis fizeram com que tivesse certeza de que aquela era a carta buscada. Isto posto, deixado a sós durante uma visita

[...] fui até o porta-papéis, peguei a carta, coloquei-a no bolso e substituí-a por outra muito semelhante (pelo menos em seu aspecto externo) que havia preparado cuidadosamente em minha casa, imitando o sinete de D., o que consegui facilmente com uma forma feita de massa de pão. (POE, [1809] 2007, p. 34).

Encontrada, a carta foi devolvida à aflita destinatária até então ameaçada de exposição pela divulgação do seu conteúdo.

Roquette redigiu suas recomendações sobre a adequação da carta à condição social do correspondente em meados do século XIX. Verónica Sierra Blás (2003) identifica ainda, nos manuais das décadas de 30 e 40, do século XX, a presença dessa preocupação, que também pode ser constatada nos manuais, brasileiros e portugueses, que estudei, mesmo naqueles publicados até a década de 1980.

Essas formas e formalidades só têm sentido se os sujeitos do comércio epistolar compartilham dos mesmos códigos, porque a forma da carta

[...] entraña un acto de comunicación que se debe interpretar a partir de los contextos de producción y recepción, valorando las estrategias culturales e ideológicas de las que se hace portador y las maneras en que se verifica la decodificación del mensaje, y incluyendo igualmente la reescritura que el texto puede experimentar una vez en manos del lector. (CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 104).

O gesto epistolar manifesta normas, e manifesta também a sua transgressão. A forma como uma carta é escrita revela a formação e a competência gráfica de seu autor e o “*seguimiento del protocolo de escritura que este emplea se convierte en un indicador de primera orden para situarle en una o en otra parte del entramado social*”. (SIERRA BLÁS, 2003, p. 28). Escrever bem, isto é, escrever conforme a norma – ortografia, sintaxe, caligrafia, estilo – utilizando os materiais adequados – bom papel, tinta escura, envelopes apropriados - é um marcador de distinção social. Por isso os manuais são um sucesso editorial tão duradouro? Será porque constituem uma possibilidade de superar barreiras de classe e de formação?

Os manuais podem se apresentar como uma chave para apagar a distância cultural entre os que dominam as habilidades necessárias para escrever uma carta e os que não as dominam, mas os leitores populares, afirma Chartier, para os quais os manuais não tinham utilidade prática, parecem tê-los lido como ficção (CHARTIER, 2003a, p. 159). As fórmulas dos manuais se apresentam como um salvo-conduto para ultrapassar barreiras sociais (DAUPHIN, 2000, p. 58). Entretanto, escrever demasiadamente de acordo com as normas e seguir

muito estritamente os modelos prescritos poderia funcionar como um marcador social às avessas, denunciando a pouca familiaridade com a escritura de tipo epistolar e a conseqüente preocupação com a forma. Como aponta Carmen D'Ávila, “que coisa horrível verificar que alguém nos escreve ‘ipsis verbis’ o que ali [nos manuais] se encontra”. (1942, p. 169).

Carta, epístola, missiva, correspondência. Uma carta é um objeto escrito para comunicar algo a alguém. Este alguém pode ser singular, individual, ou tão múltiplo quanto uma família, uma comunidade de leitura, uma vizinhança, uma cidade, um país, uma nação. Para ser reconhecido como uma carta, o objeto escrito deve mostrar alguns dos atributos do gênero epistolar, entre eles: lugar de origem, data e destinatário, saudações e despedidas e distribuição dos parágrafos de acordo com o cerimonial epistolar.

Um manual da década de 1980 - Cartas para todos os fins (PÁDUA, 1983, pp. 31-32) - estabelece um conjunto de “regras básicas” nas primeiras páginas. Para a correspondência deve-se: empregar (1) bom papel; (2) envelopes adequados ao tamanho das cartas; sobrescrito claro, completo; (3) tintas de cores sóbrias, não utilizar lápis; (4) escrita cuidadosa, legível. Recomenda máquina de escrever para certos tipos de cartas; (5) não esquecer endereço do remetente; evitar frases rebuscadas; (6) sempre fazer cópias de cartas comerciais; (7) começar a carta em boa ordem: local e data no alto à direita; (8) responder, depois de reler a carta, as perguntas na ordem em que foram feitas; (9) enviar

junto envelope selado e sobrescritado em caso de carta comercial de interesse pessoal; (10) cuidar ortografia, usar o dicionário; (11) a caligrafia deve primar pela clareza, fazer rascunho, evitar pós-escritos; (12) atentar para a pontuação; (13) o bom uso da gramática é essencial às boas cartas; (14) maiúsculas só devem ser usadas propriamente; (15) numero e algarismos só nas datas, nas cartas comerciais em quantidades e valores; (16) usar abreviaturas devidamente; (17) o estilo é o homem. O missivista deve ser honesto, sincero, simples, objetivo, reverente, educado, conciso, claro e correto, comunicar-se com elegância e de maneira singela e humana; (18) planejar antes de ditar à secretária, ler bem antes de assinar.

Se esse leitor do manual, como prescreve o autor na introdução, “em seus exercícios ou treinamento, copiar os modelos, alterando neles os nomes locais e datas, e procurando substituir os adjetivos e mesmo substantivos por suas próprias palavras”, com paciência e perseverança, não tardará a “capacitar-se a escrever por si mesmo, dispensando já, enfim vitorioso em seu trabalho, o nosso modesto auxílio”. Isso ocorrendo, acrescenta o autor, seu “esforço em prol da educação popular”, será recompensado. (PÁDUA, 1983, p. 8).

Este rol constitui uma dietética⁵¹ da escrita e supõe um conjunto complexo de competências gráficas que são associadas à escolaridade: o treino continuado, a observação de modelos, o domínio do código escrito, entre outros. Todos esses

⁵¹ Entendida como uma “ciência das prescrições” aplicada, neste caso, à escrita epistolar.

padrões evidenciam os códigos de um mundo epistolar, e os manuais podem se constituir em formas de acesso a este universo.

Das materialidades das cartas

Pela análise dos capítulos destinados à Correspondência, em treze manuais publicados em meados do século XX, podem ser identificadas várias regularidades. Todos esses manualistas ocupam-se dos exteriores da carta e todos, sem exceção, ocupam-se igualmente do papel de cartas, de sua qualidade, fineza, elegância. Generalizando a partir desses manuais, pode-se afirmar que elegante é o papel de boa qualidade, simples, branco ou marfim.

O papel de carta que serve para todos os epistológrafos é esse. Contudo, algumas extravagâncias podem ser toleradas entre correspondentes íntimos: papel colorido para as moças, formatos algo exóticos, outra tinta que não a azul ou a preta. “Na nossa correspondência mundana usamos um papel elegante, um pouco original” inaceitável em alguns tipos de cartas que requerem mais circunspeção. (BERNAGE, 1967, p. 121). A palavra chave aqui é pouco, “um pouco original” escreve *Mlle.* Bernage (1967, p. 120) apenas um pouco porque, como ela afirmara alguns parágrafos antes: “o mais simples é o mais fino”.

Existe a possibilidade de pequenas variações. Léa Silva (1962, p. 43) apregoa: “a mulher sensata escolhe o papel apropriado às circunstâncias, às pessoas a quem se dirige, revelando a nobreza de seu caráter e seu bom gosto”. Entretanto, ao escrever para parentes e amigos íntimos, as senhoras e senhoritas podem empregar uma das “inúmeras criações da moda”, mas sempre “escolhendo com critério as cores e a qualidade do papel” e, prossegue, para o homem de preferência papel branco.

O manual da Condessa de Gencé (s/d) passa por alto as tintas, de que não se ocupa, mas demora-se nos papéis: “uma carta deve ser escrita n’um papel decente”. Esta recomendação, mais básica que a de distinção, diz respeito ao “asseio” e até a carta da mundana ou o bilhete do capataz, que não aspiram (ou não devem aspirar) distinção, devem a ela atender. (GENCÉ, s/d., p. 174).

O papel colorido, diz ainda o Tratado de Civilidade e Etiqueta da Condessa, de “cores vivas taes como o carmezim, o verde, o roxo” é de muito mau gosto. Cores mais suaves podem ser usadas por senhoras sabendo-se de antemão que “estas fantasias porém, denotam sempre frivolidade”. (GENCÉ, s/d., p. 174). Outras fantasias são indícios de faltas mais graves: “os ornatos e os desenhos no papel peccam sempre contra a simplicidade e o bom gosto”. (GENCÉ, s/d., p. 175).

Não só a cor do papel é objeto de regulação, o tamanho do papel, a distribuição da carta na superfície da folha, a existência ou não de linhas, também

o são. Grande, dobrado, escrito em todas as faces, deixando margens laterais, deixando espaços em branco antes de iniciar a carta, várias são as recomendações e elas variam junto com o remetente e o destinatário.

Marcelino de Carvalho, autor do manual intitulado Guia de Boas Maneiras (1975), inclui, entre as outras, a preocupação com a espessura do papel empregado, que deve ser “bastante espesso para a tinta não passar para o outro lado”. (CARVALHO, 1975, p. 88).

Muitas das cartas de Antônio - correspondente cujas cartas integram o conjunto epistolar família G, analisado adiante - beiram a ilegibilidade justamente por conta da tinta da escritura de um lado se misturar à escritura do outro lado da página. Esta utilização dos dois lados para escrever é frequente, as características do papel, mais ou menos fino e transparente, é que parecem tornar a leitura mais ou menos difícil.

Os correspondentes nem sempre levam em conta quer as recomendações dos manuais, quer o senso comum de não escreverem dos dois lados do papel fino demais, como nesta carta⁵² da mãe de Antônio escrita em 16 de maio de 1935, em Pelotas⁵³.

⁵² As dimensões originais das cartas foram alteradas para permitir sua exibição neste espaço.

⁵³ Os nomes estão ofuscados para manter a privacidade dos correspondentes.

Elas continuam com
muitos estudos, a
[redacted] já fez
um vestido para mim
ficou bem bonitinho, já
ves que esta tem habi-
tuda. A [redacted] estuda
muito quasi não
apparece. [redacted]
ainda continua com
a D. Finocia na [redacted]
[redacted] que mora na
rua 15. [redacted]
tem estado bem doem-
te, ficou com a bocca
torta, agora esta melhor.
A [redacted] e a que mais
apparece, pois tem

menas lições, et
[redacted] parece
que volta para Belém
pois diz a D. [redacted] que
ainda não abriu as
aulas d'elle. Vou termi-
nar pois esta na hora
do avião, vim hoje
mais tarde da Santa
Cruz. Ursula chegou
ontem o dia aqui
em casa dormiu aqui
e foi ha pouco para
casa manda-te um
abraço. A creança da
toda da Luz e Lina
d'agua vão bem
os teus tios mandam

Figura 2 - Folha da Carta de Helena a Antônio, 16 de maio de 1936, Conjunto G.

A pedra de toque dos manuais é essa: adequado, apropriado, acertado. A primeira recomendação é empregar, na correspondência, o papel, a tinta e o envelope, o vocativo, o tom e o subscrito adequados às circunstâncias.

Depois de estabelecer a norma do adequado, os manualistas, muitas vezes, explicitam o que seria isso em cada um dos itens e também oferecem

listas de fórmulas de tratamento apropriadas para dirigir-se a pessoas de diferentes situações sociais. É de se supor que um correspondente que recorra ao manual para escrever uma carta não se sinta seguro de suas habilidades gráficas ou sociais. Nesse caso a recomendação de adequação é apenas mais um complicador na equação. O que é adequado? Como iniciar? Como despedir-se?

A importância dos brancos da carta está prescrita em vários manuais. Berthe Bernage, autora da Arte das Boas Maneiras – Moderno Manual de Boa Educação e Civilidade (1967), explica aos seus leitores que “não se deve começar a carta logo no cimo da folha. A distância do cabeçalho ao alto da folha será tanto maior quanto maior for a consideração que desejarmos testemunhar à pessoa a quem escrevemos”. (BERNAGE, 1967, p. 121). Do mesmo modo, Carmen D’Avila propugna: “começa-se a escrever no alto do papel. A distância entre o começo da página e o início da escrita crescerá na proporção do respeito devido ao destinatário”. (1942, p. 164). E, complementa, “não se escreve até o fim da página quando nos dirigimos à pessoa de respeito, ainda mais não se escreve em todos os sentidos parecendo economizar papel; no caso de haver mais alguma coisa a dizer, deve-se usar uma nova folha”. (D’AVILA, 1942, p. 165).

Usar uma “nova folha” não ocorre facilmente aos membros da família G, correspondentes de Antônio. Eles frequentemente escrevem nas margens recados e despedidas que iniciam em uma página e terminam em outra, sem ordem aparente. O leitor precisa procurar a continuidade do parágrafo numa

espécie de quebra-cabeças espalhado por várias páginas da carta, às vezes na vertical, perpendicular ao corpo da carta e, mais difícil de ler, algumas vezes sobrepondo-se ao escrito anterior.

Na carta que segue, Helena, a mãe de Antônio, utiliza a margem superior para as despedidas que não couberam na página. Essa carta foi escrita em 6 de agosto de 1933, época em que Antônio estudava medicina em Porto Alegre enquanto sua família permanecia em Pelotas.

rio
mo
ber
-
es
ã
me
e
c

é no dia
[redacted] do dia 6 de agosto de 1936

6-8-33

Morru querido [redacted]
Recebi a tua cartinha que
como sempre muito apreci
Sempre que pudeses escreve
Desejo que continues bem
de saúde e de estudos.
ainda bem que estás
animado, se Deus quizer
sahirás bem verás!
A [redacted] ficou
contente por teres entrega-
do a encomenda a
[redacted], queria saber o
feito da pessoa que rece-
beu. Fomos ver Grand

Figura 3- Página da Carta de Helena a Antônio, 6 de agosto de 1936, Conjunto G.

Meu irmão
de todos
os com os
seus
de todos
 Hotel não gostamos nada
 não tem quasi enredo e
 o que tem pouco e tem
 graça. No sabbado começam
 as montadas Diamantinas
 amanhã sei ainda do que
 consta, [redacted]
 está com muita vontade
 de ir. Vai ter telegrapho
 e creio vamos a ver o
 que sahirá. Desde o
 dia 1 d'este mez estão fa-
 zendo dias lindissimos
 Estou escrevendo ás pressas
 porque o teu pai disse-me
 [redacted]

de todos
os com os
seus
 a hora do almoço que sabe
 um vapor quero ver se
 ainda alcanço. Vou sahir
 com a [redacted] amim
 que ella acabe a lição com
 a Ruth. O collegio dos
 [redacted] foi equiparado
 agora é obrigado a fada
 todos os dias, começa no dia
 14, a Srta Honorata está
 fazendo a do [redacted]
 Não te esqueças de telegraphar
 no dia 11 para o teu pai.
 Hoje vou mandar a
 [redacted] na [redacted]
 pagar a visita, ella não

Figura 4 – Folha da Carta de Helena a Antônio, 6 de agosto de 1936, Conjunto G.

A Baronesa Amélia⁵⁴, embora demonstre um grande domínio da pena, algumas vezes também usa o papel de modo pouco ortodoxo, escrevendo às margens e atravessando linhas para concluir um parágrafo como se vê na carta que segue. Observa-se a criação de espaços e posições inusitados das linhas e frases no corpo da carta.

⁵⁴ A Baronesa é a principal correspondente do conjunto epistolar Família Maciel que está depositado no Museu da Baronesa, Pelotas, RS, Brasil. Este conjunto integra o corpo documental deste trabalho e está descrito mais detalhadamente adiante.

facilidade aprendem, physica, e Chimica.
Realmente no outro, faltavam esses elementos
para os alumnos do 5.º anno. Até aqui parece
que era Collegio para meninos pequenos. En-
fim, fez-se-lhe a vontade, esperemos o resulta-
do! No mais, elle é' homiinho, nada tenho a di-
zer. Como ando mal dos olhos, penso pas-
sar um 8 dias sem escrever, a ver si melhora,
por isso não estrahas a falta de cartas minhas.
Quando me escreveres, manda sempre notícias
minunciosas das Creanças, e conta-me as suas
gracas. Faço idéa como não estará a Mãe
Macaquinha! Ella já tem algum dentinho?
E a ama, que tal sahio? Adeus: beijos
aos queridos Netos, e abraços a Louival, e
a Ti da

Deixar a carta
na caixa
de correio
de Lisboa
para a Mãe
e Am.ª do L.
em 12 de outubro
de 1909

Mãe e Am.ª do L.
Amélia.

Não sei se entenderias estes garranchos,
mas, advinha-os!
Calcula que tenho que pagar agora, sempre
vacao das sepulturas d'aqui, dos 3 annos ul-
timo, pois o encarregado se vem cobrar quando
eu estou aqui. Deve regular uns 500\$, ou mais,
e a reforma da sepultura da Zulmira, que são
200\$.

Figura 5 – Página da Carta da Baronesa Amélia a D. Sinhá, 12 de outubro de 1909, Conjunto Maciel.

O uso oportunista do papel mostra que nem todas as regras explicitadas nos manuais encontram expressão na correspondência privada, seja da Família G, seja da Família Maciel. Dominar as artes do escrito torna possível ao transgressor da norma, fazê-lo, e sem se desculpar, como não o faz nenhuma das mães cujas cartas apresentei há poucas linhas. Dominar a pena e seus usos faz com que o missivista saiba os maus usos que se pode permitir, aqueles pelos quais deve se desculpar e os que não devem ocorrer em cartas de pessoas educadas.



Figura 6 – Excerto da Carta da Baronesa Amélia a D. Sinhá, 4 de julho de 1885, Conjunto Maciel.

Algumas exceções ao emprego de papel branco e liso despertam atenção: por vezes o papel traz no cabeçalho o nome de um hotel, umas poucas

vezes uma pequena estamparia floral enfeitada com delicadeza a página, e, em outras, para os períodos de luto, a folha é tarjada de negro:

Paqueta, 18 de Abril de 89.²

Minha Boa Filha.

Tenho presentes tuas Cartinhas de 20 do passado, e 1 do actual, a que responde fazendo votos pela boa saúde de todos Vosses. A tua Carta de 15, já foi respondida, e é provavel, que n'esta da cta, esteja em teu poder, e por tanto, in sciencia de ter eu recebido de Leonel a importancia do arrendamento H. Não repito o que n'ella dizia sobre o assumpto, por não ter as notas aqui. Sobre o Cartão de D. Maria Mendes, sinto que por ti não tivesses resolvido, o que me fez crer que ficastes aborrecida com o negocio das Paivas, mas não temo yanão, porque, como sabes, estou em condições especiais, p.ª com essas pobres mu.

Figura 7 – Página da Carta da Baronesa Amélia a D. Sinhá, 18 de abril de 1899. Conjunto Maciel

A tarja foi utilizada apenas na página externa. As folhas internas combinam com ela, isto é, são de papel da mesma qualidade e tamanho, mas não trazem a marca do luto. (Carta de 17 de abril de 1899. Conjunto Maciel).

A Baronesa faz o que fazem “com razão muitas pessoas distintas”, prefere a simplicidade e “faz uso de ótimo papel mas sem ornato algum”. Como adverte J. I. Roquette, “o papel deve ser proporcionado às pessoas, idade, sexo e condição dos correspondentes”. (ROQUETTE, [1868] 1997, p. 270).

Os netos, Rubens e Mozart, escrevendo à mãe durante o *tour* europeu utilizam os papéis timbrados oferecidos pelos navios em que viajam ou pelos hotéis em que se hospedam como, por exemplo, nestas cartas:

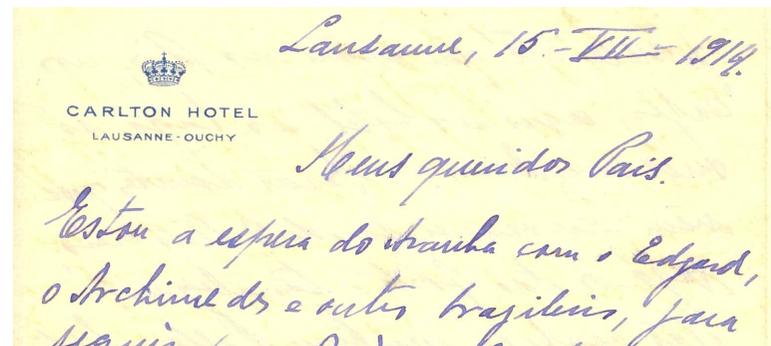


Figura 8 – Excerto da Carta de Rubens a D. Sinhá, 15 de julho de 1914, Conjunto Maciel.

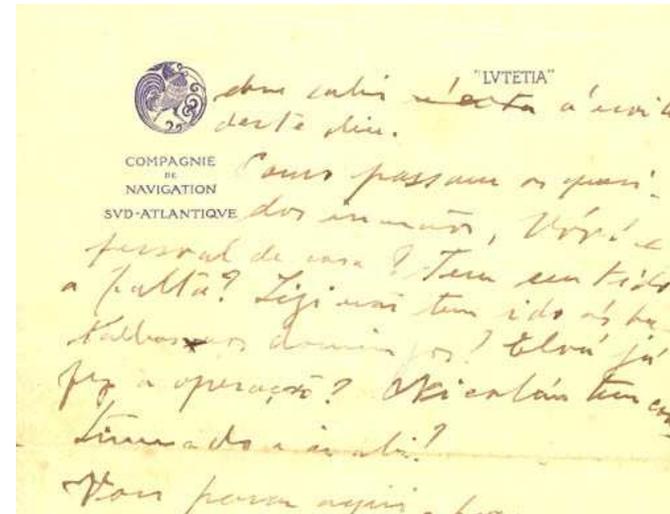


Figura 9 - Excerto da Carta de Rubens a D. Sinhá, 2 de fevereiro de 1914, Conjunto Maciel.

Mais de cem anos depois do livro de Roquette, as prescrições do manual “Cartas para todos os fins” (1983) são similares às dos manuais mais antigos:

Usar um bom papel e adequado que varia conforme as circunstâncias. Assim pois para as manuscritas, papel pautado, de preferência o de preço médio, usando-se linho para as cartas de cerimônia ou a pessoas importantes, e àquelas a quem se queira distinguir. Para as datilografadas papel encorpado, liso, de tamanho carta e sem timbre. Com este último, entretanto, em correspondência comercial ou de negócios em geral. O comum é o timbre profissional, usado por advogados, médicos e outros membros das profissões liberais. (PÁDUA, 1983, p. 9).

Papel bom, distinto, decente, é condição para uma correspondência com um mínimo de civilidade. Todos os manuais expressam esta condição. Este, citado acima, difere dos demais não pela recomendação de qualidade no papel empregado, que repete, mas por estabelecer que o papel seja pautado.

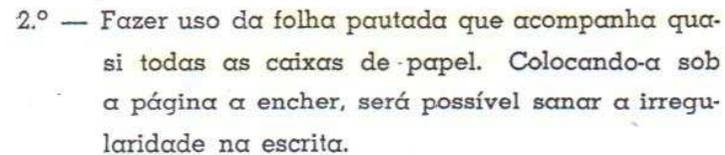
Talvez contemple esse uso em razão da data de sua publicação, mais recente⁵⁵, ou por dirigir-se a um “leitor popular”, com reduzida competência gráfica e social para as práticas de correspondência, que precisaria das linhas para escrever mais facilmente.

Os outros manuais que consultei proíbem taxativamente o uso de papel pautado. Iracema Castanho (1955, p. 113) afirma: “o papel de correspondência de uma pessoa elegante jamais será pautado, esquisito na forma, ou ostentar quaisquer ornamentos, nem mesmo uma orla dourada”. Vários outros autores de manuais repetem tal recomendação⁵⁶.

As linhas na página anunciam a pouca familiaridade do autor com a escrita e, para ocultá-la, sugere Iracema Castanho, o correspondente pouco hábil deve utilizar sob a página, uma folha de papel pautado para guiar a escrita da carta que se faz na página superior (1955, p. 112):

⁵⁵ Lembro que os blocos de papel de carta da minha infância e juventude eram pautados por pálidas linhas que dirigiam a escrita. Os papéis de carta de menina que existem até hoje, têm estampas diversas e freqüentemente são pautados.

⁵⁶ Por exemplo: CARVALHO Marcelino de, 1975, p. 88; D’ÁVILA, Carmen, 1942, p.156; VILLELA, Lúcia Jordão, 1967, p. 252.



2.º — Fazer uso da folha pautada que acompanha quasi todas as caixas de papel. Colocando-a sob a página a encher, será possível sanar a irregularidade na escrita.

Figura 10 – Página 112 do manual *Etiqueta Social*. (Castanho, 1955).

Os materiais/instrumentos de escrita têm significados no jogo epistolar. Papel branco, colorido, fino, grosseiro, bom papel, perfumado, tarjado, impresso, pautado. Cada um significa coisa diferente. O papel branco e fino é o único adequado a todos, o papel tarjado de luto indica uma morte antes mesmo que a carta seja lida, o papel pautado revela uma competência de escrita que não prescinde da linha, o papel impresso com um timbre de hotel ou endereço comercial já aponta a tipologia da carta. E se o papel for rosa... Carta de amiga? De namorada? E se for perfumado? Se for manchado de lágrimas? E se trazer um cacho de cabelos “amados”, um desenho de criança, ou a marca de um dedo infantil⁵⁷?

⁵⁷“Peço-lhe que beije essa manchinha no papel três linhas acima porque foi um dedinho querido dela que o fez”. Carta de Louisa Connoly à irmã Sarah. (TILLYARD, 2000, p.322).

As cartas de Antônio e Rita, do conjunto Família G, são escritas sobre papel branco, geralmente liso, de espessura média – nem papel grosso, nem papel de seda – algumas vezes os papéis trazem marcas d'água⁵⁸:

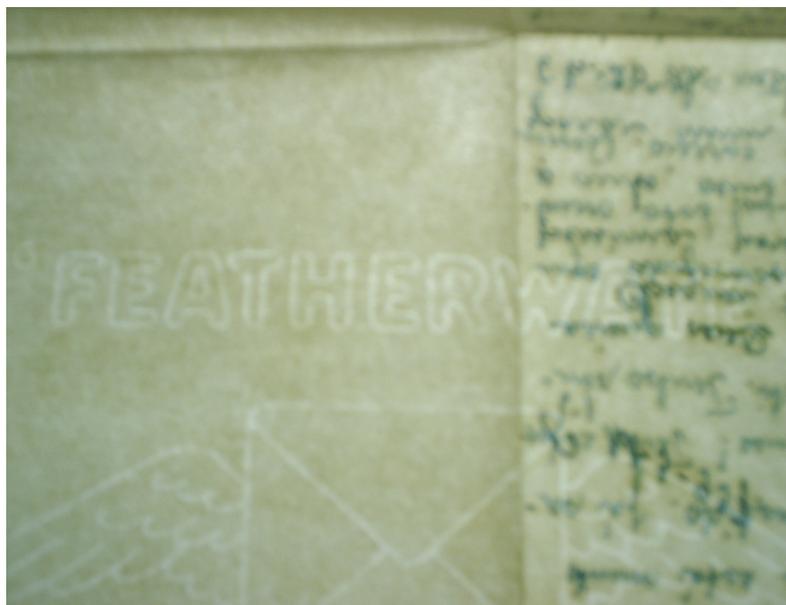


Figura 11 – Excerto da Carta de Rita a Antônio, 27 de fevereiro de 1937, Conjunto G.

As cartas dos familiares dirigidas a Antônio não eram passadas a limpo. A intimidade da relação permitia enviar cartas com rasuras, com borrões, com

⁵⁸ Papel fino dobrado em caderno; 12 x 21; com marca d'água, FEATHERWARE, e escrito dos dois lados. Papel empregado por Rita em várias cartas do primeiro semestre de 1937. Nesta carta o papel foi utilizado de cabeça para baixo.

anotações às margens. Às vezes, as cartas são escritas a lápis ou com uma pena ruim, porque não há boas penas disponíveis. Outras vezes acontece de usar uma carta, velha de alguns dias, que não havia sido enviada para continuar escrevendo porque “não tenho quasi papel”, como explica Helena:

Tenho demorado a escrever-te porque ando com a correspondência atrasada, Deus queira que te saias bem nos exames. O teu pae está na hora de ir e eu quero aproveitar para elle levar. É quase 1 e meia, já almoçamos. Afinal não continuei e se aproveito esta carta é porque não tenho quasi papel. (Carta de 28 de agosto de 1934. Conjunto G).

O emprego do lápis também pode ser justificado pela falta de tempo, afinal a tinta precisa secar antes que uma carta possa ser fechada:

Estou te escrevendo a toda pressa para pegar o avião por isso resolvi escrever mesmo a lápis. Tua avó vai melhor, pois não tem febre alguma, mas ainda tem a perna bastante inchada e não sei quando sahirá da Santa Casa. (Carta de Helena de 04 de agosto de 1934. Conjunto G).

A mesma Helena conta a Antônio que, utilizando outra estratégia para não ficar parada enquanto a tinta seca, “estou escrevendo para tua Avó e Naná enquanto seca a pagina vou te escrevendo também. Todos se queixam que eu

não escrevo e o pior é que tem razão. Tu também tens se disseres, tenho te escripto pouco”, justifica ela em carta de 28 de agosto de 1934.

O lápis é usado frequentemente pelas irmãs e eventualmente pela mãe. A mãe, nas duas ocasiões em que o faz, adverte e explica suas razões⁵⁹. As irmãs utilizam o lápis e não fazem menção a isso. O pai, o correspondente que mais competência gráfica exhibe na família, utiliza o lápis e a pena aparentemente de forma indiscriminada.

A pena requer habilidade superior. Monteiro Lobato, epistológrafo contumaz, em sua correspondência a Godofredo Rangel que se estende por quatro décadas, usa lápis apenas na última carta quando, afetado pelo que chama de espasmo vascular, avalia não ter condições de usar a pena, “chegou afinal o dia de te escrever, e vai a lápis, porque a pena me sai mal”. (1951a, 361).

Rita utiliza o lápis na carta que escreveu em 24 de maio de 1939 e se justifica com as seguintes palavras: “Desculpes-me eu estar escrevendo a lápis mas não tenho tinta, estou escrevendo do hotel e vou subscrever o envelope lá no tio Maneca”.

⁵⁹ Além da já citada, de 28 de agosto de 1934, Helena usa o lápis também na carta de 8 de novembro de 1933: “Não gosto de escrever a lápis, mas o João levou para o collegio a minha pena e o teu pae está a espera do automóvel e por isso apresso-me ja é uma hora e a 1 ½ vem o automóvel”.

É preciso explicar porque o lápis, dizem os manuais, “é incivil”⁶⁰, denuncia uma menor habilidade gráfica e está associado às primeiras letras. Escrever a lápis caracteriza uma escrita mais incipiente e menos formal.

As duas únicas cartas enviadas por Naná são escritas a lápis e são as cartas que exibem a menor competência gráfica de todas as que integram este conjunto. Naná parece ter sido uma agregada da casa. Helena a enumera ao lado dos empregados da família quando escreve “Abraço das creadas, Naná, etc.”. (Carta de 06 de agosto de 1933). Segundo as cartas, parece ter mantido laços com a família mesmo após casar-se e mudar-se para outra cidade.

O papel que Naná utiliza na correspondência que segue não é exatamente papel de carta, e ela prescinde de informar o local e a data da escritura. O papel é menor, como se fosse a folha arrancada de uma caderneta, grosso e pautado. A reprodução da carta de Naná, a seguir, é emblemática:

⁶⁰ D’ÁVILA, 1942, p.158. Da mesma forma, Lucia Jordão Villela: “o lápis não pode ser usado sob pena de incivilidade”. (1967, p. 253).

dele, que
fazes um bom
me. Não se
fazes dos bombas.
Tenho muitas
saudades de
deus, que te
que bem depressa,
Saizos da papae,
da bondade,
e quem
se manda os bon
bons por eu
Muitos beijinhos
Lembranças
da

Figura 12 – Página de Carta de Naná a Antônio, 08 de abril de 1933, Conjunto G.

A carta escrita por ela é enviada no mesmo envelope da correspondência de Leninha, o mesmo ocorre com a outra carta enviada por Naná que, desta feita, além de aproveitar o envelope, também é escrita no papel de carta de Leninha:

Querido Antônio

Te esqueceste da Naná?

Desejo-te muita saúde e que já estejas mais gordinho.

Aqui passam bem, este papel é da Leninha. Neste momento estou vendo os peixinhos da água são muito bonito que o Seu Alfredo trouxe. A tua pequena vai bem. sabes que esta no colegio S. José e Leninha também. Não espero resposta, porque tens muito que estudar, so quero que mandes dizer para a tua Maezinha que recebeste m^{as} letras mal escritas, e que te lembres de mim com saudades. Deves estar afflicto que chegue o mez de Junho, não é assim? Tens razão. Aceita abraços da Naná. (Carta de 19 de abril de 1934. Conjunto G).

Nesta carta, Naná, assumindo uma posição subordinada, é pouco exigente em relação às obrigações impostas pelo pacto epistolar, ela declara: não precisa me responder, sei que estás ocupado. Naná fica nos bastidores, como a Helène da família Marx. (PERROT, 2005, p. 63). Escreve-se a ela indiretamente, pelo menos até que se case, depois disso ela escreve à família, e a família (a avó e Helena, pelo menos), escrevem a ela.

As marcas que o papel fixa junto com as palavras podem contar das condições em que a carta foi escrita - na saleta íntima com as crianças ao lado, ou com o espírito turbado pela partida do amado - seja pela mancha deixada pelo dedinho, seja pelo borrão de uma lágrima. Briseis, escreve a Aquiles: “as manchas que encontrares aqui foram feitas por minhas lágrimas; mas as lágrimas têm o mesmo peso que a palavra”. (OVÍDIO, 2003, p. 56).

A pena, a tinta, a caneta, o envelope também têm sentidos outros. Tinta somente preta - azul se a preta faltar - as coloridas são para crianças⁶¹. Escrever no trem é impossível com uma pena, e no navio pode ser ainda uma tarefa difícil. Escrevendo a bordo do Lutetia, em 1914, Rubens Antunes Maciel, ao encerrar a primeira carta que escreve aos pais quando inicia seu *grand tour* europeu, desculpa-se

NB. Si não entenderam a letra a culpa não é minha, é antes do Lutetia, que com jogo e trepidação, não me permithiu melhor. Em Paris, vamos para o “Select Hotel”.

Quanto estimo a penna está detestavel! R. (Carta de 2 de fevereiro de 1914. Conjunto Maciel).

⁶¹ Sierra Blás reproduz manual que diz que as tintas coloridas são uma fantasia que não teve sucesso, próprias apenas para o uso infantil, e que seu uso seria uma busca de “singularización a costa del buen gusto”. (2003, p.150).

O papel é um tema freqüente. visualmente, a exploração das caixas mostra que a Família G é discreta em suas escolhas, os papéis de carta têm qualidade e espessura variáveis, as vezes finos e leves – papel de avião – as vezes papel de linho, as vezes de tamanho próximo ao A4 atual, as vezes um tamanho tipo A4 dobrado em caderno, próprio para cartas, pautado em um lado apenas.

Há também o papel de vapor, embora eles não usem esta expressão, ao contrário de papel de avião que utilizam sempre, escreve a mãe:

Acabei o meu papel de avião, mas como sahe hoje um vapor, vae mesmo por vapor.

[...]

Perdi o vapor de hontem por causa dos doces. Hoje dia dos annos estou muito atarefada é só mesmo para não deixar de dar noticias depois escrevo dando noticias de tudo. Acceita um beijo do teu pae e tua mãe. Helena. (Carta de 10 de Agosto de 1935. Conjunto G).

As cartas de vapor, mesmo sendo escritas em “papel de vapor”, não sofrem das limitações das cartas aéreas e podem ser maiores: “recebi hoje as tuas duas cartas e hoje mesmo venho responder-te. Resolvi escrever por vapor, assim vae uma carta maior”. (Carta de 10 de Agosto de 1934. Conjunto G).

O papel é usualmente branco, talvez algum papel tenha sido um dia em tons de bege ou manteiga, mas o tempo transcorrido apagou essa sutileza, hoje todo o papel está amarelado pelo tempo. Algumas vezes o papel traz o timbre do hotel que hospeda o remetente. O pai escreve uma vez no papel timbrado da empresa em que trabalha, as irmãs – e apenas elas – por três vezes utilizam um papel rosa muito pálido, que atualmente requer um segundo olhar para ser percebido. Umas poucas vezes o papel utilizado é tarjado de luto embora nenhuma morte na família tenha sido informada por carta ou telegrama conhecido.

Outro detalhe relativo ao papel é a falta dele. Naná não tem papel para cartas, ela usa a folha arrancada de uma caderneta e, na segunda carta, usa o papel de Leninha. Entretanto, depois de casada, Naná manterá correspondência com a família⁶² - com Helena, com a avó, com tia Eulalinha – e reclamará visitas de Antônio quando não reclamou resposta às suas cartas. Talvez isso indique uma mudança de seu *status*?

A utilização do papel expressa a distinção social dos correspondentes. Conforme a posição social do destinatário em relação ao correspondente que escreve, maior ou menor será a parcela da página ocupada pela escrita. Margens,

⁶² Carta de Helena de 10 de agosto de 1934: “Naná já escreveu, pediu-me a tua direcção [...]. Vou terminar quero escrever a Naná saudades de todos da família”.
Carta de Helena de 15 de dezembro de 1934: “Recebi uma carta da Naná, muito queixosa e tem razao, vou escrever-lhe contou-me todo o casamento da Maria e Neco. Antes de vir vae dar-lhe adeus”.

espaço entre as linhas, terço superior livre, espaços em branco, que Sierra Blás (2003, p.125) denomina escritura invisível, isto é, espaço “que sin estar escrito, significa”. A apresentação da carta – uma distribuição agradável do escrito, adequada, limpa, sobre bom papel, em boa caligrafia – cria um conceito sobre o autor da missiva.

A multiplicidade de práticas e usos da escrita epistolar

Vivemos em uma sociedade centrada na cultura escrita, “em uma sociedade de literatura maciça que desfruta de um sistema alfabético de escrita”, em que mesmo as pessoas “individualmente analfabetas ou semi-analfabetas” são “reguladas pelo livro”. (PRINS, 1992, p. 169).

A prática escriturística “assumiu valor mítico nos últimos quatro séculos reorganizando aos poucos todos os domínios por onde se estendia a ambição ocidental de fazer sua história e assim fazer história” (CERTEAU, 1994, p. 224).

Uma sociedade ágrafa é praticamente inconcebível para nós. Não conseguimos imaginar como as pessoas lembram, pensam, ou se comunicam sem utilizar palavras escritas. Isto parece muito distante no tempo, milenarmente distante, e é preciso buscar na Antropologia e na História os modos pelos quais

os habitantes de mundos ágrafos realizavam e realizam, por exemplo, o trabalho da memória. A nossa é uma sociedade escriturária, “se organiza e se consolida na escrita” (CAMARGO, 2000, p. 44) e mesmo os que não dominam estas habilidades, as utilizam indiretamente⁶³.

Aprender a escrever e a ler ao mesmo tempo é comum e esperado no nosso tempo, e papel da escola que conhecemos. Não foi sempre assim. Por muito tempo ler aconteceu antes de escrever e para muitos a habilidade de ler não era associada à de escrever⁶⁴.

Entre os séculos XVI e XVIII a difusão da capacidade de ler acarreta a adoção de novas práticas, sendo a mais inédita: a leitura na intimidade (CHARTIER, 1991, p. 126). No mesmo período, a crescente difusão do alfabetismo⁶⁵ leva a uma progressiva “escrituração do cotidiano” que se mostra, por exemplo, nos diários íntimos, nos livros de contas e nas cartas.

⁶³ No livro *O Leitor* (SCHLINK, [1995] 2008), recentemente transformado em filme, a protagonista assume a culpa e aceita a punição por crimes praticados durante o regime nazista para não confessar que não sabe ler e escrever.

⁶⁴ Conforme Chartier (1994, p.25): “nas sociedades arcaicas, onde o aprendizado da leitura e da escrita são dissociados e sucessivos, há numerosos indivíduos (sobretudo mulheres) que deixam a escola sabendo ler, ao menos um pouco, mas sem conseguir escrever”.

⁶⁵ Na era moderna, “crescem as percentagens de homens e mulheres capazes de assinar o nome, seja qual for o nível das taxas em termos absolutos. Nos países reformados e nas nações católicas, nas cidades e nos campos, no Velho e no Novo Mundo, a familiaridade com a escrita progride, dotando as populações de competências culturais que antes constituíam apanágio de uma minoria”. (CHARTIER, 1991, p. 116).

Há uma relação de forte desigualdade entre os que lêem e os que não lêem, entre os que escrevem e os que não escrevem, conforme Petrucci, “*la historia de la cultura escrita también es historia de esta desigualdad [gráfica]*”. (2002, p. 27).

No Brasil, nas áreas de colonização européia⁶⁶, “o índice de alfabetização [...] cresceu vertiginosamente com a escolarização da sociedade desde meados do século XIX, possibilitando o aumento de circulação da palavra escrita”. (SOLOMON, 2002, p. 45).

Segundo dados do IBGE, agrupados por Ferraro (2004), no Brasil, constam os seguintes indicadores de população alfabetizada, estabelecidos com base nos censos realizados entre os anos de 1872 e 2000.

- **Percentual de alfabetizados no Brasil 1972-2000**

Ano do censo	População total	População não alfabetizada	Percentual de alfabetizados
1872	8.854.774	7.290.293	17,7
1890	12.212.125	10.091.566	17,4
1920	26.042.442	18.549.085	28,8
1940	34.796.665	21.295.490	38,8
1950	43.573.517	24.907.696	42,8

⁶⁶ Segundo Solomon (2002, p. 45 -6): para Santa Catarina em 1890, o índice é de 20% de alfabetizados – comparável à Europa do século XVIII. Em Blumenau, área de colonização alemã, o índice dobra para 40%. Em 1907 o número de alfabetizados para a “grande Blumenau cresce para cerca de 73%”.

1960	58.997.981	27.578.971	53,3
1970	79.327.231	30.718.597	61,3
1980	102.579.006	32.731.347	68,1
1991	130.283.402	31.580.488	75,8
2000	153.423.442	25.665.393	83,3

Quadro elaborado por Carla Gastaud a partir de estudos de Ferraro (2004).

A difusão da alfabetização transforma um “*amplio conjunto de gentes, de semi-analfabetos a semicultos*”, em protagonistas de uma história que até então falava somente das classes abastadas. (SIERRA BLÁS, 2003, p. 31).

A história, melhor dizendo, algumas correntes historiográficas, seguem um paradigma indiciário⁶⁷ e correspondências são indícios materiais do passado. Esses “materiais do passado podem se apresentar sob duas formas: monumentos e documentos. Os monumentos são heranças do passado, os documentos são escolhas do historiador”. (LE GOFF, 1996, p. 547). Nesta acepção, cartas são monumentos e documentos. Monumentos no sentido de que são vestígios do passado. Documentos no sentido de que seu uso indiciário é uma operação historiográfica.

O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas em impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias (LE GOFF, 1996, p. 547). O que sobrevive do passado não é a sua

⁶⁷ Paradigma indiciário conforme define Ginzburg, (1990, p.143 a 179).

totalidade, mas “uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores” (LE GOFF, 1996, p. 547).

Cartas guardadas, escolhidas, e mesmo, muitas vezes, selecionadas para durar, as correspondências podem servir a diversos fins:

Mais ou menos ordenadas, às vezes, parcialmente integradas às histórias familiares, publicadas ou de circulação interna, elas se tornam um elemento do patrimônio. Junto às terras e às casas, ao mobiliário e às jóias, a escritura assume uma função identitária forte. Ela vem, certamente, provar a legitimidade das propriedades e das alianças. Mas acarreta também um contato íntimo e concreto com as coisas, os acontecimentos e os ancestrais. As cartas, quanto mais antigas e abundantes, mais terão o poder de legitimar o patrimônio transmitido de geração em geração. (DAUPHIN e POUBLAN, 2002, p. 81-2).

As correspondências familiares, como qualquer outro artefato do passado, “são construídas e reconstruídas pelas gerações sucessivas que lhes dão sentido e que não cessam de interpretá-las” e isso implica uma escolha do que deve ser preservado. “A memória é, sobretudo, feita de relíquias apropriadas pelos herdeiros. Elas lhes permitem identificar-se a uma linha homogênea e respeitável” (DAUPHIN e POUBLAN, 2002, p. 81-82) e cumprem desta forma uma função identitária.

A “democratização do escrito”⁶⁸ é o início do longo processo que converteu a carta em uma “practica cotidiana de comunicación escrita”. Na Época Moderna ocorrem, pela primeira vez, as condições que possibilitaram “*una maior producción y extensión social de la correspondência*”, a saber, a difusão do alfabetismo de um lado e, de outro, o sentimento de não pertencer, de desenraizamento, de distância, provocado, por exemplo, pela emigração. (SIERRA BLÁS, 2003, p. 32-3).

A escola desempenha um papel fundamental na ampliação do alfabetismo e, no que interessa a essa pesquisa, educando nas práticas epistolográficas, ensinando a “*la gente el modo correcto de escribir las cartas conforme la identidad del destinatario, al objeto de la misiva o a la situación de escritura*” (CASTILLO GOMES, 2003a, p. 20), através do uso de manuais epistolares e da escrita de cartas como exercício pedagógico.

À educação que acontece na família é preciso acrescentar uma disciplina, “que só pode ser uma aprendizagem socializada pela escola”. Ao longo do século XVII os manuais de civilidade passam a ser “uma das peças indispensáveis aos aprendizados elementares”, os tratados – impressos no tipo “letra francesa de arte manual” – se prestam também ao aprendizado da leitura de textos manuscritos. “É sob essa forma que a civilidade invade as práticas escolares”, sentencia Jacques Revel (1991, p. 176). Os manuais ensinam, entre outras

⁶⁸ Como denomina Armando Petrucci apud SIERRA BLÁS, 2003, P. 31.

coisas, como comer à mesa, a não cuspir no chão, a não assoar-se nas mangas (ELIAS, 1994) e a escrever cartas de forma adequada.

Há múltiplas diferenciações no acesso à escrita que resultam em variações no processo de privatização que caracteriza os três séculos da era moderna. Para Chartier (1991, p. 119), “saber ler é primeiramente a condição obrigatória para o surgimento de novas práticas constitutivas da intimidade individual”, como as novas devoções. A difusão das habilidades de leitura e de escrita “suscita sociabilidades inéditas e ao mesmo tempo serve de base para a construção do Estado moderno, que apóia na escrita sua nova maneira de proferir a justiça e dirigir a sociedade”. (CHARTIER, 1991, p.119). Quanto maior a familiaridade com a escrita, maior serão a emancipação e a autonomia do indivíduo, quer seja em relação à comunidade tradicional, quer seja em relação a intérpretes autorizados da legislação ou dos livros sagrados.

A ampliação das práticas epistolares no século XIX se inscreve em três evoluções maiores, apontadas por Chartier (CHARTIER, 1991, p. 12). A saber: o processo de alfabetização – que difunde a competência indispensável para que a escrita não seja mais delegada a outro; as mudanças sociais e econômicas que multiplicaram a necessidade da comunicação epistolar. Certeau reforça essa idéia declarando que “nos últimos três séculos aprender a escrever define a iniciação por excelência na sociedade capitalista” (1994, p. 227), com a afirmação de uma esfera da individualidade e do privado.

Nem a difusão da alfabetização, nem as mudanças na sociedade explicam suficientemente a proliferação das práticas de escrita de si no século XIX. A mudança de atitude, que é do âmbito da intimidade, que leva as pessoas a dedicarem muitas horas do seu dia à correspondência privada, é fundamental.

O que as cartas contêm? - As formas, os temas, mais que palavras.

As cartas podem ser de muitos tipos e os temas de que tratam as cartas serão multiplicados por esta variada tipologia. Há as cartas oficiais, as cartas familiares, as cartas de cortesia, as cartas formais. Tudo quanto pode ser tratado/dito verbalmente pode ser dito tanto por escrito, quanto oralmente, logo, pode ser objeto de carta.

Tal amplitude de possibilidades apresenta questões para o estudo das correspondências. Uma das maneiras possíveis de trabalhar com os temas é elaborar, a partir das cartas, grades de conteúdos temáticos, como sugere Camargo (2000, p. 22-3).

Embora o objeto desta pesquisa não seja uma análise de conteúdo ou um inventário de ocorrências, dentre os conteúdos que emergem estão: estratégias de ajuda mútua, finanças familiares, relevância atribuída à instrução escolar. Se

desenrolam enredos, mas, também se percebem recorrências e rarefações, relacionadas ao sentido de adequação e do que é próprio tratar por escrito e por carta, com um determinado correspondente.

A relevância atribuída à instrução escolar é um dos conteúdos temáticos estáveis nas cartas de cunho familiar que servem de *corpus* empírico a esta pesquisa. O tema é recorrente tanto nas cartas da Família G, quanto nas cartas da Baronesa Amélia, assim como nas cartas das irmãs Lennox⁶⁹, na Inglaterra do século XVIII.

As cartas da Baronesa Amélia a sua filha Sinhá tratam repetidamente dos mesmos assuntos que são, aparentemente, bastante próximos aos temas das cartas trocadas pela família Lennox, embora essas irmãs acrescentem aos temas domésticos preocupações políticas e considerações filosóficas ausentes das cartas da Baronesa e de seus netos.

As cartas contêm mais do que palavras – falam por sua organização interna, brancos, silêncios, estética, estilo, papel, caligrafia⁷⁰.

⁶⁹ Stella Tilliard, em *Aristocratas* (2003), traça um “painel da época georgiana” a partir da correspondência das irmãs Lennox – Caroline, Emily, Louisa e Sarah – e de outros documentos da família.

⁷⁰ Entre as características desses objetos, se enumeram: as relações de regras de reciprocidade (análise de envios e respostas); os temas favorecidos pelo uso desse suporte; as características de sua materialidade; os critérios que presidem a sua guarda ou destruição; o seu caráter de ‘encaixe’ em séries materiais ou epistêmicas; a variedade construída dentro desse gênero (a carta a desconhecidos, a si mesmo, a qualquer pessoa, a carta aberta, a carta que só pode ser aberta em certa situação, a carta a amigos etc...); a análise quanto aos ritos de tratamento, interpelação,

Cartas seguem protocolos. Protocolo é formalização, cerimônia, é um formato esperado que nos anuncia estarmos lendo uma carta mesmo que não saibamos disso antecipadamente. Uma folha de papel dobrada em uma gaveta, sem envelope, não identificada previamente como carta, no mais das vezes pode ser facilmente reconhecida como pertencente ao gênero epistolar porque segue os protocolos previstos para o gênero.

Os indícios formais servem como identificadores de cartas e de obras literárias que utilizam o gênero epistolar como o *De Profundis*, de Oscar Wilde⁷¹, que é “uma carta de amor e ódio para Lord Alfred Douglas (o Bosie)” (Mutran, 2000, p. 90), ou ainda, como o romance *As Ligações Perigosas*, de Choderlos Laclos ([1782]1987), que conta sua história através das cartas dos protagonistas, recurso que o autor utiliza para obter verossimilhança.

Há protocolos gerais que a maioria das cartas acompanha, por exemplo, trazer data e local onde foi escrita, saudação (vocativo). Há protocolos específicos, particulares, estabelecidos entre aqueles correspondentes, para aquela correspondência: frequência, tamanho da carta, utilização de expressões de afeto, cuja ausência ou presença fazem uma “boa carta”. Os

regras de polidez etc...; a sua inserção no arquivo e ao seu grau de integridade e continuidade; os ritmos de sua cronologia; as suas condensações, esgarçamento, rarefações e silêncios (NUNES & CARVALHO, 1992, p. 34-35).

⁷¹ Escrito na prisão, originalmente recebeu o título de “Epistola: *In Carcere Et In Vinculis*”, tem 130 páginas e indícios formais do gênero, como endereço, destinatário e despedida usual –com afeto... – foi publicado pela primeira vez em 1905, na Inglaterra, em versão reduzida. (Mutran, 2000).

primeiros são as convenções que configuram o gênero epistolar, os segundos particularizam um determinado pacto.

Por exemplo, Monteiro Lobato, em 1909, depois de anos⁷² de correspondência com Godofredo Rangel, repactua o tempo de resposta das cartas:

Rangel:

Nossas cartas andam desencontradas. Temos que assentar numa coisa: um nunca deixará de responder ao outro dentro de dois dias, e se não puder responder acusará o recebimento por meio de um bilhete postal. (1951, p.269).

.As cartas têm objetivos táticos (LYONS, 1999, p. 60) e se apóiam em recursos de estilo⁷³ para tentar produzir no destinatário a impressão desejada. Cartas de amor, por exemplo, devem parecer um tanto desarrumadas⁷⁴, desarrumação que é um indício da perturbação em que se encontra – ou deveria se encontrar - o autor, missivista apaixonado. Entretanto, são as cartas de amor o objeto privilegiado⁷⁵ dos manuais epistolares. Como se podem copiar cartas espontâneas?

⁷² As cartas publicadas de Monteiro Lobato (1951) a Godofredo Rangel iniciam em 1903.

⁷³ “O estilo é a utilização de meios para um fim”, escreve Peter Gay (1990, p. 25-26).

⁷⁴ O que Martyn Lyons chama de desarrumação planejada. (1990, p, 60).

⁷⁵ A correspondência galante é mais exposta ao risco que uma cópia muito servil do manual e representa: *“l’expression de sentiments intimes, exige la marque de la sincérité que dénie l’emprunt à un modèle”*, (a expressão de sentimentos íntimos, exige a marca da sinceridade que recusa o empréstimo de um modelo [trad. livre]), conforme Dauphin, 2000, p.112.

Mme. de Merteuil, protagonista do livro *As Ligações Perigosas* (LACLOS, 1987), e, de certa forma uma especialista, junto com Valmont, em produzir cartas de amor verossímeis, esclarece seu cúmplice na empreitada de que deve expressar em suas cartas “o ar de perturbação e desordem que é a verdadeira eloquência do amor”. (LACLOS, 1987, 70). E adverte: não há nada mais difícil no amor do que escrever cartas verossímeis quando não se sente o que se escreve, porque a falsa paixão é denunciada pela ordem da carta,

[...] não é que não nos sirvamos das mesmas palavras, mas é que não as arranjamos da mesma maneira ou, melhor, nós as arranjamos e isso basta. Relede vossa carta: reina aí uma ordem que vos denuncia a cada frase. (LACLOS, 1987, p. 70).

Castillo Gómez fala de uma maneira de historiar os usos do escrito que se reconhece expressamente na confluência de três olhares complementares: a história dos objetos escritos; a história das normas, capacidades e usos da escritura e a história das maneiras de ler. Para as cartas, esta maneira de historiar o uso, no primeiro caso, seria o estudo das correspondências nos aspectos que definem sua expressão material; no segundo, o estudo dos manuais epistolares, dos modelos repetidos na escola e das práticas curriculares que ensinam a escrever cartas; e, no terceiro, a reconstrução de

destinatários, espaços e modalidades de apropriação. (CASTILLO GÓMEZ, 2003a, p. 14).

Em cada momento, a relação proposta entre as tipologias materiais e a construção de sentidos parte da consideração prévia de que as formas, em palavras de Armando Petrucci, *“son siempre um producto emanado de hombres y mujeres de carne y hueso, y que también la nuestra es una historia de hombres y mujeres de carne y hueso”* (PETRUCCI, *apud* SIERRA BLÁS, 2003, p. 14).

Os temas no gênero epistolar são também uma questão de gênero

Ao iniciar um artigo sobre a correspondência da Família Marx, Michele Perrot afirma: “eu gosto das correspondências”, e continua, “de seu tom de confiança, de suas singularidades, de seu gosto pelo detalhe fútil, daquele insignificante – tão repleto de sentido – que tece o cotidiano”. (2005, p. 45).

Essa escrita do cotidiano é fundamentalmente uma escrita feminina, “são as mulheres as escribas habituais das correspondências familiares”, escreve Michele Perrot (2005, p. 35). No que se refere às cartas familiares, os homens escrevem para matérias nobres, “o gênero epistolar não escapa da divisão sexual dos papéis”. (PERROT, 2005, p. 47).

Isto é aparente nas cartas do conjunto Família G. O pai de Antônio, Gama⁷⁶, raramente é um correspondente direto, embora seja uma presença freqüente nas cartas enviadas pela mãe que se refere a ele praticamente em todas as cartas, teu pai disse, teu pai fez, teu pai enviou...

Eventualmente, o pai de Antônio escreve as próprias cartas (poucas), mas o mais comum é que acrescente um bilhete às cartas de Helena, “como em todos os casais, os homens acrescentam um *postscriptum*, ou colocam sua assinatura no fim das cartas de suas esposas, responsáveis pelas relações familiares”, escreve Michele Perrot (2005, p. 47). Alfredo, entretanto, não coloca sua assinatura nas cartas da esposa, é ela que escreve o nome dos dois.

A mãe de Antônio escreve uma longa carta em 14 de setembro de 1934 em que indaga pela saúde dele, tranquiliza-o sobre os gastos necessários à vida de estudante, conta as novidades da família – a febre do irmão, os filmes a que assistiram, as viagens dos parentes, o baile do Clube Comercial a que a irmã planeja ir – e a passagem da companhia lírica por Pelotas. Concluídas as despedidas com “para ti muitas saudades dos teus paes que te beijam. Alfredo e Helena”, o pai pega da pena para acrescentar: “Meu filho como estamos no fim do

⁷⁶ Quando o pai escreve as cartas ele assina com o sobrenome. Optei por usar um sobrenome fictício ao invés da letra G, como no conjunto epistolar, por questões de verossimilhança. Neste caso considerei o sobrenome como um dos nomes próprios dos correspondentes. Quando é a mãe que escreve e assina pelos dois ela utiliza o prenome do marido, Alfredo. Para manter esta diferença, corri o risco da duplicação da nomenclatura – Gama e Alfredo – para referir o pai de Antônio.

ano, e os exames estão á porta, recomendo-te mais estudo e menos cinema. Um grande abraço do teu pae, Gama". (Carta de 14 de setembro de 1934. Conjunto G).

É à mãe de Antônio, Helena, que toca a responsabilidade por manter as relações familiares: falar do cotidiano, perguntar da saúde, contar dos irmãos, amenizar a distância e a saudade. Ao pai competem os assuntos sérios: estuda, concentra-te nos exames, menos cinema e mais estudo.

Na carta que segue, o pai de Antônio coloca um recado no final da carta de sua filha, Salomé, com o teor habitual – juízo e estudo:

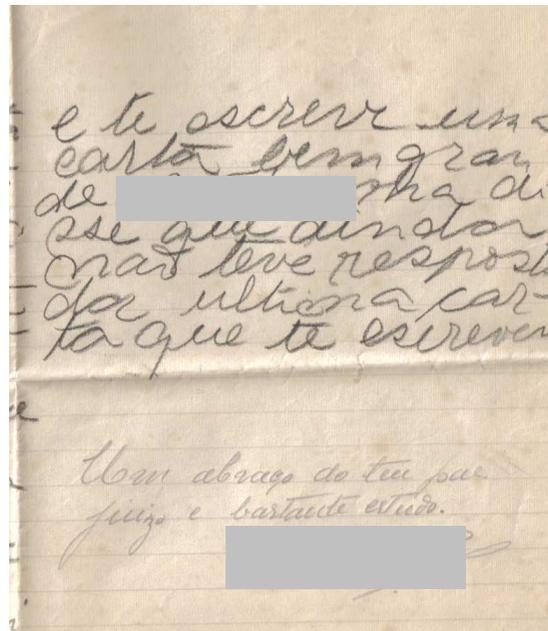


Figura 13 – Carta de Salomé a Antônio, 15 de março de 1934, Conjunto G.

As cartas são uma das práticas de escrita mais frequentadas pelas mulheres, diz Castillo Gomes e identifica um “modo das epístolas familiares” a partir das cartas de Estefânia de Requesens e Hipólita Roís⁷⁷ nas quais detecta um esquema quase fixo em que se sucedem: alguma menção a carta anterior, perguntas sobre a saúde da destinatária, notícias dos filhos, observações sobre a vida na corte e, para finalizar, assuntos diversos que tratava com a mãe. (2006, p. 22).

Uma espécie de esquema similar pode ser encontrado nas cartas da Baronesa Amélia à filha Sinhá. A mãe inicia respondendo ou comentando a carta anterior; depois trata de encaminhamentos domésticos como reformas na casa, colégio das crianças, recursos e pagamentos, roupas e encomendas; a seguir indaga de parentes e conhecidos ou oferece informações sobre eles; e, por último, comenta de sua saúde e deseja que a filha, genro e netos estejam saudáveis. Eventualmente, um acontecimento extraordinário pode alterar esta ordem tal como o relato de uma morte na família ou de um nascimento.

É um tipo de carta – este de mãe para filha – em que abundam indícios de oralidade, e a Baronesa declara: quando te escrevo sinto que converso contigo. Tal característica é notada e elogiada em outra mãe que escreve a filha, *Mme.* de Sevigné, que “escreve como se fala”, explica à ela:

⁷⁷ 102 cartas escritas por Estefânia à mãe, Hipólita.

Admiro as vezes os nadas que a minha pena quer dizer; não a contradigo. Sinto-me feliz que tais maravilhas lhe agradem [...] Peço-lhe contudo que não sinta falta delas quando eu estiver ao pé de si. Cá estou eu ciumenta das minhas cartas”. (1950, p. 88).

Essa missivista modelo, que escreveu 1155 cartas (nem todas para a filha), aparece em vários manuais de civilidade como exemplo de correspondente que, se não escreve perfeitamente, escreve com encanto, com a vivacidade de uma conversa⁷⁸.

Falando da família Marx, Michele Perrot enfatiza ainda as diferenças entre as cartas dirigidas pelas filhas ao pai e as cartas escritas à mãe, “a ela escreve-se pouco e sobre o insignificante: fofocas de doenças, o calor que está fazendo, uma bolha nos pés devido a meias grandes demais [...]”. (2005, p. 51).

As mulheres missivistas que estudei, através dos três conjuntos epistográficos examinados, escrevem mais à semelhança da Família Marx do que como Mme. de Sévigné. Suas cartas têm uma maneira menos atenta, menos vigilante de como se mostram, elas escrevem a lápis, com a pena ruim, no papel que resta. São cartas espontâneas, sem rascunho, terminam porque o papel acaba, ou porque a luz ficou ruim. Mesmo a Baronesa, que tem bastante familiaridade com a escrita, adverte: não passei a limpo, a letra está ruim,

⁷⁸ Mme de Sévigné possui “o dom de saber contar e, embora escrevendo com erros de ortografia, foi a mais brilhante cronista de sua época” (SILVA, 1962, p. 40) e, também, “mulheres pouco letradas, como Madame de Sevigné, que errava na ortografia, escreveram cartas justamente celebradas pela espontânea elegância do espírito e da forma”. (D’AVILA, 1942, p.154).

apresentando o tipo de espontaneidade que Michele Perrot identifica nas cartas familiares (2005, p. 47). Enfim, as cartas femininas constituem a maioria da correspondência trocada nesses conjuntos, o que atesta a importância da atenção à especificidade da apropriação feminina da escrita epistolar.

Sociabilidades e correspondência – epistológrafos, correspondentes e missivistas ou do lugar de onde se escreve

As correspondências são uma troca, uma forma de comunicação, um acontecimento que requer, no mínimo, dois personagens ou, dito de outra forma, dois interlocutores.

São interlocutores aquele que escreve e aquele a quem a carta é dirigida quando de sua escritura, o “destinatário inicial”. São também interlocutores “os tantos que a ela têm acesso quando publicada, editada, e os que se inserem ou se interpõem no discurso de quem escreve (o que escreve ou lê pelo outro)”, inclusive “a pesquisadora, para quem essa escrita se transforma, *transforma* e é *transformada* em objeto de estudo”. (CAMARGO, 2000, p. 10-11, grifo da autora).

É da natureza da carta ser um documento íntimo, secreto, intransferível e, “*en carta privada como tal, no hay, no puede haber, implícita una intención de publicación*”. (SIERRA BLÁS, 2003, p. 27).

Quando alguém escreve uma carta o que o mobiliza “é o seu projeto de dizer”. Trata-se “de um projeto que se realiza, uma intenção que se materializa na escrita, nas regularidades de um gênero - cartas - na cultura” (CAMARGO, 2000, p. 41). Há uma intenção de ser entendido, de obter respostas e, muitas vezes, de responder perguntas anteriores.

A carta conforma o lugar para onde confluem as estratégias do autor/narrador e do receptor/leitor. O autor⁷⁹ não pode prescindir da aceitação do leitor e este tem que aceitar a proposta de verossimilhança daquele, uma vez que cartas carregam a ilusão de não ficcionalidade. O epistológrafo pratica uma opção, uma eleição que condiciona o texto que vai escrever. Seja no plano do estilo, seja no plano da franqueza. A materialização escrita da experiência pessoal é inseparável do pacto estabelecido com o leitor – destinatário. (CASTILLO GOMES, 2006, p. 30-32).

No que concerne à dialogia das cartas, sob o ponto de vista do leitor/interlocutor, pode-se pensar com Bakhtin que

Qualquer tipo de compreensão deve ser ativo, deve conter já o germe de uma resposta. [...] Compreender a enunciação de outrem significa

⁷⁹Autor entendido aqui amplamente como quem escreve as cartas, já que em sentido estrito, como afirma Foucault, cartas não têm autores, têm signatários. (FOUCAULT, 2006, p. 46).

orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (BAKHTIN, 1985, p.132).

Entre o que escreve e aquele a quem a carta se destina constituem-se, de muitas maneiras, os sujeitos, compartilhando “formas de observar e construindo conhecimento; legitimando fontes; dando cor e tom à escrita; marcando a presença de outros na escrita; imprimindo marcas de delicadeza, confiança e amizade para com o outro” (BAKHTIN, 1985, p. 47). Nas cartas se configuram sociabilidades.

Próximas, complexas, cerimoniosas, agradáveis ou tensas, as sociabilidades que se constituem nas correspondências familiares não são individuais, uma vez que “uma correspondência familiar é escrita para o grupo ou subgrupo: ela circula, delimita seu território, modula suas confidências, exclui o íntimo” (PERROT, 1992, p. 188). As cartas circulam, o que é explicitado por Mozart Antunes Maciel, na primeira carta que remete de Paris, e em que recomenda à mãe:

P.S. Depois de lerem esta, Mamãe querida, telephona para Sul 2164, casa do “seu” Assumpção, e diz ao Mario que pode mostrar aos amigos. Depois elle devolverá. (Carta de 15 de outubro de 1927, Conjunto Maciel).

Quando alguma parte da carta requer privacidade, tem um destinatário exclusivo, deve ser enviada em folha separada, cuja extração do corpo da carta (uma folha a ser discretamente escondida no bolsinho, ou no côncavo da mão, caso haja necessidade) não prejudique sua coerência. Emily Lennox abre as cartas de Fox, seu cunhado, na sala da família, diante de um grande grupo de familiares e amigos que esperam deleitar-se com a leitura de cartas interessantes, mas resulta embaraçada e queixa-se ao remetente porque encontra na carta apenas um “amontoado de tolices”, que frustram a audiência. (TILLYARD, 2003, p. 98).

A intimidade entre remetente e destinatário provavelmente permite prever se a primeira leitura será feita em conjunto ou privadamente, inclusive, possibilitando àquele que escreve, prescrever como deve ser a leitura e a publicização. Nas cartas da Baronesa encontram-se indicações em frases como: “Mostra a Alzira esta carta porque não pude escrever-lhe”; “esta carta não mostres a ninguém” porque não está adequadamente escrita ou porque o assunto é embaraçoso:

Imagina que todo din^o. [dinheiro] que tenho em casa, são 225f000, e ainda tenho que tirar d'estes, 60f000. Para pagar a Academia de linguas, onde está o Edgard (3 mezes). Só hontem, gastei 1:260f. com aluguel da casa, creados, armazem, aluguel de trastes, [...] e algumas

contas miudas. Não deixes outros lêrem esta, pois estes assumptos, são só para nós. (Carta de 4 de janeiro de 1910, Conjunto Maciel).

Ou, ainda, como faz Mozart, instruindo D. Sinhá a manter segredo sobre o conteúdo da carta:

Uma ultima recommendação: não falles a ninguém sobre o objecto desta aos extranhos tú dirás que, quanto a minha volta, tu não sabes exactamente o que eu pretendo fazer. Ao Papae , tú dirás, apenas, que eu mandei te pedir para botar á minha disposição o dinheiro da passagem, para me facilitar. (Carta de 1928, Conjunto Maciel).

Assim, o escrevente estabelece o nível de informação que deve ser oferecido aos estranhos e “ao papae”.

As cartas são valorizadas, desde a antiguidade, justamente por tornarem presente o ausente. Amigos, namorados, amantes, familiares, todos se encontram nas cartas, contam novidades, trocam impressões, expressam saudades, reclamam da inconstância do correspondente, atualizam eventos familiares. Escrevem como se conversassem. Como se justifica a Baronesa, “não te aborreças, por estar eu a tomar-te o tempo, com essas banalidades, pois o faço,

por me parecer, que estamos juntas, conversando”⁸⁰ e como Lobato escreve a Rangel: “conversemos enquanto chove”. (Lobato, 1951, p.94).

A proximidade entre a expressão escrita das cartas e a forma de expressão oral é desejada. Madame de Sevigné⁸¹, cujas cartas são modelo de epistolário, “escreve como se fala” (AMARAL, 2000, p. 22). Entretanto, alerta Roquette ([1866] 1997, p. 266 a 279): tal informalidade somente é aceitável entre pessoas íntimas e familiares, quando é desejável que as cartas tenham um tom coloquial, revelado pelo uso de abreviaturas, linguagem simples e expressões efusivas de afeto.

Uma carta sem resposta é uma descortesia. Mais do que isso, pode parecer uma traição ao pacto que se firma entre correspondentes. Escrever ao ausente dá início ao pacto epistolar, responder a carta recebida o consolida, assim como deixar de fazê-lo constitui uma ruptura. Qualquer atraso nas respostas deveria ser justificado minuciosamente, e na falta de uma boa explicação, sempre se poderia culpar o correio.

A conexão entre autor e destinatário de uma carta afirma a característica dialógica do comércio epistolar, pois a carta é produto desta relação e os correspondentes seus protagonistas.

⁸⁰ Carta de 28 de agosto de 1916. Conjunto Maciel.

⁸¹ Amaral relata que Mme de Sevigné serviu de modelo, no romance *Clélie de Mmle.* de Scudéry, à personagem Clarinte que, justamente, “escreve como se fala” (2000, p. 22).

A exemplo da réplica de um diálogo, nas cartas sucedem-se parágrafos de/em resposta. Aquele que responde, o faz tendo nas mãos a carta que recebeu e, às vezes, explica: respondo tuas perguntas pela ordem. Algumas vezes, assuntos de cartas anteriores são retomados, como numa conversa a que se retorna após uma pausa ou para relatar o desfecho de um caso que estava ainda em andamento quando a carta anterior fora enviada. Os temas se repetem e evoluem no palco da correspondência, os relacionamentos também.

As cartas dos conjuntos epistolares que são o *corpus* empírico deste estudo são documentos indiciadores das práticas epistolares sobre as quais me debrucei até aqui. Vamos às cartas!

Cartas da família Maciel – um universo cosmólita

Iniciei a exploração do material empírico pelas Cartas Maciel, pertencentes ao acervo do Museu, anteriormente referido. Essas cartas são facilmente acessíveis e foram o elemento provocador deste estudo. Foram digitalizados pelo Museu e, junto com móveis e outros artefatos constituem lembranças de uma época da história de Pelotas e do Rio Grande do Sul.

As cartas Maciel apresentam indícios de outros tempos, de hábitos, de práticas e de valores partilhados referentes à escrita epistolar, assim como às

formas das sociabilidades e aos deveres de consideração para com pares e familiares. Estão apresentadas em três subconjuntos, de acordo com seus autores: Cartas da Baronesa Amélia, Cartas de Rubens e Cartas de Mozart, todas elas dirigidas a D. Sinhá que habitou a mesma casa em que hoje está o Museu.

Cartas da Baronesa Amélia

A correspondência era uma prática corriqueira e freqüente no final do século XIX e início do XX, em especial para alguns grupos sociais mais ilustrados, período em que a Baronesa e seus netos escreveram suas cartas. Escrevia-se muito e bem. Havia formas e fórmulas esperadas para essa maneira de expressar-se: aprendia-se a escrever cartas adequadamente e pretendia-se que fossem interessantes.

Nas palavras de Maria Teresa Santos Cunha: “a carta como uma prática de escrita, fala tanto de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe”. (2002, p. 1). Nas cartas da Baronesa à sua “Bôa e querida Filha”, pode-se entrever a filha e os modos como essas mulheres organizavam suas vidas e famílias, suas ocupações e lazeres, suas preocupações e trabalhos.

Antes da popularização do telefone e de outras tecnologias que modificaram os tempos e modos da comunicação interpessoal, as cartas ocupavam um papel importante na vida social e familiar. A cotidianidade da prática da correspondência não diminuía sua importância, ao contrário, escrever – e também guardar, mostrar, copiar, rasgar, lacrar, perfumar, esconder, devolver - enviar e receber cartas, era uma prática fundamental das sociabilidades no período em que a Baronesa Amélia escreveu as correspondências que hoje estão guardadas no Museu da Baronesa.



Figura 14 – Instrumentos de escrita pertencentes ao acervo do Museu da Baronesa.

Cartas pessoais – de mãe para filha - vestígios de outra época, essas cartas evocam “práticas culturais de um tempo, hábitos e valores partilhados, plenos de representações de época”. (CUNHA, 2002, p.1). Na correspondência, interessa aos historiadores “a evolução desta prática, dos usos, maneiras e modos de escrever, dos contextos em que se escreve” e também “os materiais, objetos ou signos utilizados para se escrever, além do espaço social, significados e relações em que tais atos se produzem” (CUNHA, 2002, p.1). Esses documentos “cumprem um papel na construção cultural da sociedade” e, tomados em seu contexto, “dão acesso a visões contemporâneas daquele mundo”. (BURKE, 2004, p. 234).

Ao justificar-se por estender a carta em temas prosaicos, aspecto que, para nós, constitui seu encanto e riqueza, Amélia escreve a Sinhá:

com certeza estarás dizendo, que estas minunciosidades não vale a pena dizer por carta; mas que queres: quando te escrevo me parece estar conversando contigo, e por isso, não tenho vontade de parar!
(Carta de 29 de Setembro de 1909. Conjunto Maciel).

Tais minúcias são preciosos indícios do momento, das saudades, das reflexões sobre si mesmo partilhadas com um interlocutor afetivo.

As cartas da Baronesa Amélia para Sinhá e para o genro Lourival resistiram ao tempo e ao acaso. Escritas entre o final do século XIX e o início do

século XX, distribuem-se irregularmente ao longo desse tempo como podemos depreender do quadro que segue.

Frequência das cartas da Baronesa Amélia existentes no acervo do Museu da Baronesa:

Ano/mes	Jan	Fev	mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	out	nov	dez
1885							01					
1897				*								
1889				02			01	02	01	02	03	02
1900									02			
1903								02	02	05	03	
1906						01						
1907		01	01									
1909				02	07	05	05	05	05	02	02	08
1910		06	07	05								
1916							02	03	03	01	04	01
1917								02	04	02	04	02
1918	03	03	03	01	03	03	03	02	02			

O asterisco em abril de 1897 indica a única carta de D. Sinhá existente no acervo do Museu da Baronesa.

Não se pode determinar que fatores influíram para que sobrevivessem umas ao invés de outras; nenhuma ordem pode ser estabelecida. Provavelmente, o acaso interferiu na preservação da parcela das cartas que existe até hoje (e na destruição ou na perda de outras), e é possível que o zelo de um descendente tenha excluído alguma carta considerada inadequada.

No conjunto das missivas percebe-se que em alguns anos não há nenhuma carta, o que não quer dizer que não tenham sido escritas, ao contrário, as correspondentes parecem ter sido assíduas: em 17 de Abril de 1899, escrevendo em Paquetá, a Baronesa iniciou a carta dizendo ter presentes, à sua frente,

[as] cartinhas de 26 do passado, e 1º do actual, a que respondo, fazendo vótos pela bôa saude, de todos vocês. A tua carta de 15, já foi respondida, e é provável, que n'esta dacta, esteja em teu poder, e por tanto tu sciente de ter eu recebido de Leonel, a importancia do arrendamento. (Carta de 17 de abril de 1899. Conjunto Maciel).

Ainda em Abril, no dia 24, desta feita no Rio de Janeiro, escreveu a Baronesa: “Tenho 3 cartas tuas a responder, sendo a primeira de 5, e as outras recebidas hontem a noite do Paulino, recebi de 16 e 17 do actual”.

A enumeração das cartas recebidas, respondidas ou a responder, além de explicitar a preocupação com a confiabilidade dos serviços do correio, também pode significar a atenção em responder a todas as cartas. É regra básica do correspondente não deixar carta sem resposta. Receber cartas implica na obrigação de respondê-las.

Tal atenção do correspondente deve ser provada. Escreve a Baronesa:

Sinto que Julinha não recebeu meu telegrama, pois d'ella sempre me lembro com saudades; juntando á esta, o recibo do telegrapho, para

que próves a ella, isso mesmo. Abraça-a por mim, e recommenda-me mtº. (Carta de 28 de agosto de 1916. Conjunto Maciel).

A Baronesa Amélia escreveu belas cartas, resultado, certamente, da formação que recebera. Essencial para uma pessoa ser reconhecida como polida, bem criada e educada, a comunicação epistolar era objeto de intenso cuidado: bela letra, coerência, organização, limpeza, interesse. Essa preocupação está presente quando a Baronesa termina uma carta dizendo à filha “um milhão de beijos da Mãe e Am^a. Verd^a”.⁸², e acrescenta o alerta “não me animei a passar esta a limpo, portanto adivinha o que não entenderes”, ou, em outra carta, “não sei se entenderás estes garranchos, mas adivinha-os!”⁸³, ou, como no trecho da carta sem data⁸⁴ que segue:

⁸² Carta do Rio de Janeiro de 24 de Agosto de 1899. Conjunto Maciel.

⁸³ Carta do Rio de Janeiro de 12 de Outubro de 1909. Conjunto Maciel.

⁸⁴ Carta sem data do acervo do Museu da Baronesa, número de tombo MMPB 1676.

Preferi sempre referir as cartas pela data em que foram escritas, neste caso faço exceção porque esta carta da Baronesa não traz a data em que foi escrita.

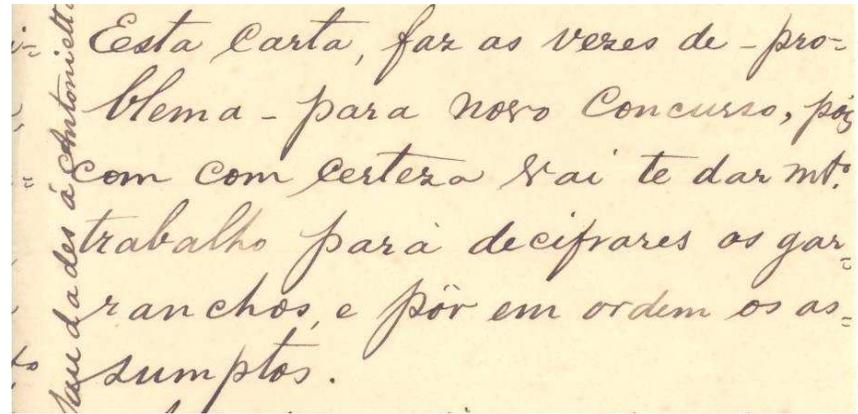


Figura 15 – Excerto de Carta da Baronesa a D. Sinhá, sem data, Conjunto Maciel.

Mesmo nas ocasiões em que a missivista se desculpa pelos “garranchos” ou pela “barafunda” de assuntos, não se vê em suas cartas nem uma coisa, nem outra. Ao desculpar-se, entretanto, a Baronesa corresponde à recomendação de J. I. Roquette, em seu Código do Bom-tom:

Lembrar-vos-ei somente que se por acaso vos cair algum borrão, por pequeno que seja, ou nódoa, ou se fordes obrigados a riscar alguma frase para substituir outra mais correta, ou se houve omissão dalguma palavra que seja mister pôr em entrelinha, deveis fazer outra carta, a não ser para algum amigo íntimo e estardes com pressa, mas sempre lhe pedireis desculpa. (ROQUETTE, [1886] 1997, p. 269).

Um tema muito freqüente nas cartas refere-se aos serviços do Correio, uma preocupação permanente. Por exemplo, a Baronesa recomenda à filha que, para aumentar as chances de as cartas chegarem a seu destino, escreva em

papel fino, não faça cartas pesadas para que os envelopes grossos não despertem a curiosidade do agente dos correios.

Distantes, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, mãe e filha mantêm um fluxo constante de cartas e fotografias, embrulhos de docinhos e lingüiças, incumbências de pagar uma visita ou de enfeitar um túmulo, encomendas de costuras e de papel de parede. Pacotes, cartas, bilhetes e recados viajam na bagagem de amigos e parentes e pelos serviços do Correio. O volume e a qualidade do que é enviado difere conforme a confiabilidade e a intimidade do portador. Diz a Baronesa: “a encommenda para Isabel, é que é mais difficil remmeter; pois não se póde confiar agora no Correio nem tenho conhecidos, a quem póssa pedir para levar”. (Carta de 9 de Agosto de 1909. Conjunto Maciel).

A fotografia abaixo pode ter chegado às mãos da avó por carta, por portador ou mesmo ter sido entregue pela menina retratada, é só um exemplo dos muitos retratos, recortes e lembrancinhas que faziam a felicidade dos correspondentes.



Figura 16 – Fotografia de Déa Antunes Maciel oferecida a avó. Acervo do Museu da Baronesa.

A observação ao lado da imagem diz “A querida Vovó com muitos beijos da sua Déa aos seis anos de idade”, dedicatória escrita pela mãe, provavelmente. A fotografia deve ter sido feita em 1915.

Em 1909, às vésperas da reforma que transferiu a Repartição Postal para o Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, queixava-se a Baronesa:

Resolvi telegraphar hoje a Lourival, porque as cartas custam muito a chegar, e o Correio de proposito, as faz demorar em represalia a não ter havido ainda, a decantada refórma do mesmo. Ainda não recebi a que elle dizia no telegramma, escrever-me. (Carta de 11 de Maio de 1909. Conjunto Maciel).

As cartas e as incumbências circulam na família. Solicita a mãe que a “Bôa Filha” repasse às irmãs as notícias e, algumas vezes, as cartas. A Baronesa, morando na capital, tem sempre tarefas a cumprir e compras a realizar para a família distante. Os malões sobem a costa nos vapores, transportando cocadas e farinha de mandioca, goiabadas e geléias, bordados e costuras que a Baronesa agradece com entusiasmo. Os baús e caixotes voltam trazendo latas de biscoito, vasos e tabaco ou coisas ainda mais inesperadas:

[...] Com a encommenda [o presente de casamento] p^a. o Podinho, vão uns novellos de linha para coser meias, que pensava já te ter mandado á mt^o, mas que fui encontrar agora, em uma mala. Talvez te prestem

serviço, porque mt^{as}. vezes não se encontra ahi, essas côres. Vai uma latinha de biscoitos de chocolate, para repartires com a creançada, pois infelizmente nada lhes pôsso mandar, de tanta cousa bôa que aqui há. Vão tambem uns caramêlos, (o cartucho vai abérto, porque já o tinha, e na ocasião de arrumar a caixa, lembrei-me de mandar mesmo assim ao Lourival, que está sempre com pigarro.) Não lhe dêes no cartucho, despeja em uma bomboniêre, e leva-lhe. Remetto, igualmente uma roupinha para o Delmar, que apesar de ser mt^o. commum, achei bonitinha: não sei porem, si lhe servirá. Os sapatinhos, são para Dea, que no progrêso em que vai, é capaz de vir já caminhando.[...]

N.B. Para encher os espaços vasis da caixa que vai botei um collête vélho que poderas dar a alguma das creadas ahi. (Carta de 13 de Setembro de 1909. Conjunto Maciel).

Há todo um cerimonial epistolar nessas cartas: no terço superior da primeira folha indicam o lugar e a data em que foram escritas e iniciam invariavelmente por combinações com a palavra Filha: “Minha muito querida Filha”, “Querida Filha” ou “Minha bôa e querida Filha”.

É interessante que na única carta de D. Sinhá a integrar o acervo do Museu da Baronesa ela se despeça, de forma condizente com os vocativos que mãe emprega ao dirigir-se a ela, com um “da sua filha do coração, Sinhá”:

é dia de annos do Felirpo e de uma cajadada
mato dous coelhos; risito um e felicito outro.

No dia 10 penso baptisar a Dalva, se Deus qui-
zer. Tálú tem tido suffocações mas está muito bem
disposta. Antú tem tido satura cá. Se quiser que
he bre d'aqui alguma cousa, avise-me com
tempo. Estou fazendo o enxoval das criancas.

Tou escrever a Dulce. Deu mais for hoje
queira dar um abraço na Vera, saudades
a' tia Candida e p. si muitos abraços do fouri-
val e beijos dos netinhos e da sua

Filha do Coração -
Sinhá

M. A Comadre Theresa teve outro dia um de
ataque que bastante nos assustou. Felizmente
passou e ella anda sur pe' se bem que muito
abattida.

70480 1031

Figura 17 - Carta de D. Sinhá à Baronesa, 8 de abril de 1897,
Conjunto Maciel.

No corpo das cartas da Baronesa repetem-se explicações pela demora nas respostas ou, ao contrário, o arrolamento das cartas recebidas e respondidas. As cartas enviadas que não chegaram ao destinatário provavelmente “envelhecem no correio”, é o que argumenta em uma das cartas. Por sua vez, a Baronesa angustia-se com eventuais atrasos na chegada de cartas: Por que o silêncio? Qual a razão para a falta de cartas? Estarão todos bem de saúde? Chega a telegrafar para confirmar se todos passam bem, embora um telegrama pudesse provocar um grande susto em quem o recebesse, o que ela, a todo o custo, desejaria evitar. As cartas também terminam com uma fórmula repetida, em sucessivas variações de muitos beijos e abraços, muitas saudades “da Mãe e Amiga certa”, “da Mãe muito amiga”, “da Mãe e Amiga do Coração” ou “da Mãe e Amiga Verdadeira” – e coloca seu “nome de pia”⁸⁵, Amélia, como deve ser feito entre parentes chegados.

⁸⁵ ROQUETE, 1997, p. 277.

uma pequena saca com, como a aqui saúda.
Adeus, minha boa filha: quando nos verem²,
Todos os novos te abraçam, e o mesmo faço eu
a Louvival, e queridos netos. Abraça também
por mim, a Sinhá Pequena, Arthur, e Ji-
nos. Beijando a queridas Hilda, e Déa, o
faço à ti, com a viva saudade, a
quem é a nova Rainha, Mãe e Am.^a Cesta
dos Diamantinos? *Amélia*

Figura 18 – Excerto de Carta da Baronesa a D. Sinhá, 8 de janeiro de 1918, Conjunto Maciel.

A efusão das expressões, o uso de muitas abreviaturas, a linguagem e a simplicidade coloquial do texto também estão de acordo, como referi anteriormente, com o que J. I. Roquette ([1868] 1997, p. 266-279) considera adequado para cartas trocadas entre pessoas íntimas e familiares, e somente entre essas.

Outros assuntos ocupam muitas linhas das cartas: os queridos netinhos, as doenças e os tratamentos, os médicos e os remédios, as mortes de conhecidos e de parentes, o dinheiro e a insuficiência de dinheiro, as compras e encomendas. A saúde, ou a falta dela, era um tema predominante na correspondência, “afinal as doenças eram comuns e os médicos pouco eficientes” (GAY, 1999, p. 354). A Baronesa descreve seus males, “em laivos de uma autobiografia médica” (GAY, 1999, p. 354.): dói-lhe a perna, incomodam-lhe os olhos, o estômago a aflige, em

algumas ocasiões relata moléstias e incômodos (próprias ou alheias) com detalhes clínicos, mas o faz com resignação.

As mortes sucedem-se entre os familiares mais próximos, para falar apenas nas filhas: Dulce morre de parto e o bebê não sobrevive; Dalva, a filhinha menor de D. Sinhá, morre inesperadamente de uma doença que não parecia grave; o bebê de Bonéca sobrevive apenas por uns poucos minutos após o nascimento e a mãe tem uma crise “hystérica”⁸⁶, Talu opera um tumor no nariz (mas recupera-se)⁸⁷, os netos têm coqueluche, sarampo, bronquite; D. Sinhá sofre com nevralgias⁸⁸, cólicas, “perdas”⁸⁹.

A Baronesa desdobra-se em pedidos e argumentações para que a filha se poupe, para que não se canse nem em festas, nem nas lidas da criançada, nem a fazer doces para enviar-lhe. As doenças assustam. Proteger-se do frio ou da possibilidade de contágio, evitar o cansaço excessivo e as tribulações, buscar médicos e experimentar medicamentos são recomendações frequentes. Parece

⁸⁶ “Logo q. faleceu a Coralia, foi ella accommettida dos antigos ataques hystericos, e dois dias depois do nascimento do Paulo, apoz uma lavagem uterina que lhe mandou fazer o Rodrigues Lima, com 12 litros de liquido, teve ella o primeiro acesso de febre, de 41 graus, e alguns decimos”. (Carta de 7 de abril de 1900. Conjunto Maciel).

⁸⁷ Carta de 13 de outubro de 1899. Conjunto Maciel.

⁸⁸ Respondo á tua querida cartinha de 24 do passado, que deixou-me bem aborrecida, por vêr que já te atormenta de novo as maldictas nevralgias. Não serão ellas de - máo agouro? (Carta de 5 de outubro de 1909. Conjunto Maciel).

⁸⁹ Carta de 3 de agosto de 1909. Conjunto Maciel

haver razão para a preocupação, pois das quatorze gestações da Baronesa, sete filhos sobreviveram à infância e dos doze filhos de D. Sinhá, seis.

A preocupação com a saúde e a resignação com a doença e com a morte, presentes nos relatos, são indícios da fragilidade dos recursos médicos disponíveis, que resultam na alta mortalidade entre os filhos das correspondentes.

A resignação que a Baronesa mostra em relação a seus males estende-se às narrativas das mortes e funerais, ela soa triste, mas resignada e conta à filha que encontra consolo na religião que ambas compartilham: “A nossa fé é que me dá forças”, diz ela. A Baronesa era espírita e em algumas cartas solicita a D. Sinhá que lhe envie revistas espíritas que tinha em Pelotas porque “aqui no Rio não se acha!”, pede também os livros espíritas que estão “na terceira prateleira do armário da sala de costura”.⁹⁰

As cento e quarenta e oito cartas escritas ao longo de três décadas pela Baronesa Amélia à filha, Sinhá, são indícios de outros tempos, de hábitos, de práticas e de valores partilhados. Alguns desses dizem respeito à própria escrita epistolar: relacionar-se por carta, escrever bem, não deixar carta sem resposta. Outros, como as formas das sociabilidades, os deveres de consideração para

⁹⁰ Como me estão fazendo aqui mtª. falta, alguns dos meus livros espíritas, peço-te para me mandares o mais breve que puderes, todos os que se acham no meu armário, mas na 3ª. Prateleira. Os outros, não precisa. Destes mesmo, não precisa mandares os – folhetos- mas sómente os encadernados. Conta as prateleiras, de cima para baixo, porq. não me lembro se, de baixo para cima, tem mais alguma. (Carta de 30 de julho de 1909. Conjunto Maciel).

com pares e familiares, e a obrigação de assistência aos criados da casa, aos necessitados e aos pobres, aparecem sob a forma de comentários e condutas solicitadas ou relatadas. A contrapartida disso parece ser a convicção do lugar que a missivista e a família ocupam no mundo e do prestígio e consideração que lhes são devidos.

Algumas regularidades podem ser percebidas nas cartas, entre elas o tratamento que a mãe reserva à filha correspondente, semelhante em todas as cartas, chamando-a afetuosamente de boa e querida, sem jamais nomeá-la. As notícias da família, como seria de se esperar nesse tipo de correspondência, são o assunto principal – os nascimentos, as dentições, os passinhos iniciais, os colégios, as artes, os casamentos, os trabalhos, as profissões, a saúde, os negócios. As doenças recebem consideração particular e, na quase totalidade das cartas a Baronesa pergunta a respeito da saúde das pessoas distantes e informa à filha sobre as condições de sua própria saúde e sobre como têm passado os parentes e conhecidos. Os comentários sobre as notícias nacionais e internacionais são esparsos, os segundos ainda mais raros do que os primeiros. Eventualmente, as eleições presidenciais de 1909 são assunto para alguns parágrafos, mas a Primeira Guerra Mundial, não.

As cartas da Baronesa, correspondência familiar, escrita ordinária de uma mulher do século XIX, preservadas no Museu da Baronesa, são versões e vestígios de experiências, de relações, de pensamentos e sentimentos, além de

serem belos exemplares de escrita epistolar que se destacam pela qualidade do papel – que colabora para sua boa conservação - e da tinta, pela caligrafia e pela delicadeza da escritura. As cartas de Amélia são lidas com prazer e facilidade, dignas representantes das habilidades gráficas de quem as escreveu e de um tempo em que escrever cartas era uma prática usual e necessária.

Cartas de Rubens

Filho de D. Sinhá, neto mais velho da Baronesa, fez um *tour* europeu de vários meses, em 1914, por várias cidades européias, acompanhado de (ou acompanhando) um Guia Baedeker⁹¹.

Só existem no museu as cartas escritas por Rubens aos pais. Sua correspondência passiva não é conhecida, mas ele refere o recebimento de cartas da família. Do pai recebe uma, que guardará para sempre porque é a única jamais recebida, é a mãe a correspondente usual.

Esse subconjunto das cartas Maciel soma cinqüenta e cinco cartas, a maioria enviada de Paris, onde o viajante fez sua base. A primeira das cartas foi

⁹¹ “Vi tudo que o Baedeker recomenda” escreve Rubens, nas cartas escritas em 01/07/1914; 08/07/1914 e 14/07/1914.

escrita no Lutetia, vapor que leva o jovem estudante de direito a Paris, e relata minúcias do cotidiano a bordo e os acontecimentos da parada em Dakar, onde Rubens conta, “imaginem como nos divertimos em terra. Não fazia ideia do que fosse uma cidade africana”.⁹²

A carta seguinte, ainda em alto mar, relata o susto de um acidente, na saída do porto de Lisboa, em que o navio abalroa um barco grego que vai a pique. Conta Rubens:

Nunca, certamente, lhes terei escrito sob tão forte impressão, como o faço agora. Naturalmente, pelas notícias que terão pelos jornaes, saberão a que me refiro. Contar-lhes-ei o que pude presenciar. Sahimos hoje de Lisbôa, ás 1 e meia da noite, em vez das 2, como estava marcado. [...] Vinhamos perfeitamente bem, e eu estava calmamente no “bar”, com outros companheiros, quando um choque violento sacudiu todo o vapôr, fazendo com que os passageiros, tomados de panico, corresem todos para o lugar do chóque. Quando eu corria, encontrei-me com o Aranha, que já sabia o que se passára, e que vinha prevenir da realidade, ‘haviamos abalroado, em alto mar, ainda que não mtº. longe da barra, com um outro navio’. Imaginem que horror! Todos pensamos que havia chegado a hora da mórte, e se pegaram como loucos! Senhóras gritavam e choravam, homens corriam em todas as direções, procurando salva-vidas! [...]

⁹² Carta de 2 de fevereiro de 1914.

Não calculem que espetáculo presenciamos! O navio partindo-se em 2, se afundava pouco a pouco! Os seus tripulantes gritavam horrivelmente por socorro, enquanto que no nosso, todos se esforçavam por prestal-os incontinenti: Todos os salva-vidas foram lançados ao mar, no que mt^{os}. d'elles se puderam salvar. (Carta de 4 de fevereiro de 1914. Conjunto Maciel).

Além deste relato que parece roteiro de um filme de aventura, Rubens relata que na breve estada em Lisboa ele desincumbiu-se de alguns encargos de cortesia que incluíam procurar o encarregado de negócios da família e entregar-lhe encomendas e cartas, sem no entanto ter encontrado o dito Sr. Annibal Velloso. (Carta de 4 de fevereiro de 1914. Conjunto Maciel).

O acidente com o Lutetia proporcionou a ocasião para este encontro e Rubens declara em sua carta de 9 de fevereiro de 1914,

Com o desastre do “Lutetia”, fui obrigado a voltar a Lisbôa, sementretanto, ter voltado a procural-o. Passei o dia todo em terra, só voltando as 9 e meia da noite para bórdo. Encontrei então, na minha cabine, uma delicada carta, que depois mandarei, que o Sr. Annibal deixara escripta para me ser entregue, por não me encontrar a bórdo, quando me procurava. N'ella dizia ter sentido mt^o não estar em casa, quando eu lá estivera [...]. Dizia-se mt^o sentido com o accidente que soffreramos [...] Preparava-me para subir ao salão de leitura, para responder-lhe a sua cartinha, quando vieram me avisar, que um senhor

me procurava [...]. Esteve quasi uma hora conversando comosco, sempre amabilissimo, dizendo que veio me procurar aquella hora, 10 da noite, pois que não queria que eu partisse para cá, sem me agradecer o ter sido o portador de suas encommendas, sem ao mesmo tempo ter noticias pessoaes minhas, depois do desastre. [...] Fiquei reconhecidissimo a todas estas attencções, que elles levaram ao excesso. (Carta de 4 de fevereiro de 1914. Conjunto Maciel).

O excerto indica o tempo e atenção dedicados à escrita epistolar como parte da cultura escrita de um tempo.

Além desta “atenção levada ao excesso”, o Sr. Annibal é autor de outra gentileza: “Entregou-me tambem uma carta de apresentação para o seu collega da legação d’aqui, 1º secretario, Dr. Oduvaldo Pacheco e Silva, em que péde toda a sua attenção para comosco, chamando-nos de pessoa de distincção”. (Carta de 9 de fevereiro de 1914. Conjunto Maciel).

Cartas de apresentação devem ser muito consideradas antes de serem escritas, Sobre este tema, escreve Antônio, correspondente do conjunto G, que ia realizar um tratamento de saúde em outra cidade, confirmando a importância de se receber este tipo de recomendação:

“Há pouco estive lendo um cartão escrito pela Alaide N. Mendes de Mattos e dirigido ao diretor do Manguinhos me apresentando. Ela quando foi daqui doente foi recomendada a ele e daí ser intima dele e

da família, trata até por você”. (Carta de 19 de maio de 1944. Conjunto G).

Cartas de apresentação são um assunto sério, muito sério, dizem os manuais. Não devem ser requisitadas mas oferecidas, e geram obrigações para as pessoas que as recebem, embora quem recomenda deva ter o cuidado de fazê-lo de modo não impositivo. O portador da carta, que geralmente é também o objeto da atenção, ao recebê-la de seu autor – aberta, como é praxe – deve lacrá-la na frente de quem a escreveu, sem lê-la é claro, dizem os manuais. O que Antônio, na carta reproduzida acima, não fez.

Nas cartas que envia aos pais, Rubens fará descrições detalhadas também das cidades e passeios, encontros e acontecimentos que viverá em sua aventura européia. Além das descrições de cidades, de acontecimentos, as cartas incluem ainda um relatório breve, sempre positivo, de sua condição de saúde; um comentário a respeito de suas finanças e um arrazoado sobre sua necessidade de mais dinheiro; agradecimentos sobre a oportunidade que a família lhe proporciona com aquela viagem e o muito que está aproveitando a experiência.

Rubens é um missivista constante, escreve uma ou duas vezes por semana. Escreve bem, claramente. Descreve os conhecimentos que faz ou retoma e a consideração que recebe por conta de relações familiares anteriores. Desvela-se em produzir cartas interessantes que se pode imaginar sendo lidas

nos serões familiares: passear no Lido, subir na Torre Eiffel, visitar Versalhes, dançar no *Bal Masqué*. Descreve os trajés, as pessoas, as comidas e manda junto impressos para colorir o relato. Os envelopes das cartas levavam muitas outras coisas: recortes de jornais, ingressos para o teatro ou para a ópera, objeto de perguntas posteriores, ou o catálogo das *Galeries Lafayette*.

A saúde, ou a falta dela, é tema para vários parágrafos e argumento para obter dos pais mais recursos. O filho distante descreve o tratamento que faz para uma doença não nomeada: as visitas aos médicos, o tratamento que inclui injeções regulares a base de mercúrio, os banhos, as prescrições (que manda para os pais conferirem) e a conclusão de que tudo isso drenou-lhe os recursos. De qualquer forma, com um novo aporte, inicia a parte italiana do *tour*.

De trem, conhece Milão, Roma, Nápoles, e muitas outras cidades italianas. As referências ao Guia Baedeker⁹³ falam de um hábito – as viagens de turismo e formação – e indicam familiaridade com os livros e a escrita como também as seguidas referências a jornais europeus e a jornais que a família envia do Brasil. Outro livro que aparece em sua correspondência é, na carta⁹⁴ escrita em Veneza, o *Child Harry*, de Byron, única referência literária de todo o subconjunto.

Entre os temas das cartas de Rubens percebe-se uma relevância maior do que nas cartas da Baronesa, atribuída ao mundo não familiar. Ele fala sobre a

⁹³ Carta de 2 de fevereiro de 1914. Conjunto Maciel.

⁹⁴ Carta de 1 de julho de 1914. Conjunto Maciel.

política francesa e brasileira - as desordens nas ruas do Brasil, o estado de sítio, os desmandos do governo - tudo com comentários. Há ainda as notícias sobre a situação internacional e sobre a guerra que se aproxima.

O início da guerra o encontra na Suíça e encurtará sua estada europeia. De lá, Rubens voltará ao Brasil, depois de afirmar que só não se alista sob o pavilhão francês para poupar aos pais essa preocupação.

Há muitas regularidades na gramática epistolar empregada por ele. Inicia por uma saudação sempre repetida – Meus queridos paes – comenta aspectos das cartas a que está respondendo, descreve sua condição de saúde, descreve o que fez desde a última carta, comenta notícias da Europa ou do Brasil e despede-se sempre, com pequenas variações, com beijos aos queridos pais, irmãos, à querida vovó (a Baronesa) do filho muito amigo, Rubens.

O quadro que segue mostra a regularidade das saudações empregadas por ele.

• **Cartas de Rubens: Saudações e fechos.**

Vocativo	Data/local	Fecho
Meus queridos Paes.	16.02.1914 Alto mar	Abraços aos queridos vovo, irmãos tia Irene, Veva, Nena e Diogo. Mt ^{os} . beijos e saudoso abraço do filho mt ^o . am ^o . Rubens NB. Si não entenderam a letra a culpa não é minha, é antes do Lutetia, que com jogo e trepidação, não

		me permithiu melhor. Em Paris, vamos para o "Select Hotel". "Quanto estimo a penna está detestavel!" R.
Meus queridos Paes.	04.02.1914 Alto Mar	O papel esta acabando. Abraços aos queridos irmãosinhos, Vovó e pessoal de casa. Mt ^{os} . beijos do filho que não esquece de vocês, Rubens.
Meus queridos Paes.	05.02.1914 A Bordo do "Lutetia" em Lisbôa	Abraços meus a todos, com mt ^{os} . beijos a minha Déinha. Mt ^{os} . abraços e beijos do filho mt ^o . amigo Rubens.
Meus queridos Paes.	09.02.1914 Paris	Mt ^{os} . abraços a todos. Mt ^{os} beijos e abraços do filho que mt ^o lhes quer Rubens.
Meus queridos Paes.	12.02.1914 Paris	Abraça aos queridos irmãos, Vovó, Tia Irêne, Nara, Véva e Diogo Mt ^{os} beijos e apertado e saudoso abraço do filho que mt ^o lhes quer. Rubens.

Rubens é um missivista prolífico, a título de exemplo, no mês de junho de 1914 escreveu doze cartas⁹⁵. Uma carta a cada dois ou três dias, iniciando em Paris e passando por Marselha, Toulon, Nice, Gênova, Nápoles, Roma, Florença e Veneza. Suas cartas são seguidamente escritas nos papéis dos hotéis em que está hospedado, têm a intenção de tranquilizar e informar os pais distantes mas sem muita preocupação com a forma. Rubens não passa a limpo, as cartas apresentam pequenos erros corrigidos e palavras riscadas. Ele escreve sem estar

⁹⁵ Datadas de 4, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 18, 20, 24, 26 e 30 de junho de 1914. Conjunto Maciel.

respondendo cartas da família, da qual recebe menos correspondência do que gostaria, mas como ele mesmo escreve: “*pas des nouvelles, bonnes nouvelles*”. (Carta de 4 de junho de 1914. Conjunto Maciel).

Cartas de Mozart

Segundo filho de D. Sinhá a fazer o giro europeu, Mozart vai para a Europa em outubro de 1927. De lá, remete, de várias cidades, trinta e quatro cartas que se estendem pelo ano de 1928.

De Paris, a primeira carta escrita já anuncia o desejo de que as cartas materializem a experiência ímpar que o missivista está vivendo:

[...] aqui vae e seria necessario ser um escriptor perfeito, com uma memoria muito bôa, para, em muitos volumes, poder traduzir com a possível fidelidade tudo o que, percebido pelos sentidos, pouco habituados, fosse repercutir no seu cerebro e na sua alma. Mas vamos por partes... e que eu seja feliz na descrição de minha primeira carta, que, pelos meus propósitos, devia ser uma especie de materialisação das diversas impressões que me tem causado a grandiosidade deste novo mundo, deste super-mundo que é Paris. Entretanto, sem exagero!... (Carta de 15 de outubro de 1927. Conjunto Maciel).

As cartas do Mozart dirigem-se à mãe exclusivamente, iniciando sempre por variações de “Querida mamãe”.

- **Cartas de Mozart: saudações e fechos.**

Vocativo	Data/local	Fecho
Mamãe querida	15.10.1927 Paris	Recomendações aos amigos, um abraço em todos de casa, e, para ti, um carinhoso beijo do M. Estou morando em: 199 - Boulevard Pereire optimamente instalado.,
Mamãe querida	23.10.1927 Paris	Mamãe querida, para terminar, peço-te novamente que me escrevas bastante (é o único lenitivo para a grande saudade que, naturalmente, sinto de todos) e que pelas tuas cartas, me tragas sempre ao par <u>dos teus projectos, da vida de todos, dos nossos negocios</u> , dos quaes desejaría ter sempre <u>amplas informações</u> , e, ainda mais, como vae se portando o grupo dos – <u>Macielsinhos</u> . Com os queridos Papae, irmãos e guryrada, recebe todas as saudades e carinhos Do teu M. P.S. não fallem a muita gente do que lhes disse a respeito das compras que eu poderia fazer-lhes aqui, porque do contrario nem com toda a boa vontade se poderia satisfazer a todos
Mamãe muito querida	19.10.1927 Paris	Com os queridos Papae e irmãos, recebe, minha Mamãe, muitos carinhos, beijos e saudades do teu <u>Zazinho</u> .
Querida mamãe	01.12.1927 Paris	Com todos os de casa, Mamãe querida, recebe os beijos, abraços e saudades do Mozart. P.S Como esta deve chegar-te ás mãos nos ultimos

		dias do ano: <u>Feliz Natal e Anno Novo para todos!!!</u> M. O resto da carta é p'ro <u>Rubens</u>
Minha Mamãe adorada	19.12.1927 Paris	Mamãe querida, adeus. Já estou ficando gelado! Escreve mais frequentemente. Não podes imaginar as saudades que tenho sentido de ti, do querido Papae, de todos!!! Muitos e muitos beijos do teu Zazinho.

Mozart parece ser um correspondente muito interessante, suas descrições são vivas e as saudações bastante carinhosas. Repetem-se em suas cartas o pedido por mais cartas, escrevam mais, e as indagações por correspondentes faltosos, que não responderam aos cartões enviados.

Mozart é também bastante criativo, capaz de escrever coisas como “hoje, Florença é uma quieta cidadezinha, pouco “muséunica”, cujo único atractivo é a lembrança de que ella foi patrona do espírito florentino”⁹⁶. Como escreveu Clarice Lispector, “a cidade vive do passado, da tradição”, embora esta missivista tenha também escrito que “[Florença,] a imaginei + bonita ainda”. (LISPECTOR, 2007, p.98).

O sublinhado, que Mozart emprega em “espírito florentino”, é um recurso de muitos correspondentes para enfatizar algum ponto. Usual, mas eventual, todos os correspondentes que li, sublinham, mas não em todas as cartas. A Baronesa Amélia o utiliza muito raramente. Mozart faz um uso generoso do

⁹⁶ Carta de 8 de março de 1928. Conjunto Maciel.

sublinhado, apondo-o preferivelmente aos qualificativos como na frase em que, falando de Paris, declara: “antes de mais nada, devo assinalar que é esta a cidade da grandiosidade, do luxo e do bom gosto”⁹⁷, e na primeira carta de Londres em que afirma: “ella é babelicamente enorme!”⁹⁸. Em apenas cinco⁹⁹ de suas trinta e quatro cartas, Mozart não recorre aos sublinhados para reforçar suas palavras

Outro exemplo da criativa escrita de Mozart é a cartinha “tatibitati” escrita para o sobrinho pequeno, Aníbal, por ocasião de seu aniversário de três anos. Esta é uma carta¹⁰⁰ para ser lida em voz alta para um menino de três anos:

Londres, 12 – 2 – 928

Meu Biba quilido

Oze é o dia dos teus annos, e o Jajá, apesar de estar munto lonze, nas Olópas, si lembou muito de ti: elle góta muito de ti, e tu tambem góta muito delle, não é? Tú recebeu muitos pezentes? Que que tú ganhou do Pae e da Mãe? O Vovô Puxo tambem te deu outo pezente? O Jajá tambem quilia ti dá um brinquedo, mas não podia puquê tava muito lonze; mas quando elle voltá pu hio elle vae te dá um pezente bem bonito, que elle vai compá na cidade zunto contigo, não é?

⁹⁷ Carta de 15 de outubro de 1927. Conjunto Maciel.

⁹⁸ Carta de 12 de janeiro de 1928. Conjunto Maciel.

⁹⁹ As cartas em que Mozart não faz uso do sublinhado são as de 19-12-1927, 12-02-1928, 13-02-1928, 05-03-1928, 20-04-1928.

¹⁰⁰ Esta carta ainda não foi digitalizada pela instituição que a guarda.

Tú tem tomado banho de mar? Na Uca ou no Flamengo? E tú tem passeado muito de automovi, com o Pai i a Mãe? O Jajá também tem passeado muito, e quando elle volta vae tê uma purção de coisas bunitas pra ti contá.

Outo dia eu licibi uma carta da Vóvó Shinhá em que ella falava muito em ti, mi dizendo que tu sempre falava em mim, e que tú ia mi compá um binquedo muito bonito, quando eu voltasse. Ella mi dissi também Qui tu zá tinha sahido do Hotel Six e Qui tava molando na tua casa na Leite Leal. Tú gostou da casa? A V'vó Shinhá mi disse que ella ficou muito bonita, e que a Mãi tava arranzando tudo muito bunito. Quando eu voltá tú mi convida pa i ti visitá i vê ella, não é? Adóla o Jajá vai si dispidi di ti puquê elle qué esquevê também pá Vóvó Shinhá.

Dá muitas lembanças pu Pai, pa Mãi, pu Vovô Puxo, pa Tia Helena i Tia Guidinha, i pá todos. I pá ti, um abaço e um bezo muito gandes do Jajá. (Carta de 12 de fevereiro de 1928. Conjunto Maciel)

Durante a excursão à Itália, Mozart afirma-se “disposto a escrever de cada cidade que fôr visitando (já o fiz de Nice), creio que será esse o melhor meio de fixar as minhas impressões de cada uma dellas”.¹⁰¹. Como anunciou na primeira carta da Europa, escreve para materializar, para fixar na memória as experiências e para compartilhá-las com familiares e amigos distantes. Entretanto, não se furta

¹⁰¹ Carta de 25 de fevereiro de 1928. Conjunto Maciel.

de afirmar que deixa para levar a maior parte das fotografias em mãos, de modo a garantir que cheguem, para poder contar de viva voz os detalhes.

Garantir que cheguem, esta é uma preocupação constante para Mozart que se queixa do correio sem pejo. Em carta de Londres, mais de três meses depois de ter chegado à Europa¹⁰², Mozart enumera as cartas recebidas de casa:

com a alegria que podes imaginar, acabo de receber duas cartas tuas (3ª e 4ª), datadas de 11 – 12 (do Rio) e a outra de 24 de Dezembro (já de Pelotas). Na primeira dellas queixas-te, e seria com justiça, de falta de noticias; entretanto, Mamãezinha querida, podes estar certa que o unico responsavel é esse inefavel serviço publico que chama – Correio; tenho sentido tanta saudade e tanta falta tua que, apesar da minha reconhecida inappetencia por escrever cartas, tenho te escripto bem seguidamente. (Carta de 28 de janeiro de 1928. Conjunto Maciel).

O “inefável serviço público” continua presente na carta seguinte: “até agora não recebi o teu bilhete de Santos, de que me fallas em tua carta de Pelotas, e nem a do Rubens. Proezas do nosso grande amigo Mr. Correio” (Carta de 31 de janeiro de 1928) e na carta de 17 de fevereiro de 1928 destaca:

Na mesma carta queixavas-te de não receber noticias minhas, o que ainda te tornava mais intranquilla, com as noticias do rigor deste inverno aqui na Europa. Affirmo-te mais uma vez, Mamãe querida, que

¹⁰² Sua primeira carta, de Paris, data de 15 de outubro de 1927. Contava então quatro dias na cidade.

tenho sempre te escripto muito assiduamente (uma media de uma carta cada semana, no minimo, e que, como das outras vezes, o único culpado é o – Correio. (Carta de 17 de fevereiro de 1928. Conjunto Maciel).

Nesta carta, Mozart afirma sua confiabilidade como correspondente e, ao mesmo tempo, a inconfiabilidade dos serviços do correio que ele qualifica como “essa matadora de esperanças que pomposamente se chama – Repartição Geral dos Correios e Telegraphos Nacionaes!” razão pela qual ele remete “a minha ultima photographia, preferindo guardar as outras com medo de que não as chegues a receber”. (Carta de 12 de abril de 1928. Conjunto Maciel).

Mozart está longe, quer notícias, mas mais do que isso, quem escreve espera reciprocidade. Por isso Chopin escreve, “o carteiro é saudado com alegria quando faz sua aparição na vila mas que decepção quando não faz ressoar suas botas na escada” e completa, o carteiro nada pode o que falta é o missivista. (2007, p. 47). Antônio também relata sua decepção: “Esta semana é que tenho tido varias decepções na ocasião de procurar as cartas na portaria do hotel”. (Carta de 14 de maio de 1937. Conjunto G). E Lobato: “alegrou-me o correio hoje porque pressenti no calhamaço a resposta á penultima mas como não fazes menção dessa carta estou a supor que se desmandasse pelo caminho como ma carta que era” (1951, p 99). Quem escreve, espera resposta.

As cartas Maciel reportam-se a um mundo ao mesmo tempo doméstico e cosmopolita. A Baronesa e a filha conversam suas minuciosidades por carta – os dentinhos e a coqueluche, os bailes e os casamentos, e os chapéus e papéis de parede – os filhos de D.Sinhá escrevem sobre a Europa, entretanto estes dois universos se entrecruzam, a Baronesa fala de política e os rapazes querem saber da casa e dos pequenos da família. As cartas, para qualquer um deles, cumprem seu papel de sempre, presentificar o ausente.

Conjunto Epistolar Família D – um universo de fronteira.

Recebi o conjunto documental D¹⁰³ das mãos de uma pessoa da família que localizou o material já agrupado na casa que a família ocupa de forma contínua há décadas, o que deve ser tomado como um dos fatores para a existência e manutenção deste arquivo.

O material é homogêneo no que se refere ao suporte, papel, mas bastante heterogêneo no que diz respeito à tipologia dos documentos que integram este arquivo privado familiar.

¹⁰³ Os nomes são fictícios.

O envelope, recebido por mim da guardadora da família, que obtive da mãe a licença para emprestar-me, só o foi mediante a garantia de que a identidade familiar seria preservada pelo uso de pseudônimos. Os documentos, encontrados por acaso na casa da família, reúnem indiscriminadamente cartas, recibos, notas de compra e documentos judiciais, com datas que variam entre 1882 e 1948. O conjunto parece ter sido constituído pela necessidade de guardar comprovantes que poderiam ser importantes no futuro e para documentar relações de negócio e sucessões familiares.

No levantamento do conjunto, o documento mais antigo é um recibo isolado de 1882 em que o sobrinho declara ter recebido do “meu titiu”, o Sr. Júlio Oliveira Pinho, o valor correspondente a dois anos e meio de arrendamento.

O Sr. Júlio foi o primeiro a guardar documentos que integram este conjunto. Os documentos seguintes apontam uma acumulação mais sistemática a partir de um possível falecimento, em 1897, que pode ter colocado o Sr Júlio na situação de chefe da família, responsável, portanto, pelas pendências jurídicas, pelos pagamentos e pela sua comprovação. Os documentos de Júlio Pinho são uma certidão de desistência de herança em inventário, contas e recibos de farmácia e de médicos e um recibo de materiais fúnebres (coroa, fita, letras douradas, flores). Ainda em 1898 há um pitoresco recibo da compra de um chinelo em São Leopoldo, para o qual não consigo imaginar nenhuma razão de guarda, e seis recibos da Décima Urbana do Município.

Há mais nove recibos variados dos anos de 1900 a 1902 em nome de Júlio Oliveira Pinho. Os recibos seguintes, falando cronologicamente já que os documentos estão empilhados de forma aleatória, são em nome de Domitilla Pinho: uma folha de contas quitada, o recibo pelo feitiço de dois vestidos e o recibo da escola que paga “por suas netas”. O titular dos documentos que seguem é Frederico Pinho.

De Frederico existem três recibos do ano de 1898 do Collégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo, onde foi interno, no qual consta “Alumno – Frederico Pinho Vale” que são pagos por diferentes pessoas, talvez prepostos dos pais distantes. Há mais outros oito recibos de colégio entre os anos de 1902 e 1905.

Encontram-se neste conjunto dois atestados, um de 1902 e outro de 1936, com as notas de duas meninas da família, Donata e Dejanira; três títulos de eleitor (de 1907, de 1922 e de 1934); dois telegramas; um envelope vazio endereçado a ele que foi usado para fazer contas; seis documentos de registro de veículos de tração animal dos anos de 1942 e 1943; a inscrição de um aparelho de radiodifusão (em 1941), a nota de compra de um carro Ford e sete recibos de oficina mecânica; diversos outros recibos: de vacinas, de selos, da farmácia, da décima municipal (anos 1906 e 1908), de livro, de ações, num total de quinze entre os anos de 1902 e 1943.

O último recibo é de exames laboratoriais, o documento seguinte é uma cobrança de telefone em nome de Vva. Frederico Pinho em 1944.

Dejanira é signatária, em 1944, de uma procuração para Plácida Pinho, a viúva de Frederico Pinho e o último documento do arquivo da família é uma folha de contas de Plácida Pinho, de 1948, quitada.

Esses papéis tão variados compõem a paisagem e ajudam a situar as cartas, guardadas pela família, que vieram no mesmo envelope. Diferente dos outros contêineres de cartas que tenho trabalhado, o envelope que continha as cartas não faz parte do conjunto, que estava em uma peça de mobiliário na propriedade rural que a família mantém até hoje e foi envelopado apenas para ser transportado.

Cartas Família D

As cartas são em número de quarenta e uma e se distribuem desigualmente entre os anos de 1889 e 1940, como se pode observar a seguir.

- **Distribuição anual das Cartas D**

Ano	Cartas (dia-mês)	Ano	Cartas (dia-mês)
1889	08-05	1925	01-04; 03-04; 05-05;

1899	17-04	1926	? -04; 08-04; 15-04; 22-09; 02-10; 11-10; 15-11
1903	25-02; 30-05; 09-10	1927	07-01; 17-02; 02-03; 06-03; 23-04; 28-04; 16-05
1905	03-02; 09-06; 20-07	1931	08-02; 30-08
1906	28-01; 10-04	1934	01-08
1907	16-12;	1937	19-03; 03-11
1912	12-04	1940	09-01; 13-01
1922	24-11	s/d	04-01
1924	23-01; 28-08; 08-09		

As duas primeiras são endereçadas ao Sr. Júlio Oliveira Pinho, todas as seguintes são endereçadas a seu filho, Sr. Frederico Pinho, com exceção de uma carta, de 23 de abril de 1927, enviada ao Coronel J.B. por um “correlijo amº e servo attº” de assinatura ilegível.

O uso do termo “correlijo”¹⁰⁴ e o conteúdo da carta - em que o remetente fala de movimentação de tropas, anistia, e explica porque não compareceu ao local de encontro - podem estar relacionados ao movimento armado, conhecido como Coluna Relâmpago, que irrompeu no território gaúcho em fins de 1926, visando impedir a posse de Washington Luís como presidente da República. É

¹⁰⁴ A carta foi escrita em Aceguá, cidade gaúcha fronteiriça ao Uruguai. Pela influência do idioma castelhano tomei a palavra “correlijo” como uma corruptela de correigionário.

possível que essa carta tenha circulado entre correligionários, razão pela qual teria chegado às mãos de Frederico.

Uma outra carta, datada de 9 de Outubro de 1903, em Chapicuy¹⁰⁵, aparenta ser uma cópia de carta escrita por Frederico Pinho a um “Sñr Coronel José Escobar – Tacuarimbó”, para explicar porque constituiu outro advogado para tratar do inventário do pai, o teor da missiva justifica a feitura da cópia. Provavelmente o autor queria evitar cair em contradição no futuro. A carta não está assinada e não há outras amostras da caligrafia de Frederico. O conjunto dos indícios é que o apontam como autor da carta e como um escritor aparentemente habilidoso

Com as exceções listadas acima, todas as cartas do conjunto são dirigidas a Frederico que também é a origem da maioria dos outros documentos do arquivo familiar. A maior parte das cartas guardadas são cartas de homens e tratam de negócios - arrendamentos e venda de terras e imóveis urbanos, vacinas e aramados, comercialização e manejo do gado, empréstimos e hipotecas – levados a termo com sucesso ou não, mas documentados na correspondência. Aproximadamente vinte e cinco cartas podem ser consideradas como de negócios. Todavia, essa classificação não é simples ou absoluta, em muitas das cartas mesclam-se relações familiares e de amizade. As cartas de negócios,

¹⁰⁵ A palavra Chapicuy é grafada de diferentes maneiras nas cartas.

muitas vezes, são entre tia, tio, ou compadre que se prometem visitas e enviam lembranças às respectivas parentelas.

Várias das cartas são familiares. A mãe de Frederico, Domitilla envia uma única carta do conjunto D e esta carta foi escrita por outra pessoa, que a encerra com:

por Domitilla Pinho

Anísio dos Santos o qual envia-lhe um affectuozo adeus, e aos por mim perguntarem: e em breves dias ahi estarei. Vale Chapicuy. 30 de maio de 1903. (Carta de 30 de maio de 1903. Conjunto D).

Nesta carta, que está em ótimas condições de conservação e é facilmente lida, a mãe faz saber ao filho

[...] no cumprimento de um mais sagrado dever que neste momento venho a felicitar-te pelo assumpto de tua cauza que sôu sabedora do desembargo em breves dias a teu favor: e para que tenhas uma exatidão do que te digo remetto junto uma carta para tu veres. (Carta de 30 de maio de 1903. Conjunto D).

A carta que teria sido remetida junto com esta não faz parte do arquivo, mas “o sagrado dever” de informar, que a mãe afirma estar atendendo, fez com que utilizasse um escrevente para enviar sua carta. Não há qualquer outro

documento escrito por Domitilla no conjunto examinado. Não há como saber porque ela não escreve de próprio punho, se ela não sabia escrever ou não podia escrever.

Essa carta é remetida de Chapicuy, propriedade da família no Urugway, que é assunto de inúmeras cartas. Assim como nas cartas da Baronesa Amélia (que desejaria vender Salsepuedes, a propriedade familiar no Uruguai), inúmeras tentativas de vender Chapicuy aparecem nas cartas, tratativas com agentes imobiliários em Montevideo e Aceguá, negociações de arrendamento, ofertas e rejeições. Ao final das cartas não se sabe como a situação foi resolvida.

Além da única carta da mãe, há uma carta – também única em todo o conjunto – de um irmão de Frederico, uma de cada filho (Ruy e Maneca) e uma de um sobrinho. Especulando sobre as razões pelas quais estas cartas foram escolhidas, entre outras, para serem guardadas parece que há a intenção de registrar, de documentar para o futuro. A carta da mãe noticia o desembargo favorável, a carta do irmão solicita ajuda para “obter a pensão da Othília”¹⁰⁶, as cartas dos filhos tratam de assuntos da estância, a carta do sobrinho não tem esta característica, talvez seja apenas uma boa lembrança.

¹⁰⁶ Carta de 10 de abril de 1906, Conjunto D. Inicia por “Estimado Mano Dico”, depreende-se da carta que os dois tinham mães diferentes. Esta carta está incompleta no arquivo.

Este sobrinho, Ney, escreve uma carta de agradecimento¹⁰⁷ pelo tempo em que foi recebido na estância do tio. Datilografada, segue alguns dos protocolos dos manuais para este tipo de correspondência. Cartas de agradecimento “constituem um dever social [...]”, junto com as de condolências e as de felicitações. (CASTANHO, 1955, p. 127).

Inicia pela data e local da escrita, dirige-se ao “Caro Tio Dico”, e indica abaixo do nome, “Estância em São Marcos”. Tal forma de tratamento pelo apelido, Dico, aponta um padrão familiar já que também o irmão o emprega. Nos agradecimentos pela “estadia em casa de amigos”, uma carta é imprescindível e “deve ser escrita no prazo de uma semana, a contar da partida da casa dos amigos”, além disso, um cartão postal não basta, “seria incorreto e indelicado”. (VILLELA, 1967, p. 266).

A carta de Ney não menciona a data de sua partida. Ele pode ter agido com propriedade escrevendo logo depois de ter chegado à própria casa. O destinatário de sua missiva é o Caro Tio, ao invés de a dona da casa. Isso talvez possa ser atribuído a um tipo de sociabilidade masculina em que homens escrevem a homens.

No primeiro parágrafo da carta, Ney expressa saudades e dá notícias “dos meus”. No segundo, declara: “o fim desta é, além de pedir notícias de todos os parentes, patentear mais uma vez meu profundo reconhecimento pelas

¹⁰⁷ Carta de 06 de março de 192, Conjunto D.

demonstrações de amizade e carinho que recebi nesta casa hospitaleira e amiga”.
(Carta de 06 de março de 1927. Conjunto D).

Em obra posterior, Berthe Bernage (1967) prescreve, mostrando a persistência dos usos:

[em uma] carta de felicitações ou de agradecimento empregam-se palavras delicadas que demonstrem a nossa simpatia. Devemos testemunhar o nosso reconhecimento ou os nossos votos de felicidade com sinceridade, sendo amáveis sem, contudo, cair na adulação. (BERNAGE, 1967, p. 128).

Depois disso, Ney conta ter feito boa viagem e que remete junto com a carta “o Mappa do Brasil, o Jornal e uma folhinha”, conforme tinha prometido. Acrescenta que continuará enviando jornais “sempre que tragam boas notícias”, retribuindo a gentileza recebida através do envio de lembranças interessantes.

Os manuais de civilidades, mesmo os das décadas de 1950 e 1960 como o de Berthe Bernage (1967), o de Amy Vanderbilt (1962), o de Iracema Castanho (1955), recomendam o envio de cartas de agradecimentos e mesmo de pequenos presentes aos anfitriões. O “Livro de Etiqueta: um guia para a vida elegante”, recomenda “a uma casa para a qual se é convidado muitas vezes, manda a mais elementar delicadeza que se leve, de vez em quando, uma flôres , bombons, um livro, uma lembrança enfim àquela que nos recebe”. (VANDERBILT, 1962, p. 218). Estas prescrições, publicadas vinte ou trinta anos depois da carta em questão, mostram a persistência e a difusão desses protocolos sociais e espistolares. Encontra-se neste caso uma prática usual dos manualistas de

compilar prescrições de manuais anteriores, o que testemunha a normatização destas condutas há muito tempo e sua estabilidade no período estudado.

O fecho da carta de Ney também está de acordo com as prescrições, pois pede ao tio que abrace “por mim” a tia e aos outros parentes e amigos e termina “pedindo que aceite nesta cidade os meus prestimos para o que der e vier. Um abraço do sobrinho agradecido e amigo certo”. Isto dito, o sobrinho assina seu nome. (Carta de 06 de março de 1927. Conjunto D).

Há um pequeno erro de datilografia na carta, a falta de um espaço – entre as palavras “pequena” e “parte” - corrigido a caneta, o que indica a releitura da carta, não tão grave que suscitasse um novo esforço de datilografia. A falta do espaço, após o uso de vírgula, parece ser um hábito do datilógrafo, pois se repete em toda a carta e não sofre correção:

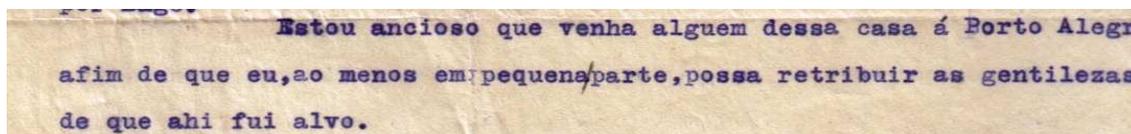


Figura 19 – Carta de Ney a Frederico Pinho, 06 de março de 1927. Conjunto D.

Há cartas de evidente cunho familiar, como a carta de 1937, de Dejanira, neta pequena criada pelos avós após a morte da mãe, que escreve o único exemplar¹⁰⁸ infantil do conjunto. É uma carta escrita a lápis sobre a meia folha rasgada de um livro-razão e inicia por “queridos pais”, dirigindo-se aos pais que

¹⁰⁸ Carta de 19 de março de 1937, Conjunto D.

estavam em Porto Alegre. A menina - que estudava em D. Pedrito, não se sabe se interna no colégio ou morando com os avós - dá notícias dos estudos e da saúde, despede-se com “[...] acceite um beijo de sua filha mimosa”. (Carta de 19 de março de 1937. Conjunto D).

Um drama familiar se desenrola na correspondência, envolvendo a menina, o pai viúvo e os avós, drama que talvez explique a sobrevivência apenas desta carta infantil, quando várias devem ter sido escritas pelos filhos e netos ao longo das décadas que o arquivo familiar cobre. A cartinha, guardada pela mãe, após sua morte não pôde ser descartada quer pela avó, quer pela neta.

As últimas cartas guardadas são exatamente sobre o tenso relacionamento entre os sogros e o genro, que inicia mesmo antes do falecimento da filha, Deodora.

Em carta de 1937, Jerônimo diz da regeneração de Joaquim, seu irmão e genro do “Caro amigo Dico”, e da influência benfazeja de Deodora como esposa:

c) Quanto ao seu genro e meu irmão é com grande satisfação e prazer que consigno aqui a minha alegria pelo seu optimo comportamento. Conforme vos falei aqui as minhas esperanças, quanto ao seu regresso ao caminho do dever parecem que se realizam. Tem elle levado uma vida tanto particular como nas funções do seu emprego, exemplar.

E pela firmeza de suas declarações parece-me que a regeneração já se pode considerar um facto .

Agora, caro amigo Dico, o que precisamos é encoraja-lo e incita-lo a continuar na mesma trilha por que se bem conduzindo. Só podemos torna-lo um homem útil a si e aos seus por meios (?) e brandos; e para isso temos que contar com a ação de mulher, que aliás, tem sido excelente , alem mesmo da minha expectativa. A Deodora se tem revelado uma insigne companheira e conselheira do seu marido. Recebe, pois, os meus parabéns. Estas são as noticias, ou melhor, as informações que nos cabem dar, a respeito de seus filhos. (Carta de 3 de novembro de 1937. Conjunto D).

Nesta carta, além da impressão de que o irmão tinha uma vida complicada, se pode observar um uso incomum, entre os correspondentes que li, dos protocolos epistolares: Jerônimo inicia a carta para Frederico escrevendo, “accuso em meu poder a sua apreciada carta de 11/9/37 que prazeirosamente passarei a responder, na mesma ordem dos termos da sua” e então responde arrolando, a), b), c), pela ordem.

Vejamos a reprodução que segue:

Porto Alegre, 3 de Novembro de 1937

Caro Amigo

Seu "penna loco" chegou muito felizmente
ao seu Amigo e Sr. [redacted]

Acuso seu amigo pelas a sua agradável
carta de "19/37" que, provavelmente, passou
a responder, na mesma ordem dos ter-
mos da sua.

a) Foi com imenso prazer que dissei
me de comparecer a já celebre ex-
posição de Porto Alegre, pois nos demoramos
muito mais do que esperávamos
em São Paulo. Além disso eu também
andei toda a viagem doente, com
uma formidável gripe.

b) Quanto a sua filha vai indo
bem; temos, conforme prometemos,
feito todo o possível para seus
interesses; entretanto, sob esse particu-
lar, somos suspeitos para os
seus amigos, qualquer informação, e
por isso damos a ela a palavra

Figura 20 – Carta de Jerônimo a Frederico Pinho, 3 de novembro de 1937, Conjunto D.

Após o falecimento da filha de Frederico e Plácida, casada com Joaquim Porto, a neta foi criada pelos avós e parece ter havido alguma disputa sobre bens e talvez sobre a guarda da menina. Duas outras cartas do irmão contam um pouco mais desta história: em agosto de 1939, ele escreve recomendando ao “amigo Sr Dico” cautela e temporização sob pena de arrependimento futuro. Já na carta de janeiro de 1940, conta ter feito tudo que o “amigo Cel. Dico” pediu, solicitando ao genro a entrega da casa e dos móveis.

Estas duas cartas foram escritas em papel timbrado da repartição pública onde trabalhava. A outra carta, de 1937, não. As duas últimas usam “Sr”. e “Cel”. antes do nome, Dico, a primeira não. Nas duas últimas, Jerônimo utiliza uma assinatura ilegível – talvez nome e sobrenome - na primeira assina-se apenas Jerônimo, é possível que estas pequenas alterações marquem a mudança da situação familiar.

As cartas escritas após a morte da cunhada não foram passadas a limpo, trazem borrões, rasuras e correções. Escritas no papel da repartição, talvez tenham sido escritas lá, para preservar o sigilo que solicita ao correspondente, já que “[...] de tudo que vos estou dizendo peço a maior reserva. Falo ao Sr. e Dn^a Plácida como amigo, que observa os acontecimentos de um modo superior e isento de qualquer paixão. Assim é que esta é confidencial”. (Carta de 1 de agosto de 1939. Conjunto D). Deste modo a família não tomaria conhecimento do teor da carta. Isso também pode explicar a ausência de bilhete escrito pela

mulher, Naira, ao final das cartas, ao contrário da de 1937 em que ela enviava saudações a D. Plácida e Dejanira.

A última carta do conjunto, escrita a 13 de janeiro de 1940 pelo genro, responde a um fonograma em que Frederico solicitava a ele que desocupasse a casa. Na resposta dramática e bastante desaforada, o genro afirma “tenho a minha consciência tranqüila de que, até o momento, tenho procedido corretamente com os senhores, muito especialmente no tocante a tudo quanto pertenceu a minha sempre estimada e, querida Deodora”. E acrescenta:

Somente, tudo isto, porque o senhor sabe perfeitamente, da minha grande necessidade monetária.

Mas, no meu modo de ver, não se deve lançar em rastos, o humilde pão que os potentados dão aos infeliz como eu.

Si eu fosse dar ouvido aos conselhos e, aos pareceres que me deram com referencia aos meus moveis talvez os senhores teriam se encomodado muito. (Carta de 13 de janeiro de 1940. Conjunto D).

E deixa pendente a ameaça de recuperar a filha, “se Deus for justo comigo, há de muito breve, fazer com que Ella venha morar comigo”. (Carta de 13 de janeiro de 1940. Conjunto D).

As cartas do arquivo da Família D são diferentes das dos outros conjuntos epistolares que compõem o *corpus* empírico deste estudo. Neste conjunto, o correspondente mais estável é o Sr Frederico Pinho, ele é, na totalidade das

cartas, o destinatário. Os autores da correspondência são diversificados, e também seus temas, embora haja uma predominância de cartas com implicações de negócios.

Também são diversificadas as habilidades gráficas de que dispõem os correspondentes. A mãe usa um escrevedor, a menina está aprendendo, os filhos e o genro são habilidosos – boa caligrafia, facilidade de expressão - e os correspondentes de negócios também. Por outro lado, escreve a Frederico um preposto da estância e um Cabo Carreiro do 7º Batalhão que não têm o domínio da pena. O preposto escreve dando ciência do andamento da estância ao patrão. Vejamos como se caracteriza sua carta:

[...] agora tenho estado compondo os aramados dos campos do fundo como ser alinha do Chapicuy que nos pertensem e hoje passei para o sarandi e dahi sigo as envernadas.

Enfim serviso não me falta.

Com esta já são três cartas que lhe escrevo e não tive inda o prazer de reseber uma do Señr

Vire

Atribou que se tenham estraviado.

O Maneca que não seja vadio que não se esquesa dos Amº que me escreva.

Com esta finalizo a tarde i esta chovendo muito por aqui, sem outro assunto.

Dara as minhas sinseras saudades a seu Pinho e Dn^a Plácida e vossos apreciados filhos e filhas.

e o Señr aseite as mesmas

Deste seu Am^oserto que espera suas ordens como sem pre

Paulo Martins (Carta de 25 de maio de 1903. Conjunto D).

O precário domínio do uso do papel e a letra rude também deixam ver a dificuldade do correspondente no uso da pena. A confusão entre o castelhano e o português não serve de referência em relação a isso já que ela também está presente em cartas de correspondentes bastante hábeis, podendo ser atribuída à região de fronteira onde se localizam as cidades e propriedades em que vivem os correspondentes. Ainda hoje os idiomas se mesclam nos falares fronteiriços.

Destaca-se, contudo, o fato de que em 1903, mesmo um preposto de estância se serve de uma carta para comunicar-se com seu patrão, sinalizando a importância da escrita epistolar como forma de comunicação e atestado de domínio das competências de leitura e escrita em diferentes graus. Note-se que o missivista não só escreve, como também reclama o recebimento de cartas para sua leitura e informação. Além disso, pode haver um componente relacionado a prestígio e autoridade decorrente de receber cartas do proprietário e de implementar seus ordenamentos.

O Cabo Carriero, Zeferino, escreve ao “diguinisimo amigo”, em abril de 1926:

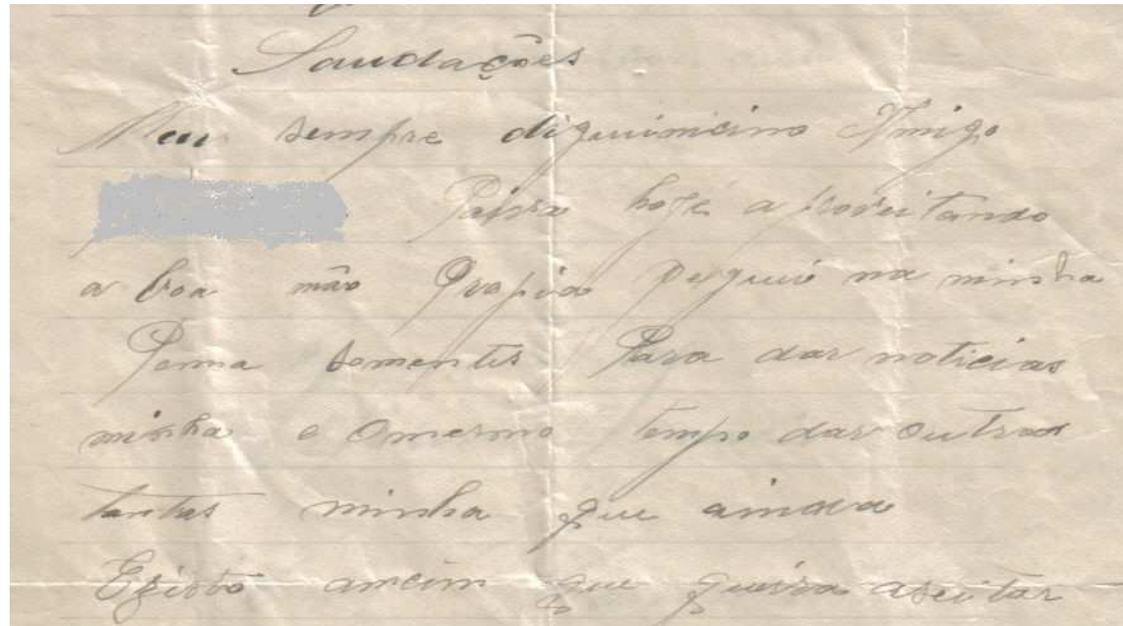


Figura 21 – Carta do Cabo Carreiro Zeferino, abril de 1926, Conjunto D.

Aproveita o que ele chama de “a boa mão própria”, para dar notícias e oferecer suas saudades. Essa carta produz um certo estranhamento, talvez isso se dê apenas porque se ignora a relação entre os correspondentes. O estranhamento aliado à situação frequentemente conflituosa e conspiratória da região, faz pensar sobre outra possível motivação que oriente sua escritura¹⁰⁹.

¹⁰⁹ Transcrição da carta: “Saudações. Meu sempre diguinisimo amigo Frederico Pinho hoje aproveitando a boa maõ própria peguei na minha pena somente para dar noticias minha e o mesmo tempo dar outros tantos minha que ainda eziste acima que queira aseitar milhões de saudades deste seu amigo e queira saudades para Dona Plácida e os demais sem mais querendo

Isso não seria inédito. Estratégias várias podem ser empregadas para dizer sem dizer, isto é, para comunicar de forma codificada, dizendo apenas a quem conhece o código. Solomon relata a estratégia sugerida pela filha, que escreve de Blumenau, às escondidas da mãe, ao pai que vive na Alemanha¹¹⁰: “[se fiz] mal em escrever-te isso, escreve em tua próxima carta um Não, no caso contrário um Sim isolado; eles não sabem o que isso quer dizer, mas eu sei” (SOLOMON, 2002, p. 64), estabelecendo um código para burlar a vigilância familiar.

Neste caso, o código é uma palavra. Entretanto, essa não é uma condição necessária. O código pode estar na cor do papel, na colocação da data e, até, na forma como a carta é dobrada. Qualquer detalhe pode ter outro significado.

Na carta que Solomon (2002) cita, a combinação do código está expressa, mas se a combinação não se fizer por escrito, o código permanece opaco para nós, não somente intraduzível como, possivelmente, imperceptível.

responder-me responde a um soldado do 2º Regimento por nome Fernando Cyriaco do 1º esquadrão que e um filho meu que eu tenho no mesmo eu sou Cabo Carreiro do mesmo. Mais fiquei aqui sem mais sensações deste seu amigo Zeferino Ignácio”. (Carta de abril de 1926. Conjunto D).

¹¹⁰ Nessa história, Frederica escreve em 1902 para relatar ao pai o adultério da mãe que coabita com outro homem na casa familiar. A carta integra os documentos do processo de divórcio do casal (Solomon, 2002, p 57 *et seq.*).

Não é possível conhecer as motivações que levaram o Sr. Frederico a guardar a carta do Cabo Carreiro, pode ser um amigo de infância, pode ser por uma obrigação epistolar não cumprida, pode ser porque documenta uma conspiração em andamento.

O Conjunto Família D é um arquivo familiar que reúne uma variedade de documentos e quarenta e uma cartas. Acumulados durante sessenta anos e guardados por outros sessenta e um, transcorridos desde que a última folha de papel foi acrescentada ao arquivo, esses documentos contam uma história de família editada pelo tempo, pelo acaso e pelos sucessivos arquivistas.

“Ler uma carta é entrar em uma história sem conhecer a primeira palavra, sem saber o que aconteceu antes, nem o que virá depois”, escrevem Dauphin e Pouban (2002, p. 76), e se o longo período de acumulação encontrado neste conjunto documental atenua a sensação de incompletude que a leitura de uma carta provoca, não o soluciona. Apesar de ser possível acompanhar histórias que se desenrolam e prosseguem em cartas seguidas, a história que acompanhamos é lacunar.

Uma carta é um momento de longa duração (DAUPHIN e POUBLAN (2002, p. 76). Um conjunto epistolar que cobre sessenta anos é um momento de longa duração que, por sua vez, cobre um momento na história daquelas pessoas, um momento relativamente longo, do qual continuamos sem conhecer a primeira palavra e sem saber o que virá depois. Uma espécie de flagrante das

existências, tempo fugidio e ao mesmo tempo saturado de intensidades vividas. As cartas contêm mundos inalcançáveis, apenas brevemente vislumbrados. Mas como feixes de luz, permitem vislumbrar vidas narradas.

Conjunto Epistolar Família G – um universo doméstico

O conjunto Família G (1931 a 1944), como já foi dito, é formado pela correspondência enviada a Antônio por sua família que morava em Pelotas, e pelas cartas trocadas entre Antônio e Rita (os nomes são fictícios), namorados, depois esposos, residentes, um em Porto Alegre e outro em Pelotas, durante o período de namoro nos anos de 1933 a 1944. O namoro prolongou-se porque, concluído o Curso de Medicina, quando os namorados poderiam esperar que o casamento acontecesse, Antônio foi diagnosticado com uma doença pulmonar¹¹¹

¹¹¹ O diagnóstico da doença foi feito em janeiro de 1940, como se depreende da carta de 6 de março de 1941, em que Antônio escreve a Rita “recordaste em tua carta que faz 1 ano e mais alguma coisa que adoeci, também eu em principio de fevereiro recordei algumas cousas, não te falei para que ao mesmo tempo não recordasse outras. Eu pensei no dia 9 de fevereiro e na esquina do pecado. Naquela ocasião ia te escrever sobre o dia 9, mas na mesma ocasião lembrei-me de 25 de janeiro, de 31 de janeiro e de 11 de fevereiro. A primeira é o diagnostico da doença. A segunda o embarque para cá e a 3º o começo do pneu, e então não te falei no dia 9 com medo que recordasses essas míticas datas. Afinal nada adiantei pois pelo menos uma tu recordas perfeitamente”. (Carta de 6 de março de 1941. Conjunto G).

– nunca nomeada, mas os indícios apontam para tuberculose ¹¹² - que tomou longos anos para ser vencida. O casamento finalmente ocorreu em 1944.

São 572 cartas, ainda em seus envelopes, separadas por ano, em maços atados por fita. Estão guardadas em duas caixas, as dela em uma e as dele em outra. Este conjunto é especialmente interessante por ser constituído pelas cartas dos dois correspondentes. Tal especificidade o torna único neste estudo, pois mantém esta integridade o que não é uma ocorrência freqüente, embora não seja inédita¹¹³.

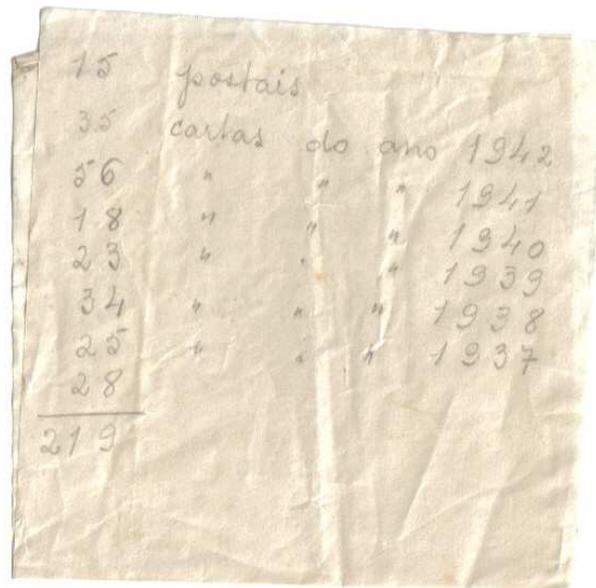
Antônio é sempre um dos pólos dessa correspondência, todas as cartas ou são escritas por ele, ou dirigidas a ele. A correspondência escrita por Antônio, sem exceção, é dirigida a Rita. Todas as outras cartas têm Antônio por destinatário. É claro que Antônio escreveu a outros correspondentes, como fica explicitado em várias das cartas a ele dirigidas por seus familiares, mas esta correspondência – enviada por Antônio aos familiares - não faz parte do conjunto epistolar que recebi dos descendentes de Antônio e Rita. A exemplo do

¹¹² Segundo Lorena Gil (2006), “era comum que aqueles grupos vinculados a um extrato mais elevado da sociedade não assumissem explicitamente a condição de tísico”, pois se tratava de “uma doença estigmatizante, que afetava não só aos que partiam, mas, sobretudo, aos que ficavam” (GIL 2006, p.2531). Neste extrato, a autora se refere a um doente de 1919, também estudante de Medicina, pode-se assumir que haveria certo pudor, ainda na década de 40, em nomear a doença abertamente.

¹¹³ Por exemplo, Martyn Lyons (1999) escreve sobre a correspondência de um casal neozelandês, Fred e Frances, que se correspondem por três anos, até casarem-se em 1884. Sua correspondência soma 303 cartas, 152 escritas por ele e 151, por ela.

tratamento dado às cartas da Família Maciel as cartas de cada um dos correspondentes foram consideradas como um subconjunto. Esses subconjuntos são designados pelos nomes dos remetentes.

É possível que a própria Rita tenha realizado a tarefa de organizar as cartas. A neta – atual guardadora das cartas – conta que, após a morte de Antônio, a avó selecionou as cartas e as ordenou por ano, em pequenos maços atados com linha de seda branca. Na “caixa de Antônio” existe também uma lista das cartas que ela contém, escrita por D. Rita:



<i>15 postais</i>	
<i>35 cartas do ano 1942</i>	
<i>56</i>	<i>1941</i>
<i>18</i>	<i>1940</i>
<i>23</i>	<i>1939</i>
<i>34</i>	<i>1938</i>
<i>25</i>	<i>1937</i>
<i>28</i>	-
<i>219</i>	

Figura 22 – Lista da correspondência encontrada na caixa de Antônio. Conjunto G.

Esta ordenação da correspondência pode ter excluído algumas cartas, e é provável que o tenha feito. Os arquivos são frequentemente modificados por seus guardadores que selecionam o que é mantido e o que é descartado para contar uma determinada história. A simples leitura das cartas aponta para a seleção e o descarte pois não são incomuns referências a cartas anteriores, que não mais existem no conjunto epistolar. O desejo de preservar a intimidade, de não expor aos descendentes, ou a um leitor ocasional, os delicados meandros do relacionamento epistolar, pode ser a explicação.

As caixas de cartas são peculiares na sua organização. Peculiares porque a caixa de Rita guarda as cartas que ela escreveu para Antônio, enquanto a caixa de Antônio guarda as cartas que ele escreveu para Rita, mas guarda também as cartas que ele recebeu de outros correspondentes.

Se apenas a “caixa de cartas de Rita” fosse conhecida, possivelmente seria considerada a “caixa de cartas de Antônio” porque ela contém as cartas que Antônio recebia da namorada e por isso se poderia esperar que ele as guardasse. Entretanto, a existência da correspondência enviada a Antônio por sua família no período em que estudava em Porto Alegre, mantida junto às cartas que ele escreveu para a namorada, permite estabelecer a propriedade das duas caixas e coloca em questão esta forma de pensar a propriedade da correspondência.

Pode-se imaginar D. Rita, após a morte de Antônio, percorrendo as cartas com cuidado e afeto, relendo, separando, relendo, emagando, relendo, e

escolhendo as boas cartas. Mesmo considerando-se que após a morte de Antônio todas as cartas passam a pertencer a Rita – ou porque as escreveu ou porque foram escritas para ela – permanece o fato de que, ao compor os conjuntos que as caixas guardam, ela as organizou juntando às cartas escritas por Antônio aquelas por ele recebidas da família.

D. Rita pode ter lido as cartas de Antônio, da forma como Bandeira conta ter lido as de Mário de Andrade:

Quando me apertam as saudades de Mário é a elas que recorro. Não escolho, tiro uma qualquer, ao acaso, porque em todas elas estou certo de encontrar a mesma rica substancia humana, e todas me restituem de golpe o amigo desaparecido. (BANDEIRA, 1958, p. 7).

Como e por que as cartas que Rita levou de sua casa de solteira para sua vida de casada foram parar na caixa que contém as cartas de Antônio, e vice-versa, talvez seja um mistério insolúvel. Por que definiu que as cartas escritas são mais propriedade do remetente do que do destinatário?

Philippe Lejeune pergunta “a quem pertence uma carta?” (2008, p. 251-254). A resposta, diz ele, não é simples, e descreve: “pego uma folha [do meu bloco], escrevo a data. A carta é minha” (2008, p. 250), entretanto, “a partir do momento em que é postada, [a carta] torna-se fisicamente propriedade do destinatário e quando este morre, de seus herdeiros [...]. Ao mesmo tempo, “mesmo postada, a carta continua sendo, intelectual e moralmente, propriedade

de seu autor – e, depois de sua morte, de seus herdeiros que são os únicos que podem autorizar a publicação”. (LEJEUNE, 2008, p. 253).

De certa maneira, D. Rita faz este trânsito e considera que “intelectual e moralmente”, as cartas pertencem a Antônio embora afetivamente e de direito, após a morte do marido-correspondente, todas pertençam a ela.

Em sentido estrito, nenhuma das duas “caixas de cartas” é de fato uma caixa. A “caixa de cartas de Antônio” é um recipiente de plástico transparente com fechos de segurança cinza¹¹⁴, medindo 26x39x14cm, da marca SanRemo. Esse é um contêiner evidentemente não contemporâneo às cartas que guarda, ao contrário da “caixa de cartas de Rita” que é uma lata de Biscoitos Aymoré, estampada com uma paisagem marítima, medindo 16,5x 25,5 x 8 cm que pode bem ser coetânea à escritura e ao recebimento das cartas que armazena.



Figura 23 – Caixa de cartas de Rita.

¹¹⁴ Este produto ainda é comercializado e consta do site do fabricante como Organizador Médio Baixo 8,6L, linha TOP Stock, com as seguintes medidas 40x27x 13,3 cm. Disponível em <http://www.sanremo.com.br/produtos/linhas.asp?id=Top%20Stock>. Acesso em 15 mai. 2009.



Figura 24 – Caixa de cartas de Antônio.

A disparidade entre as características físicas das caixas aponta para a posterior organização das cartas de Antônio. Revendo minhas anotações¹¹⁵ percebi que esta foi minha primeira impressão ao receber as caixas. Já a manutenção da lata de biscoitos Aymoré, que guarda a correspondência de D.

¹¹⁵ Escrevi em 14 de dezembro de 2007, após uma exploração inicial do Conjunto G:

- guardadas em contêiner plástico (aprox. tamanho ofício/10 cm altura).
- contem cartas e envelopes organizados em maços atados com linha branca – ainda não sei o critério da organização – ano?
- há também cartas e cartões soltos – bastante – inicialmente, pensei que as cartas a D. Rita seriam as atadas e as outras seriam as cartas de outras pessoas, isso não se confirmou. Há, também, cartas endereçadas a D. Rita entre as cartas soltas.
- não vou desfazer maços agora – vou contar à medida que transcrever/digitalizar de modo a não alterar a ordem encontrada. Vou iniciar digitalizando cartas soltas.
- da família, soube que as cartas em poder do Dr. Antônio foram limpas e organizadas depois de seu falecimento. Até então estavam em seu escritório. Disso eu depreendera que a cx. plástica continha as cartas em poder dele o que não deve ser verdadeiro já que as cartas neste contêiner são as que ele escreveu.
- catalogação pelo ANO MÊS DIA de modo a produzir uma ordem cronológica crescente – remetente indicado por LETRA antes da data? Antes, identificar se há variedade de destinatários indicados por LETRA após o numero R para Rita – O para outros.

Rita, pode ser um indício a mais de que essas cartas não foram retomadas pela autora – relidas e escolhidas - em tempos mais recentes. Outro indicativo, as diferentes fitas, linhas e cordões que atam os diferentes maços de cartas de D. Rita, sinalizam tempos diferentes para a organização dos maços (talvez a cada final de ano?). Longe de serem provas definitivas, estes indícios devem ser considerados com cautela, pois a variedade de laços empregada pode ser apenas o resultado de uma caixa de costura em que se acumulam retalhos e pedaços de fita ou linha.

As caixas diferem também em seu conteúdo. Na de Antônio, como já disse, encontram-se as cartas escritas por ele e endereçadas a Rita e as que recebeu da família. São trezentas e treze cartas, a maioria delas ainda em seus envelopes. Destas, a maior parte são as cartas escritas por Antônio – duzentas e quarenta e cinco – para Rita, as outras têm diversos remetentes. Na caixa de Rita estão as duzentas e trinta e cinco cartas que ela enviou para Antônio. As cartas do namoro se estendem de 1935 a 1944.

As cartas da caixa de Antônio são diferentes também em relação ao envelopamento. Curiosamente todas as cartas enviadas para Rita estão envelopadas, enquanto todas as cartas recebidas da família estão sem envelopes e algumas trazem na dobra exterior a data marcada grosseiramente a lápis, como se ao eliminar envelopes a pessoa que o fez percebesse nas cartas

a ausência da datação e a suprise através das datas carimbadas pelo correio no envelope.



Figura 25 – Envelope de carta remetida por Rita a Antônio, 9 de junho de 1937, Conjunto G.

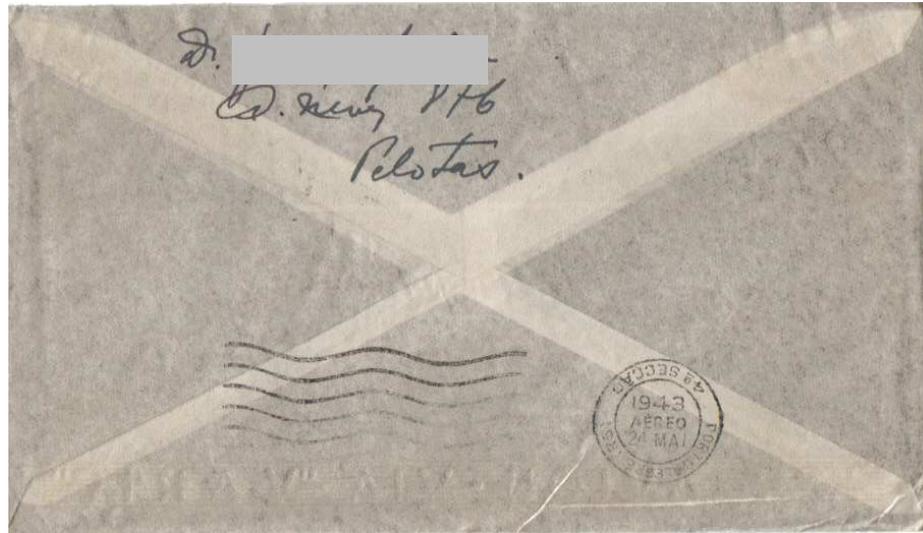


Figura 26 – Frente e verso do envelope remetido por Rita a Antônio, 24 de maio de 1943, Conjunto G.



Figura 27 - Envelope de carta remetida por Antônio a Rita, 17 de agosto de 1937, Conjunto G.

Cartas da Família G para Antônio

Como assinalai anteriormente, as cartas da família foram remetidas a Antônio durante os anos de 1932 a 1939, quando estudava Medicina em Porto Alegre. É interessante que somente as cartas da família mais imediata, a que habitava a mesma casa, em Pelotas, compõem o conjunto, isto denota uma

atividade de organização, mas não permite estabelecer porque as cartas da avó, por exemplo, não estão ali, não foram guardadas por Antônio?

São dez os correspondentes familiares de Antônio, não computando aqui Rita, neste período: o irmão menor, João, escreve uma carta; o afilhado, João Carlos, também escreve uma; Maria Helena, uma das irmãs, escreve duas cartas; a outra irmã, Maria Salomé – que é uma correspondente frequente e aparentemente tem uma idade mais próxima à de Antônio – assina dezessete cartas; Naná escreve duas cartas, sua relação com a família não é clara; uma única carta é de um correspondente que não se assina e que não foi possível identificar; e quarenta e quatro cartas são enviadas pelos pais, contadas aqui as cartas enviadas pelos dois juntos e por cada um.

Além do ordenamento peculiar, ao inventariar as caixas, constatei a inexistência¹¹⁶ de outras cartas recebidas por Rita, além das enviadas pelo namorado. Essas cartas existiram - Rita se correspondia com várias pessoas da família e amigos, como ela mesma afirma nas muitas cartas escritas ao namorado em que comenta suas obrigações epistolares – mas as únicas cartas que ela guardou foram as de Antônio.

¹¹⁶ Enigmáticamente, existe uma única carta, de 1931, enviada pela Irmã Benilda a Rita, que estava em Portugal, extraviada na caixa de Antônio. Digo extraviada porque não consigo perceber nenhuma lógica em guardá-la junto às cartas escritas por Rita ao namorado.

Os dois correspondentes, inclusive, usam o argumento de ter que escrever a outras pessoas para justificarem-se por não terem escrito antes, como faz Rita:

Não penses q. eu me esqueci de ti, mas o tempo não dá. Todos os dias me deito á meia noite e as 6h. e muitas vezes ás 5h.1/2 já estou estudando.

Hoje como é feriado, eu também tinha q. escrever a minha madrinha e uma tia q. faz anos amanhã, assim q. aproveitei. (Carta de 21 de maio de 1935. Conjunto G).

Antônio também teve outros correspondentes, que conhecemos pelas referências que faz em outras cartas, tal como nesta:

Anteontem recebi carta do Janjão, como sempre cheio de filosofia, é um numero o Janjão. Esta semana vou lhe escrever. (Carta de 7 de maio de 1937. Conjunto G).

A maior parte da correspondência familiar foi recebida por Antônio entre os anos de 1931 e 1936, época em que Antônio habitou diversos endereços em Porto Alegre¹¹⁷, e foi enviada pelos pais. São quarenta e quatro cartas. A cada novo ano letivo, já que Antônio passava os verões com a família, havia a necessidade de estabelecer-se em uma nova moradia – casa de cômodos,

¹¹⁷ 1936 – Duque de Caxias, 1938 – Misericórdia, 170, 1939 – Hotel Magestic, entre outros.

pensão ou hotel, como era costume os estudantes fazerem – o que rendia muitos parágrafos, em várias cartas.

As cartas enviadas pelos pais aparecem com três diferentes assinaturas: Helena, a mãe, correspondente constante e preocupada que firma o próprio nome em vinte e três cartas sempre acompanhado de expressões de afeto; “teus Paes. Alfredo e Helena” é a fórmula que encerra dezoito cartas, escritas pela mãe, que houve por bem, nestas cartas - mas não em todas - acrescentar o nome do marido ao seu. Alfredo, o pai, escreve três cartas de próprio punho, que encerra com “um abraço do teu pae. Juízo e bastante estudo”, e assina-se, Gama. Em suas cartas não se encontra o nome da esposa.

As cartas assinadas “Paes” ou “tua mãe, Helena” poderiam ser englobadas em um único subconjunto, pois todas foram escritas pela mãe. Optei por manter a distinção porque a missivista o fez e, ainda agora, me escapa o que faz com que Helena termine de um ou de outro modo. Por isso, porque não é possível determinar as diferenças ou os motivos que a levam a, algumas vezes, escrever as cartas em nome de ambos e não no próprio nome, optei por manter os três diferentes subconjuntos que havia estabelecido inicialmente.

Dos anos de 1931 e 1932¹¹⁸ apenas três cartas chegaram até nós. Do primeiro ano, duas cartas escritas por Salomé, quando em viagem, para o irmão

¹¹⁸ 1931-05-07; 1931-6-28; 1932-01-30, Conjunto G. As cartas estão listadas pelos números com os quais foram arquivadas no processo de transcrição. Este número é formado pela data

que estava em Pelotas. Do segundo, embora Antônio iniciasse a Faculdade de Medicina em Porto Alegre neste ano, também sobreviveram somente duas cartas, ambas enviadas pelas irmãs Salomé e Leninha. A carta de Salomé serve justamente para que reclame da falta de notícias de Antônio, que não escreve:

Querido Dr. Antônio

Como vai passando a magestade? A família imperial toda muito bem. Desde que chegou a Porto Alegre nem se lembrou se quer da sua mãe nem com um rele cartão postal.

[...]

Escreve e manda notícias pois a mamãe já esta aflita de tu não escreveres. Que tal achaste o vapor, que tal a sensação de marinheiro de primeira viagem. (Carta de 30 de janeiro de 1932. Conjunto G).

Nos três anos seguintes, enquanto se desenrola o curso que Antônio concluiu em 1939, pode-se perceber a existência de um padrão. Na caixa de Antônio há vinte cartas do ano de 1933, vinte e duas cartas de 1934 e vinte e quatro cartas de 1935.

informada no cabeçalho de cada uma delas, colocada no formato ano/ mês/ dia para que se constitua uma ordem crescente de datas.

A correspondência do ano de 1933¹¹⁹ inicia junto com o ano, no começo de janeiro, com uma carta da mãe que aguarda ansiosa o resultado de um exame que Antônio devia realizar na faculdade. Nesta carta a mãe indaga, ainda, se uma carta escrita por Salomé fora recebida. Esta carta não faz parte do conjunto.

Em abril, novas cartas das irmãs, em que outra vez mencionam correspondência que teria sido enviada pela família e que não existe no conjunto documental. A carta de Maria Helena, de apelido Leninha, de 8 de abril de 1933, dá algumas pistas sobre a complexidade das práticas epistolares, entre elas, a escolha dos temas sobre os quais escrever, a forma (letra, gramática, ortografia), o tempo da resposta (nem muito cedo, nem muito tarde), os materiais empregados. Escreve Leninha:

Pelotas 8-4-933

Meu querido Antônio (tôô)

Como vais, e as tuas lições, ja sabes quando é o exame? A Rita vai muito bem, pelo menos na frente minha, e da Maria Salomé, é uma santa, nunca vi ela namorar ninguem , ela já tem vindo cá para nós te escrevermos, mais ela gosta muito de não por asneiras, de maneiras que custa muito a escrever, eu como escrevo para ti não me preocupo, (pois não és meu guri) por isso ponho muita asneira.

¹¹⁹ Cartas dirigidas a Antônio pela família em 1933: 1933.02.07; 1933.04.03; 1933.04.08; 1933.04.14; 1933.08.06; 1933.08.13; 1933.08.15; 1933.08.15; 1933.10.03; 1933.11.8; 1933.11.11; 1933.11.25, Conjunto G.

[...]

A Rita já tem a cópia da carta dela feita, e já vai te mandar uma que escrevi a muito tempo. A Poquinho manda-te muitos beijos. (Beijos da Rita).

Beijo da tua grande amiga e irmã Maria Helena. (8 de abril de 1933. Conjunto G).

Junto com a carta de Leninha seguiram um bilhete de Naná e um recorte de jornal que não é mencionado na carta, mas cuja dobra acompanhava a dobra interna da carta, embora não estejam envelopadas.

Em seus parágrafos, um conjunto de práticas se evidencia: a carta, embora muito informal e apesar da afirmação da autora de que escreve asneiras, segue o protocolo epistolar habitual: local e data, vocativo, indagações sobre o destinatário, notícias sobre assuntos de seu interesse – o flerte em curso com Rita – que talvez respondam à pergunta de missiva anterior, e sobre familiares e conhecidos e, finalmente, despedidas e manifestações de afeto fraternal. A carta indicia outras práticas: Leninha, que escreve ao irmão, escreve “asneiras”, por outro lado, Rita, que escreve ao “seu guri”, conta Leninha, “gosta muito de não por asneiras”, isto é, Rita, a namorada, deve escrever uma carta adequada à situação e ao destinatário, por isso precisa pensar sobre o que dizer em suas cartas de modo a transmitir a imagem que deseja de si mesma e de seu interesse pelo “guri”.

A carta de Rita deve ser passada a limpo porque cartas importantes devem ter rascunho. O hábito de passar a limpo se estende para além dos cadernos escolares e chega às cartas -“Rita já tem a copia da carta dela feita” – e, além de garantir o envio de uma carta limpa, bem organizada e bem escrita, ela pode guardar consigo o rascunho para reler e repensar, para avaliar a resposta quando receber a carta de Antônio.

Anos depois, ao contrário, Antônio vai desculpar-se pela desordem da carta, suja e mal ajeitada, e – de forma um tanto *blasé* – dizer que vai assim, pois isso de “passar a limpo é para creanças”, numa clara alusão à prática escolar. (Carta de 3 de dezembro de 1937. Conjunto G).

A correspondência, escrita de si, compõe uma representação do sujeito correspondente. Monteiro Lobato, ao escrever ao amigo Rangel, envia-lhe “umas tantas cartas da incomparável, para que palidamente avalies que fina criatura é. Suas cartas, seus modos e sentimentos, tudo são penugens, arminhos” (1951, p. 178). Sendo as cartas tão “reveladoras”, como poderia a jovem Rita não preocupar-se com o que escrevia? E com a forma de sua carta?

Uma carta de Salomé, escrita seis meses depois da de Leninha, confirma essa idéia. Nela a irmã, e “cúmplice” no namoro, conta a Antônio:

Tu não calculas o nervoso dela para te escrever aquela carta parecia que estava no dia do casamento, tinha medo que a Mamãe visse e

alem disso para te responder aquela pergunta sobre a amizade, ela não botou amor porque é muito violento. Tu como sabes eu sou muito intilijudas é o mal da familia agarrei e pensei comigo mesmo eu não digo nada para a Rita te escrever porque se ela tem interece compete a ela dito e feito eu me fis de esquecida de ti, e ela veio me dizer que queria te escrever assim vês que foi ela que te quis escrever. Acho que debes estar contente pois ela ainda é uma guria (Carta de 03 de outubro de 1933. Conjunto G).

Além da delicadeza da escrita e dos sentimentos, das qualidades morais e intelectuais a serem mostradas pelos missivistas, havia que ocupar-se também de seguir corretamente o ritual de aproximação. Escrever? Escrever carta ou cartão? Mandar dizer em carta de outrem? Escrever o quê? Com qual freqüência?

Essa carta, que tanto custou a Rita escrever, não chegou até nós – as mais antigas cartas dela no conjunto Família G são do ano de 1936. Pode-se imaginar esse *pas des deux* a partir das poucas cartas de Antônio neste período e dos conselhos de Salomé que explicitam a importância de coreografar adequadamente esse momento, dosando as cartas e medindo as expressões de afeto. Na mesma carta, ainda no papel de Cupido, Salomé recomenda:

Tu já sabes não debes escrever muito por exemplo no minimo de 15 em 15 dias porque ela mesmo tem que estudar e tu tambem e eu te dou noticias. Manda-me dizer quando é os teus exames finaes. Deves estudar bastante para passar que assim até ficas mais importante ja se

diz e um segundalista de medicina e até ela a de se orgulhar e o Papae nem se fala. Bom vou terminar. Responde-me.

Aceita muitos beijos

da

Magrinha Elegante. (Carta de 03 de outubro de 1933. Conjunto G).

E, na margem da primeira folha:

Tu não deves escrever muito para ela só de longe em longe porque sabes, não te ponhas apaixonado porque não da ponto. (Carta de 03 de outubro de 1933. Conjunto G).

A afirmação: “por exemplo no mínimo de 15 em 15 dias” deve ser lida como um intervalo mínimo aceitável entre as cartas a serem escritas e enviadas. De fato, depois do compromisso estabelecido, as cartas serão semanais.

A família escreve a Antônio semanalmente, pelo menos é o que diz ele, em uma carta de 1937 dirigida a Rita, na qual conta uma conversa com um conhecido que perguntou se era verdade que a irmã dele, Salomé, teria voltado noiva do Rio, o que Antônio desmentiu, “princiando por dizer que era interessante que sendo eu o irmão da noiva ainda não soubesse de nada recebendo carta semanalmente de casa”. (Carta de 15 de novembro de 1937). Essas cartas semanais de casa não fazem parte do conjunto epistolar o que

talvez possa ser explicado pelas mudanças de endereço do Antônio estudante que a cada final de ano letivo desocupava os cômodos e descartava alguns itens.

Ainda em 1933, Helena, a mãe, escreve para Antônio contando das comemorações de seu aniversário e diz na carta: “no dia dos meus anos recebi uma porção de cartas, entre ellas a tua que me mandavas as da mamãe e da Salomé. Eu estava afflicta por lêr e com a sala cheia de gente”¹²⁰, evitando ler as cartas diante dos convidados. Na década de 1970 os manuais de civilidade ainda prescrevem a leitura das cartas em privacidade: “não se abre e não se lê uma carta diante de pessoa de cerimônia. Para assim agir diante de amigos chegados, pede-se permissão, antes de mais nada, e deve-se abreviar a leitura o quanto possível”. (CARVALHO, 1975).

Para o ano de 1934¹²¹ constato, na correspondência existente, uma certa irregularidade. A correspondência inicia em março, com o ano escolar, interrompe-se em meados de junho - pelas férias - é retomada em 20 de julho, e termina em 15 de dezembro. Entretanto, o número de cartas guardadas a cada mês é bastante diferente e para os meses de outubro e novembro não há nenhuma. As repetidas desculpas da mãe, a mais assídua das correspondentes familiares, por suas faltas em escrever, e a continuidade dos assuntos de Salomé

¹²⁰ Carta de 11 de novembro de 1933. Conjunto G.

¹²¹ Cartas recebidas por Antônio em 1934: 1934.03.13; 1934.03.15; 1934.03.15; 1934.03.28; 1934.04.03; 1934.04.07; 1934.04.16; 1934.04.19; 1934.04.23; 1934.04.30; 1934.04.30; 1934.05.07; 1934.05.11; 1934.05.16; 1934.07.20; 1934.08.10; 1934.08.28; 1934.08.28; 1934.09.05; 1934.09.14; 1934.12.15, Conjunto G.

de uma carta para outra, apontam mais para a ausência de cartas do que para sua perda.

Há neste ano, 1934, uma sequência de cartas que permitem conhecer um pouco das obrigações epistolares - que seguem os protocolos de uma boa educação que não é somente epistolar - exigidas pelas relações familiares. Por exemplo, Salomé escreve: “a Vovo é que te manda os tijolinhos escreve e agradece. Vovo te manda um abraço”¹²². A mãe, escrevendo na mesma data, também recomenda que escreva à avó contando-lhe que “a mamãe [a mãe da mãe], em sua carta queixava-se que nem uma linha lhe tinhas escripto, devias escrever nem que fosse uma vez”¹²³. (Carta de 15 de março de 1934. Conjunto G).

Embora as cartas tenham a mesma data, requerem um olhar mais demorado. Salomé e Helena estão na mesma cidade, Rio de Janeiro, o que pode ser definido porque Helena inicia sua carta pela cidade e pela data, e detalha nela os programas que vão fazer juntas lá, como ir ao cinema e encomendar vestidos. Contraditoriamente, a carta de Salomé especifica no início sua localização em Pelotas. O fato de sua carta não fazer nenhum comentário sobre nenhuma das duas cidades – Pelotas ou Rio de Janeiro – enquanto a da mãe o faz sobre o Rio, pode indicar que Salomé apôs “Pelotas”, no cabeçalho de sua carta por hábito.

¹²² Carta de 15 de março de 1934. Conjunto G

¹²³ Antônio faz-lhe a vontade, em carta de 7 de abril de 1934, Helena escreve “tua avó recebeu a carta e diz que vai te responder”.

Um segundo olhar também é necessário às vovós para quem Antônio deve escrever. A primeira, que Salomé representa, envia tijolinhos¹²⁴ que devem ser agradecidos, parece estar junto a ela, no Rio de Janeiro, e envia beijos. A segunda avó, cuja voz a mãe personifica, está em outra cidade, pois a mãe repete a queixa que recebeu por carta, e é a avó materna. Antônio, portanto, está em débito epistolar com as duas avós.

Em outra carta, de setembro do mesmo ano, a mãe recomenda, “quando puderes escreve um cartãosinho a titia Elvira agradecendo o telegrama. Vou terminar pois quero escrever para o Rio. A Maria Salomé manda perguntar se gostaste da manta que ella te mandou que nem ao menos disseste se recebeste”¹²⁵. Em outra carta, de 1935, Helena lembra a Antônio “Sempre escreveste a tua tia Salomé ou não houve tempo?”. (Carta de 13 de julho de 1935. Conjunto G).

Novamente Antônio tem dívidas epistolares, tais como agradecer o telegrama da tia e acusar o recebimento e, por certo agradecer, o presente da irmã.

Por outro lado a mãe elogia os esforços de Antônio, “recebi agora mesmo a tua carta e o postal do nascimento do Manoelzinho, logo vou la e levo-o. Está muito bom”. (Carta de 28 de agosto de 1934. Conjunto G). E, de novo, quando

¹²⁴ Tijolinhos ou mariolas são pequenos retângulos de doce de banana envoltos em papel celofane.

¹²⁵ Carta de 14 de setembro de 1934. Conjunto G.

conta que “D. Mimosa gostou muito do teu cartão, sempre pergunta por ti”¹²⁶. Estimula no filho o cumprimento de um dever de civildade e declara a importância destas cortesias ao relatar que “tua tia Salomé¹²⁷ recebeu a tua carta na véspera de embarcar, por signal que acharam muito bem escripta e eu fiquei muito faceira”. (Carta de 14 de dezembro de 1934. Conjunto G).

Em seguidas cartas somos informados de que alguém espera para levar a correspondência ao correio. A carta escrita por Helena, em 25 de novembro de 1933, começa: “Estou te escrevendo e a Naná esperando n’uma cadeira, para levar a carta. Ella manda te dizer que está anciosa por te ver por cá e que tu venhas radiante. Amanhã domingo na missa irei pedir para que te saias bem em tudo”, e termina com Naná:

“Amanhã vamos ver o Meu boi morreu. Tens estudado mais agora? Vou terminar porque a Naná está com pressa. Saudades de todos muitos beijos do teu pae e da tua mãe amiga, Helena”. (Carta de 25 de novembro de 1933. Conjunto G).

¹²⁶ Carta de 14 de setembro de 1934. Conjunto G.

¹²⁷ A tia chama-se Salomé e a irmã de Antônio, Maria Salomé, da mesma forma que a mãe chama-se Helena e a outra irmã tem o nome de Maria Helena, a Leninha. Em 1942 há a notícia de uma filha de Maria Salomé chamada Helena Beatriz. Desenha-se uma prática familiar que parece restrita aos nomes femininos.

Não é a única carta em que a referência ao encarregado de postar a carta justifica seu término. Pode ser o pai¹²⁸, a Naná¹²⁹, a Salomé, a Leninha¹³⁰ ou mesmo a própria remetente.

As cartas se encerram, ainda com mais frequência, porque está na hora de fechar a mala postal, na hora do avião¹³¹ ou na hora do vapor¹³². Perder um desses horários significa um atraso significativo: “

Tenho aqui uma carta escripta para ti, que por um esquecimento do teu pae perdeu o vapor, e sabes o que isto significa, oito dias de atrazo, estive para não mandar-te, mas resolvi por no correio, apesar das noticias atrazadas, ja ficas prevenido. (Carta de 13 de agosto de 1933. Conjunto G).

Outras razões para finalizar cartas podem ser alegadas: está tarde, a pena é ruim, está escuro, ou porque o papel está no fim, porque acaba, porque não tenho mais papel, tal como Mario de Andrade que finaliza uma carta a Manuel

¹²⁸ “O teu pae está na hora de ir e eu quero aproveitar para elle levar”. Carta de 28 de agosto de 1935. Conjunto G.

¹²⁹ Entre outros exemplos, Naná também espera pela carta de Helen, a escrita em 11 de novembro de 1933, que encerra com “vou terminar porque a Naná está a espera, para ir ao correio e está com pressa”. Conjunto G.

¹³⁰ “Tenho só 3 minutos pois a Leninha não pode esperar mais nada está de provas”. Carta de 23 de novembro de 1935. Conjunto G.

¹³¹ “Vou terminar está na hora do avião”. Carta de 16 de maio de 1935. Conjunto G.

¹³² “Vou terminar para aproveitar o vapor”. Carta sem data, escrita pela mãe provavelmente em abril de 1934. Conjunto G.

Bandeira com justificativa semelhante: “E ciao que o papel deve estar nas últimas linhas, já não vejo o rabinho dele do outro lado do rolo de borracha. [...] Um grande abraço do Mário”. (ANDRADE, 1958, p. 257).

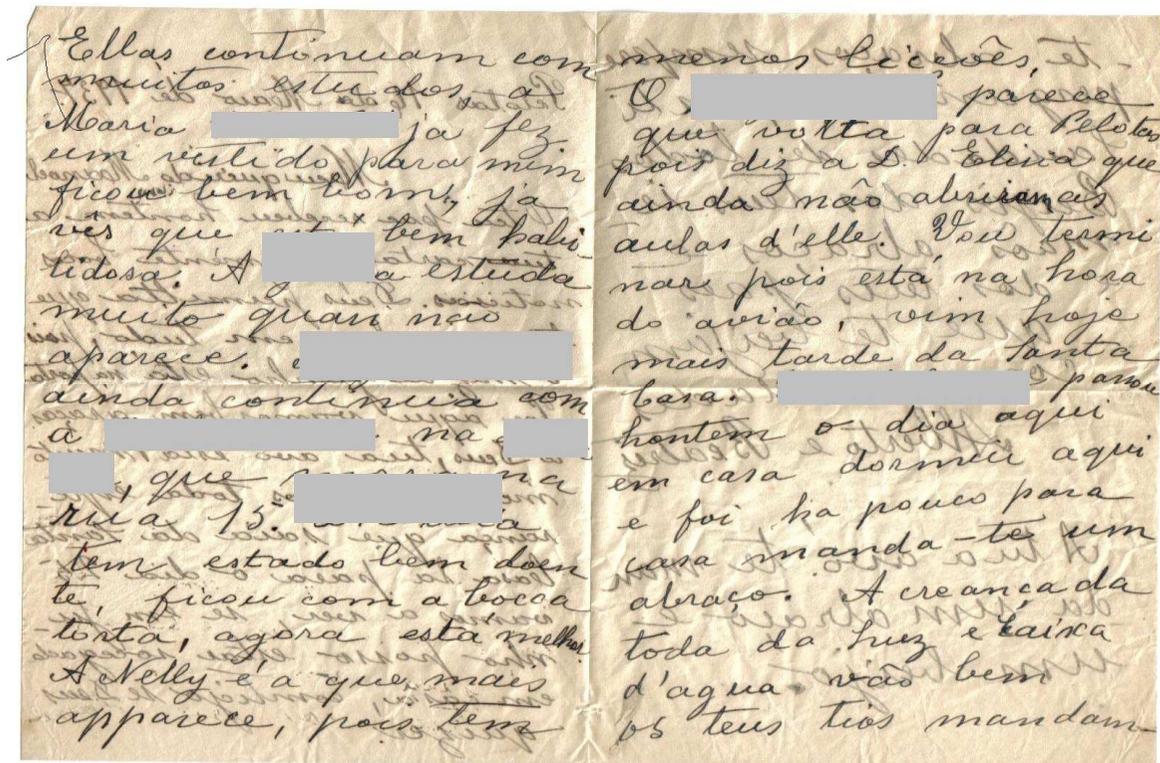
No ano de 1935¹³³ extensa correspondência circulou entre Porto Alegre e Pelotas, incluindo-se quatro cartões enviados por Antônio para Rita, distribuídos ao longo do ano, e dezessete cartas remetidas a Antônio por sua família. São duas cartas da irmã, Salomé, uma em maio e outra em junho; duas curtas cartas escrita pelo pai - que assina como sempre, Gama – uma de maio e outra de novembro e treze cartas escritas pela mãe que termina nove delas assinando-se, Helena, e finaliza as outras com “de teus paes”. As cartas maternas distribuem-se entre maio e dezembro.

Nas cartas familiares a preocupação com a forma não é predominante, mas existe. A mãe, Helena, parece iniciar as cartas sempre com uma letra menor e ajustada à linha que, na segunda ou terceira folha vai progressivamente perdendo a regularidade e tornando-se maior. Ela intenta manter a forma, mas, o fato de não conseguir não impede que a carta seja enviada. No máximo, esta preocupação se expressa em um aviso: “Lê e rasga está muito mal escrita”, que encerra a carta e se justifica por estar “escrevendo às pressas porque o teu pae

¹³³ Cartas recebidas por Antônio no ano de 1935: 1935.05.10; 1935.05.16; 1935.05.20; 1935.05.23; 1935.06.07; 1935.06.13; 1935.07.27; 1935.08.10; 1935.08.14; 1935.08.17; 1935.08.23; 1935.10.19; 1935.10.29; 1935.11.06; 1935.11.12; 1935.11.15; 1935.11.18; 1935.11.23; 1935.12.07, Conjunto G.

disse-me a hora do almoço que sahe um vapor quero ver se ainda alcanço”.
(Carta de 6 de agosto de 1933. Conjunto G).

A carta que segue, de Helena, de 16 de maio de 1937, escrita em uma única folha, fina o suficiente para que se perceba a escrita no outro lado, permite acompanhar a variação na horizontalidade da escrita. A primeira página (perceptível por trás da outra) é escrita em linhas bastante regulares, a segunda também, talvez orientada pela escrita que transparece da página anterior. A terceira e a quarta mostram maior inclinação e irregularidade crescente na distribuição das linhas na página.



Ellas continuam com
muitos estudos, a
Maria [redacted] já fez
um vestido para mim
ficou bem boni, já
ves que [redacted] tem paci-
tiosa. A [redacted] a estuda
muito quer não
aparece. [redacted]
ainda continua com
a [redacted] na [redacted]
[redacted] que [redacted] na
dia 15 [redacted]
tem estado bem doem-
te, ficou com a bocca
tonta, agora esta melhor.
A Nelly e a que mais
apparece, pois tem

menas lições, et -
[redacted] parece
que volta para Belém
pois diz a S. Elvira que
ainda não abrissem as
aulas d'elle. Vou termi-
nar pois está na hora
do avião, vim hoje
mais tarde da tanta
bara. [redacted] parou
hontem o dia aqui
em casa dormi aqui
e foi ha pouco para
casa manda-te um
abraço. A creanca da
toda da luz e calca
d'agua não bem
os teus tios mandam

Figura 28 – Carta de Helena a Antônio, 16 de maio de 1937, Conjunto G.

Outras explicações podem ser oferecidas para a letra ruim: “Estou te escrevendo de noite para esta carta seguir de manhã cedo, por isso não repara a letra” (Carta de 29 de outubro de 1935. Conjunto G), ou “estou te escrevendo de noite e como sabes os meus olhos não são nada bons [...]. Vou terminar a letra esta horrível só mesmo por ser para ti” (Carta de 07 de dezembro de 1935.

Conjunto G), que repete o tema da familiaridade justificando uma carta insatisfatória do ponto de vista formal.

Estas cartas, escritas com letra legível embora não com bela letra, podem ser enviadas ao filho, como de fato foram, mas não devem escapar à privacidade familiar. Fora deste círculo elas seriam embaraçosas porque desviantes do cânone social compartilhado sobre como uma carta apropriada devia ser naquele meio social, naquela época.

Salomé, a irmã, tem outras razões para pedir que suas cartas sejam destruídas, sua impropriedade no que se refere ao conteúdo. Assim, em carta de 10 de maio de 1935, ela escreve:

Eu te peço pelo amor de Deus que assim que leres esta carta que tu proprio acendas um fósforo e a queimes pois que não diria um companheiro teu a respeito do meu carater para com os homens. Não te esqueças e manda-me dizer se ja queimas-te, guarda as besteiras na tua tão inteligente cabeça. [...] Vou terminar porque esta carta está um temporal de asneiras. Não te esquece de queimares. (Carta de 10 de maio de 1935. Conjunto G).

A carta não parece nada comprometedora aos olhos de quem a lê hoje. Asneiras, sim; tolices juvenis, talvez; mas o que diriam de seu “carater para com os homens”? Entretanto essa preocupação parece séria já que nas cartas

seguintes Salomé insiste em saber se ele já queimou a tal carta: “Estamos loucas que tu venhas. Não mandas-te me dizer se tinhas queimado a carta que te pedi tanto para queimares. Ainda não sabem quando começa as férias?”¹³⁴. A mãe acrescenta sua voz à da filha para reiterar: “Maria Salomé escreveu muita bobagem, não deixes de queimar a carta, mas não te esqueças. Como és um pouco descuidado te recomendo pois o que não se quer que vejam quasi sempre é o que mais depressa se vê”. (Carta de 16 de maio de 1935. Conjunto G).

Antônio por sua vez pede a Rita no *postscriptum* de uma carta escrita a bordo do navio que o traz do Rio de Janeiro: “Rasga esta pois está mal escrita e suja. A”. (Carta de 6 de outubro de 1937. Conjunto G).

Observo que as tentativas de controlar os destinos das letras estão condenadas ao insucesso. Não fosse assim não seria possível ler-se tantas vezes as recomendações de rasgar, queimar, destruir, já que as recomendações teriam sido rasgadas, queimadas e destruídas junto com as cartas que condenavam. Mesmo assim, os missivistas continuam a escrever coisas que consideram inadequadas, e a requerer do destinatário sua destruição, gesto que parece muito mais protocolar e retórico do que fruto de um sentimento real de inadequação.

Talvez isso não se aplique ao “temporal de asneiras” de Salomé. A repetição do pedido, por ela e pela mãe, indica um temor real de exposição da carta reveladora, tal qual um romance vitoriano em que a reputação da mocinha

¹³⁴ Carta de 07 de maio de 1935. Conjunto G.

fica arruinada por um ato impensado, temor de que Antônio não comunga já que não “acendeu o fósforo” ele próprio.

Estes repetidos pedidos de não mostrar a ninguém ou de destruir, mostram também que as escritas ordinárias no privado experimentavam a transgressão aos códigos e à moral de uma época, embora propor ao correspondente a destruição da carta seja diferente de ordená-la, ou mesmo de contar com que a ordem de destruição fosse cumprida. Pedir a eliminação de uma carta, é mais retórica do que qualquer outra coisa. Justifica o envio de uma carta contrária ao cânone, mas não tão transgressora que não pudesse ser enviada.

Algumas cartas que trazem em si o pedido de destruição não são destruídas, outras o são. As cartas que se pedem sejam destruídas podem merecer este destino porque mal escritas, logo, reveladoras da pequena habilidade do escrevente ou de seu pouco cuidado e capricho, ou porque indiscretas, e então reveladoras de segredos. Podem ser cartas comprometedoras, porque expõem histórias de amor, acordos políticos, relações profissionais, ou simplesmente cartas de remetentes que não desejam ver sua intimidade revelada.

Para preservar sua intimidade, George Sand fez queimar suas cartas e as cópias delas (SYDOW, 2007, p. 12). Mario de Andrade recomendou a Manuel Bandeira manter privadas as suas cartas, “si eu morrer amanhã não quero que você as publique” (BANDEIRA, 1958, p.7), ao que Bandeira não obedeceu,

argumentando com o valor e a importância das cartas do amigo para justificar a publicação.

Cartas podem ser destruídas por muitas razões, inclusive para eliminar a possibilidade de vê-las outra vez (ou de entrevê-las ao abrir uma gaveta ao acaso). Para não reler, para passar a página, para encerrar o capítulo, mas também para manter a confidencialidade. Para isso, para preservá-las de outros olhos, queimar, rasgar, beber¹³⁵ cartas, e até usar do recurso de escrever com larga margem para que o correspondente escreva sua resposta na mesma folha, recuperando assim a própria missiva. (CASTILLO GOMES, 2006, p. 26 e 27).

Na busca de confidencialidade também se utilizam portadores ou se enviam cartas para outros endereços como fazem Anna Maria e Luís Carlos Martins. No livro em que publica as cartas de Tarsila do Amaral e de Anna Maria Martins a Luís Martins, Ana Luisa Martins reproduz cartas em que Anna Maria organiza estratégias para burlar a vigilância familiar sobre a correspondência que mantém com Luis Martins: “Meu bem, acho melhor você mandar uma carta aqui para a minha casa” (MARTINS, 2003, p.209), e esclarece:

como sabem que continuo me correspondendo com você e não vêem suas cartas chegando, podem desconfiar que você as esteja enviando para a casa da M. Antonietta. Não quero colocá-la em situação desagradável por isso peço-lhe que escreva pra cá uma ou 2 cartas e

¹³⁵ Leriano, personagem da obra *Carcel del amor*, de Diego de San Pedro, morreu bebendo as cartas da amada por não poder destruí-las ou devolvê-las. (CASTILLO GOMES, 2006, p.27).

depois continue mandando para a casa dela. (MARTINS, 2003, p. 209).

Neste caso, a família tinha conhecimento de que havia troca de correspondência entre os dois, não sabemos se a carta seria confiscada ao chegar, se seria apenas lida por alguém para controle de seu conteúdo, ou se haveria uma leitura para o grupo familiar. De qualquer maneira, o fato de que, depois de satisfeita a exigência de eximir a amiga da suspeita de cumplicidade, a correspondência continuaria a ser enviada para outro lugar, indica que a carta remetida para o endereço familiar deveria ser escrita de modo a suportar os olhares da família.

De volta ao conjunto G, as cartas dos familiares de Antônio tratam, como seria de se esperar, de assuntos cotidianos. As irmãs escrevem “asneiras”, falam de flertes, contam dos programas – festas, aniversários, cinema – e dos amores, falam do colégio e fazem encomendas (botões, partituras). A mãe fala do cotidiano e de eventos familiares, (nascimentos, doenças, mortes, batizados, casamentos), da saúde do filho distante e dos parentes em Pelotas e Portugal, dos resultados escolares (exames na faculdade, reprovação, aprovação), e de assuntos domésticos: tens roupa branca, não precisas trazer cobertores, manténs teus quilinhos? Um tipo de *small talk* que ela chama de contar as tolices¹³⁶.

¹³⁶ “Vou terminar já te contei todas as tolices. Estão todos dormindo vou fazer o mesmo”. Carta de 29 de outubro de 1935. Conjunto G.

O pai, Gama, fala de assuntos mais sérios: recomenda dedicação ao estudo, envia dinheiro, autoriza gastos e compras, mas, também, de forma algo surpreendente, depois de um parágrafo em que instrui o filho sobre a execução de um traje pelo Sr. Renner, comenta a beleza das mocinhas da colônia:

Hontem foram aqui as eleições para intendente e conselheiro, eu fui para o 6º districto como fiscal da F.U. que escanda lo eu mettido na politica, não achas? Felismente correu tudo na maior camaradagem de parte a parte, tinham lá mais umas allemãsinhas de outro planeta, tinha uma com os olhos tão sonhadores, que tanto eu como teus tios Néco e Fernando, estavamos meio encantados n'elles. (Carta de 18 de novembro de 1935. Conjunto G).

Conversa entre homens? Talvez, e, além disso, essa conversa sugere que a carta não seria vista pela mulher e pelas filhas. Ao contrário da correspondência que chega e que é lida pelo pai antes de ser lida pelos demais, como fica claro quando a mãe recomenda que ele não fale muito sobre o namoro da irmã porque “o teu pai lê primeiro, por isso não te podes expandir muito”. (Carta de 23 de agosto de 1935. Conjunto G).

Isso indica que o pai lia as cartas que eram recebidas pela família, mas não lia as que eram enviadas por ela. A sugestão da mãe¹³⁷ de que Antônio mandasse os resultados dos exames, se fossem muito ruins, em papel a parte,

¹³⁷ Carta de 05 de setembro de 1934. Conjunto G.

para que ela não precisasse dizer nada aos outros, “se ele não quiser”, não incluía o pai entre os outros, mas previa a circulação das cartas no meio familiar.

Há uma carta de Rita, de 1938, em que ela transmite a Antônio um recado da mãe dele: “Agora estive falando com d. Helena e manda te pedir q assim q saibas as notas me digas para lhe dizer, nos estamos aflitas. Si Deus quiser hás de te livrar desta”.¹³⁸ Os resultados dos exames são um problema para Antônio e sua família - e razão para recomendações e reprimendas do pai - a combinação que Helena e Rita propõem pode ser uma pequena conspiração feminina para conhecer as famigeradas notas antes do pai.

As cartas do pai são muito esporádicas, no mais das vezes bilhetes como o que ele apõe à carta escrita pela mãe em São Paulo, onde escreve a lápis sobre o cabeçalho, provavelmente motivado pela necessidade de explicar o atraso no envio da carta: “Esta carta foi esquecida e ficou no meu bolso. Como vais passando de saúde? Tens estudado bastante? Procura fazer melhor papel do que fizeste o anno passado. Guardes um abraço do teu pai muito amigo. Gama”¹³⁹.

Procedimento epistolar diferenciado do restante da família, o pai nunca manda beijos. As irmãs enviam beijos e também o irmão menor – embora já tenha uma caligrafia masculina - manda beijos na única carta que escreve. A mãe

¹³⁸ Carta de 25 de novembro de 1938. Conjunto G.

¹³⁹ Carta de 28 de março de 1934. Conjunto G.

manda muitos beijos, mesmo quando encerra suas missivas com “de teus Paes, Alfredo e Helena”. O pai envia abraços e, como já disse, assina-se Gama.

Do ano de 1936¹⁴⁰ Antônio manteve sete das cartas escritas pela família e oito das que ele enviou para Rita. Na caixa de Rita existem dezessete cartas que ela escreveu para o namorado.

Um assunto de que todos se ocupam nas cartas é, justamente, cartas: papel, pena, lápis, tempo para escrever, tempo da escrita, correio, carteiro, vapor, respostas, ausência de respostas, conservá-las ou eliminá-las. Boa parte das cartas é preenchida falando de cartas, isso ocorre também na correspondência trocada por Antônio e Rita de que me ocuparei adiante.

Responder as cartas recebidas é premissa do pacto epistolar e os correspondentes de Antônio estão sempre a falar nisso: Salomé, correspondente assídua, reclama contando as cartas sem resposta¹⁴¹. Ela ameaça nas margens da folha depois de concluída a carta: “como esta é a 3º carta que te escrevo se não me responderes eu me vingo, senão, não te dou noticias da porqueira da Rita”. (Carta de 30 de abril de 1934).

Escrever pode ser uma obrigação incômoda, mas, por incômoda que seja esta dívida, poucos correspondentes a perdoam, ao contrário, usualmente quem

¹⁴⁰ Cartas recebidas por Antônio em 1936: 1936.04.08; 1936.04.12; 1936.04.21; 1936.05.05; 1936.05.08; 1936.08.26; 1936.09.28. Conjunto G.

¹⁴¹ A primeira é de 15 de março de 1934, a segunda de 03 de abril 1934, a terceira de 30 de abril de 1934. Conjunto G.

escreve declara aguardar a resposta. A mãe de Antônio é uma exceção. Ela diz: “Agora vou escrever-te seguido e não faz mal que não escrevas pois sei que o tempo é pouco para estudares. Peço a Deus e Nossa Senhora que te saias bem”¹⁴². Abnegação de mãe? Por outro lado, a mesma Helena escreve a Antônio: “recebi a tua cartinha que como sempre muito apreciei. Sempre que puderes escreve”¹⁴³, e do Rio de Janeiro: “Hoje recebi tua segunda carta que muito me alegrou fizeste bem escrever pois senão fosses tu nenhuma linha recebi até hoje”.(Carta de 13 de março de 1934. Conjunto G).

Quem responde despacha-se de uma obrigação epistolar. Mesmo quando a carta é devida à devotada mãe, ao filho querido ou à namorada saudosa, responder às cartas recebidas é um compromisso às vezes prazeroso, às vezes aborrecido ou cansativo, mas sempre uma prática de civilidade importante e uma tarefa do cotidiano, assumida como prática.

Cartas de Antônio e Rita

O tempo de correspondência entre Rita e Antônio aconteceu enquanto eram namorados, residentes em Porto Alegre e em Pelotas, nas décadas de 1930

¹⁴² Carta de 10 de agosto de 1934. Conjunto G.

¹⁴³ Carta de 06 de agosto de 1933. Conjunto G.

e 1940. São quatrocentas e oitenta cartas¹⁴⁴, guardadas em duas caixas, como já contei, as dela em uma e as dele em outra.

Frequência das cartas de Antônio e Rita*:

Ant/Rita	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
1933					2/	1/					1/	1/
1934			3/							1/		
1935				1/	1/						1/	
1936	2/	1/	1/	1/	1/1	1/		1/2	2/3	3/3	1/2	
1937		2/1	4/3	1/3	4/4	1/	1/1	4/3	3/2		3/3	2/1
1938			2/3	4/4	2/3	1/1	3/1	1/5	4/3	4/4	3/4	3/2
1939	1/		1/5	1/5	1/4	1/2	1/					
1940	1/4	1/1						1/2			1/5	1/2
1941	1/	1/4	1/4	1/4	1/3	1/	1/6	1/8	1/4	1/6	1/4	1/3
1942	5/6	5/4	3/3	5/4	6/2	6/5	4/5	5/5	5/5	5/4	5/4	4/1
1943	5/1	5/1	4/	4/	5/	1/	7/	6/	5/3	5/6	1/	5/4
1944	3/3	3/2	4/5	2/2	4/4	3/4	6/3	1/2	3/2			

* Os meses marcados em amarelo têm cartas dos dois remetentes, os azuis têm somente cartas de Antônio e os verdes somente de Rita

O material epistolar constitui um lugar diferente para perceber as formas diversas de aproximação com a cultura escrita e pode oferecer uma oportunidade ímpar para mapear as práticas complexas implicadas nas correspondências, para além de sua aparente simplicidade.

As cartas de Antônio e Rita são cartas de amor. Acompanhamos nelas o começo do relacionamento do casal e seu desenvolvimento posterior. Os dois se

¹⁴⁴ São 245 cartas de Antônio e 235 cartas de Rita.

conheceram em Pelotas, onde moravam suas famílias e corresponderam-se no longo período em que ele morou em Porto Alegre para estudar e, depois que ele concluiu o curso de Medicina e voltou para Pelotas, no tempo em que Rita morou em Porto Alegre com a família, que se mudou para lá em meados de 1939.

Antônio e Rita escreveram muitas cartas, usualmente com uma frequência semanal como se observa pelos períodos em que o conjunto está mais completo e por algumas afirmações encontradas nas cartas. Por exemplo, Rita escreve, “Eu venho de fora no sábado a tarde e esperarei tua carta como de costume”¹⁴⁵, o que mostra a existência de uma rotina semanal, embora tal rotina de cartas não fosse para todos. Leninha, irmã do Antônio, recebeu cartas do namorado rês dias seguidos, do que Rita se mostra ciumenta na carta que segue¹⁴⁶:

¹⁴⁵ Carta de 19 de março de 1941. Conjunto G.

¹⁴⁶ Nas primeiras linhas desta página: “la me esquecendo de te dizer q a Leninha recebeu carta do Celso no sábado, na segunda e na terça, hoje não sei se recebeu porque não fui lá, ontem só q não veio. Tu estás muito malandro, não demores tanto a responder. Antônio quero q me escrevas uma bôa carta, bem amorosa, fiquei com pena por não teres mandado a tal carta q disseste estar indecente, como tu não achaste indecente podia ser q eu não ache, tinha vontade de ler, não queimes para quando vieres, me mostrares”. Neste parágrafo, exemplar de tantas coisas, também aparece a questão do que é adequado escrever numa carta e Rita solicita ainda uma “bôa carta, bem amorosa”. Carta de 18 de agosto de 1938. Conjunto G.

essa, vindo a ser solútil. Já não esquecendo de me dizer q
em - se ca [redacted] recebeu cartas do [redacted] q sábado,
hoje não se lembra mais a data, porque não está se re-
lembrando porque não foi lá, portanto a si q não
pou. Entretanto muito malandro, não demora
res tanto a responder. [redacted] que me
escreveras uma boa carta, bem amorosa, fi-
quei com pena por não teres mandado a
tal carta q disseste estar indecente, como
tu não achaste indecente podia ser q eu
não ache, tinha vontade de ler, não quei-
mes para quando vieres, me mostrares. Como
sempre tenho sentido muita saudade de ti,
nada de eu habituar-me, sempre pensando
do em ti e cada vez de amando mais.
Meu querido [redacted], estudas bastante para

Figura 29 – Carta de Rita a Antônio, 18 de agosto de 1938, Conjunto G.

Por outro lado, existia uma ordem familiar na casa de Rita que disciplinava sua correspondência com Antônio e, talvez, estabelecesse a

regularidade do envio das cartas já que Rita declara em carta de 24 de abril de 1939:

Recebi tua carta dia 20 de tarde, não te escrevi ha mais tempo, pois já sabes não tenho licença de escrever mais de uma carta por semana, estava com muita vontade de te escrever escondido, mas desisti pois não tinha dinheiro para o selo, imagina q prontidão? (Carta de 24 de abril de 1939. Conjunto G).

A família estabelece o que é próprio e suficiente em termos de frequência. Em outras ocasiões Rita diz que a mãe manda que pare de escrever porque vai estragar os olhos, ou ter dor de cabeça, ou outros argumentos semelhantes relacionados à saúde. Antônio, rapaz e morando longe da família, pode não ter sofrido este tipo de restrição, todavia, é a reciprocidade que alimenta a correspondência e a licença para somente uma carta por semana deve ter estabelecido o tempo dessas trocas epistolares.

Cartas de amor têm um protocolo bastante conhecido. Devem iniciar por nomear, carinhosamente, o destinatário como “meu grande amor”¹⁴⁷, “minha querida Mary”¹⁴⁸, “minha amada imortal”¹⁴⁹, “meu mais querido entre todos

¹⁴⁷ Tal qual tantos outros apaixonados, Henrique VIII começa assim a 15ª carta a Ana Bolena (TIN, 2009, p. 35).

¹⁴⁸ Como, prosaicamente, Shelley inicia a carta a Mary Shelley em 23 de agosto de 1818 (SCHUSTER, 1945, p. 251).

garotos”¹⁵⁰, “coração”¹⁵¹. Espera-se que sejam açucaradas, ternas, sinceras (ou que pareçam sinceras) e capazes de despertar sentimentos doces, ternos e sinceros. Reconhecemos, sem pensar duas vezes, a gramática das cartas e das cartas de amor. Sabemos como devem ser.

Por outro lado, não sabemos como devem ser as cartas de amor. As cartas de amor são difíceis e fáceis de escrever. Difíceis porque devem transmitir uma certa imagem de quem escreve – que se empenha em obter um resultado específico – fáceis porque podem ser “espontâneas”, desorganizadas, trazendo em si a desordem que o amor provoca no apaixonado, o que torna desculpáveis pequenas incorreções e falhas, mas imperdoáveis a indiferença e a demora em responder.

Antônio escreve isso com clareza:

Recebi hoje pela manhã tua carta. Não sabes em que estado a esperei, tinha certeza de que havia de vir, não podia deixar de vir, pois mais um dia que ela demorasse e viria me encontrar com o espírito envenenado. Deves me achar exigente neste ponto, mas é a tal

¹⁴⁹ Forma como Ludwig van Beethoven se dirige a amada em carta de 7 de julho de 1801 (SCHUSTER, 1945, p. 229). Este vocativo é o título de um filme - *Immortal Beloved*, dirigido por Bernard Rose, EUA: 1994 - o que lhe deu destaque. Outras cartas de Beethoven ao seu amor não identificado iniciam também belamente, como por exemplo em carta de 6 de julho de 1801, “Meu anjo, meu tudo, meu outro eu” (Idem, p. 227).

¹⁵⁰ Oscar Wilde em carta a Alfred Bosie em março de 1893 (WILDE, 2001, p. 39).

¹⁵¹ Antônio em carta de 11 de março de 1938. Conjunto G.

historia em amor é preferível tudo a indiferença. Isto além de triste é insuportável. (Carta de 16 de outubro de 1938. Conjunto G).

O desejável, para Antônio e Rita, a carta que eles desejam enviar e receber é uma “carta boa”. Eles pedem cartas boas, elogiam cartas boas e liquidam¹⁵² cartas que não saem boas, antes mesmo de enviá-las. Antônio, por exemplo, avisa a Rita que não enviou a carta que estava escrevendo: “Dia 5 escrevi-te uma carta mas não terminei porque tive de sair e só hoje voltei a pega-la. Li novamente e achei que estava um tanto asnático por isso vae esta outra”. (Carta de 7 de maio de 1937. Conjunto G).

Alguns meses mais tarde, explicando-se sobre carta anterior que desagradara Rita, escreve “a ultima carta não estava grande coisa e tu o notaste”, e acrescenta, “eu andava aborrecido na ocasião e não estava disposto a escrever, mas tinha de escrever e saiu aquilo mesmo. Achei depois de a ter mandado, que era uma carta perfeitamente idiota”. Diante disso, concede Antônio:

não te censuro pois pela frieza da resposta, amor, com amor se paga não é assim? Uma vez que eu escrevera uma carta tão sem geito era natural que tua resposta fosse curta e sem aquilo que já colocaste em

¹⁵² “Recebi domingo tua carta e venho responder hoje para que não me aches vingativo, não o fiz antes por que andei um pouco aborrecido, cousas sem importancia. Cheguei a escrever no domingo mesmo, mas não gostei do estilo e **liquidei** a carta”. (Carta de Antônio de 14 de setembro de 1938. Conjunto G). Grifo meu.

outras cartas. Talvez também estivesses sem inspiração por andar aborrecida, afinal de contas não sou só eu que posso ficar assim. (Carta de 10 de maio de 1938. Conjunto G).

Por outro lado, as cartas boas são desejadas pelos dois correspondentes, Rita escreve:

Antônio quero que me escrevas uma bôa carta, bem amorosa, fiquei com pena por não teres mandado a tal carta q disseste estar indecente, como tu não achaste indecente podia ser que eu não ache, tinha vontade de ler, não queimes para quando vieres, me mostrares. (Carta de 18 de agosto de 1938. Conjunto G).

e, novamente, “esta carta já está muito cheia de ‘queros’. Escreve-me uma bôa carta”¹⁵³. Antônio pede o mesmo: “Lembra-te que gosto muito de ti e escreve uma bôa carta para o ‘teu amor’”¹⁵⁴, ou ainda mais:

Antes de terminar, peço-te coração que escrevas uma carta grande e bôa, não faz mal que eu espere 4 ou 5 dias. Não pensas que estou te censurando, não posso, gosto muito de ti para fazer isso, e para o meu coração só quero ter carinho e amor, e dele só quero isso também.

¹⁵³ Carta de 23 de maio de 1941. Conjunto G.

¹⁵⁴ Carta de 3 de outubro de 1937. Conjunto G.

Aceita um abraço e um beijo cheio de amor do Antonio. (Carta de 05 de outubro de 1938. Conjunto G.).

Uma carta boa é uma carta poderosa, ela pode levantar “a moral mais abatida”¹⁵⁵, pode ser “inspiradora”¹⁵⁶, pode ser “um sopro em queimadura”¹⁵⁷. Uma boa carta pode ser descrita como uma carta “maravilhosa”¹⁵⁸, uma carta “bem amorosa”¹⁵⁹, “uma carta bem grande, com muito carinho”¹⁶⁰, ou “formidável”, como diz Antônio:

Recebi hoje a tua carta. Estava formidável, como eu gosto, espontânea, sem retoques, mas com um ar de sinceridade e com um geitinho desses que só o amor pode inspirar. Carta escrita mais com o coração do que com o cérebro, mais com o sentimento que com pensamento. É assim que gosto de te ver. Para frases bonitas, estudadas eu tenho os romances e para o nosso romance não precisamos de frases complicadas. (Carta de 23 de abril de 1938. Conjunto G).

¹⁵⁵ “A carta que me escreveste é dessas que levantam a moral mais abatida”. Carta de 1 de agosto de 1937. Conjunto G.

¹⁵⁶ “Escreve uma carta bôa, pode ser que assim eu me inspire”. Carta de Antônio de 9 de junho de 1937. Conjunto G.

¹⁵⁷ LOBATO, 1951, p. 50, embora o contexto dessa carta não seja o amoroso.

¹⁵⁸ “Tua carta está maravilhosa. É uma das melhores que escreveste. Infelizmente não estou a altura de te responderes como mereces”. Carta de Antônio de 11 de março de 1942. Conjunto G.

¹⁵⁹ Carta de 18 de agosto de 1938. Conjunto G.

¹⁶⁰ Carta de 7 de março de 1937. Conjunto G.

Uma carta “como eu gosto, espontânea e sem retoques” conduz a pensar na espontaneidade esperada nas cartas amorosas, mas também em de onde vem a inspiração para escrevê-las. Rita comenta em um *postscriptum*: “eu agora relendo esta última página lembrei-me q até parece trecho de romance da Coleção das Moças. Não faça troça de mim. Rita”.¹⁶¹ Revela um possível modelo não só para o modo de expressar o sentimento amoroso, mas também, para o relacionamento?

Além disso, ao advertir, “não faça troça de mim”, Rita já está exercendo uma censura que, “prevendo a reação do destinatário”, procura diluir a autoria. (BASTOS, 2003, p. 5).

Cartas de amor estão em todos os manuais, e há um interesse marcado por cartas de amor de personalidades históricas¹⁶². Consultei alguns modelos de cartas de amor oferecidos ao público (na internet¹⁶³, nos manuais). Um manual epistolar (Pádua, 1983, p. 121 a 152) oferece no capítulo “Cartas de Amor” trinta e dois modelos de cartas: para aceitar a corte, para dar esperança ao pretendente, para recusar a corte, para desiludir o rapaz, para expressar saudades, para

¹⁶¹ Carta de 17 de abril de 1941. Conjunto G.

¹⁶² Foi recentemente publicado o livro Para Sempre: cinquenta cartas de amor de todos os tempos, organizado por Emerson Tin (2009), uma coletânea de cartas de amor inspirada pelo livro que lê a protagonista do filme Sex and the city (2008), Carrie Bradshaw. A busca pelo livro do filme, que era fictício, por leitores do mundo inteiro, levou algumas editoras a publicarem livros naquele molde, informa o jornal Zero Hora de Domingo, 7 de junho de 2009, Caderno Donna, p.12.

¹⁶³ http://www.comamor.com.br/cartas_de_amor.asp. Acesso em mai 2009.

confirmar o amor e expressar saudades, para exprimir desagrado e ciúme, chegando ao detalhe – anunciado no título do Modelo 10 – “Carta de um apaixonado a namorada, a quem escreve diariamente”, assim deve explicar-se o romântico correspondente:

Amanhã escreverei de novo, e depois de amanhã outra vez, e assim todos os dias, de modo que haja cotidianamente, por assim dizer, um encontro epistolar nosso e, lendo-me, será como se me ouvisse e eu falasse a você, e assim nos entenderemos, agora e para sempre (PÁDUA, 1981, p.130).

É difícil imaginar modelo ou modelos para cartas de amor diárias. Cartas de amor devem mostrar espontaneidade e parecer um tanto desarrumadas¹⁶⁴, desarrumação que é um indício da perturbação em que se encontra – ou deveria se encontrar - o autor, missivista apaixonado. Entretanto, são as cartas de amor o objeto privilegiado¹⁶⁵ dos manuais epistolares. Como copiar cartas espontâneas?

Para o enamorado, a carta tem valor tático (LYONS, 1999, p. 60), e se apóia em recursos de estilo para tentar produzir no destinatário a impressão desejada. As cartas de Antônio e Rita não são diárias e, mesmo que se enquadrem na particular duplicidade da carta de amor descrita por Barthes (1981, 32-33), que a faz ao mesmo tempo vazia (codificada) e expressiva (cheia

¹⁶⁴ O que Martyn Lyons chama de desarrumação planejada (1999, p, 60).

¹⁶⁵ A correspondência galante é a mais exposta ao risco que uma cópia muito servil do manual representa, conforme Dauphin (2000, p.112).

de vontade de significar o desejo), são quase sempre comoventes. As cartas de Antônio não são (quase nunca) ridículas¹⁶⁶. São delicadas. São carinhosas. São tolas. São minuciosidades do relacionamento colocadas no papel, e mesmo com as lacunas evidentes da correspondência, se pode assistir, através das cartas, ao desdobrar do namoro.

As cartas de Antônio e Rita seguem um protocolo e uma *mise-en-scène* que parecem ter sido bastante claros para os correspondentes e uma prática usual. Os primeiros contatos epistolares entre os dois se dão através de cartões. Os cartões permitem sondar o terreno, quando o namoro ainda não se estabeleceu, sem comprometer os correspondentes (afinal, escrevem-se cartões às velhas tias), o espaço que oferecem para a escrita é limitado, mais fácil de preencher neste momento tenso do início do relacionamento.

Antônio, escrevendo num cartão estampado com gatinhos, explica:¹⁶⁷

Desculpe-me se não respondi o cartão que me mandaste e muito apreciei, mas acontece que eu ando um tanto atrapalhado. Bem sabes

¹⁶⁶ Apesar do “Todas as cartas de amor são ridículas” do poeta: “Todas as cartas de amor são ridículas. Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas. Também escrevi em meu tempo cartas de amor, como as outras, ridículas. As cartas de amor, se há amor, têm de ser ridículas. Mas, afinal, só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é que são ridículas. Quem me dera o tempo em que escrevia, sem dar por isso, cartas de amor ridículas. A verdade é que hoje, as minhas memórias, dessas cartas de amor, é que são ridículas. (Todas as palavras esdrúxulas, como os sentimentos esdrúxulos, são naturalmente ridículas.)” Poema de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa. (PESSOA, 1972).

¹⁶⁷ Cartão de 22 de maio de 1933. Conjunto G. Primeira correspondência de Antônio para Rita, encontrada na “Caixa”.

que não costumo demorar em responder-te, pois tenho um grande prazer em receber cartas tuas. (Cartão de 22 de maio de 1933. Conjunto G).

No cartão seguinte Antônio queixa-se “Após ter recebido o teu cartão que muito apreciei, e logo respondi, não respondi mais nenhuma cartinha tua. Estarás tão ocupada? Não leves a mal eu estar a reclamar, mas aprecio tanto as cartas que recebo, principalmente as tuas”.¹⁶⁸ E comenta ao final: “Hoje vão rosas ou flôr parecida. Recebeste o gatinho que te mandei? Escreve-me sim”.¹⁶⁹

As estampas dos cartões tornam-se tema da correspondência como também se pode ver no cartão bastante posterior, quando o namoro já parece estar mais consolidado. Antônio diz: “Mês que vem tem provas, e é por isso que agora te escrevo apenas este cartão onde vês Porto Alegre, cidade que segundo me disseram tens grande vontade de ver”. (Cartão de 18 de outubro 1934. Conjunto G).

¹⁶⁸ Cartão de 2 de junho de 1933. Conjunto G.

¹⁶⁹ Idem Ibidem.

Porto Alegre, 9 de junho de 1933.
Querida amiga querida [redacted]
Recebi hoje por intermédio
de uma carta do Crisiani
um cartão e o teu retrato e de
[redacted] Pensei que é inútil
dizer que muito agradeço. Fica
sem muito bem, e muito
bonitas, como eu já esperava.
O [redacted] sair foi muito
ruim. Estaria trabalhando em
pena de deixar Pelotas
e mais o Crisiani que apesar
de tudo, eu acho que é o
meio certo de ainda. Se
quiseres me responder, eu te
peço-te que não demores, pois
isto demora muito tempo a
[redacted] chegar e se tu demores
a responder quando o cartão
ou carta chegar, eu já
enlaquei. Pensei que
antes demora muito e
estarei por aí. Então
vamos conversar melhor.
Já estou aborrecida de
não receber resposta de tua
parte, mas o Crisiani contou
me que ele é que foi o
culpado. Quando ao que
se escreve no fim do cartão,
podes ter confiança em
mim e eu penso que o
mesmo poderei ter em ti.
Não repares o cartão, nem
a letra. Ando muito ocupada.
Aceita muitos abraços
do amigo querido que muito te
sauda e dá-te

Printed in Switzerland
No. 1228

Figura 30 - Verso do Cartão enviado por Antônio a Rita, 9 de junho de 1933, Conjunto G



Figura 31 - Face do Cartão enviado por Antônio a Rita, 9 de junho de 1933, Conjunto G

Os cartões parecem ser utilizados também quando o tempo é curto para escrever: “Faltam hoje 25 dias para as minhas provas. Estes dias devem ser aproveitados. Não tenho tempo para escrever uma carta, e por isso em lugar

desta mando-te o Grande Hotel”.¹⁷⁰ Diante das diversas referências às estampas dos cartões, pode-se especular que, além da insuficiência de intimidade e de tempo para escrever, uma terceira razão, a falta de assunto, também levaria o correspondente a optar por escrever um cartão. Este possibilitaria discorrer por um ou dois parágrafos sobre o tema do cartão enviado.

Nem tudo se pode dizer por carta. E os correspondentes sabem disso. Rita escreve: “tinha vontade de ver a carta que não enviaste, não queima, quando vieres para Pelotas traz para que eu veja”. Talvez a inadequação esteja limitada à correspondência, a carta não pode ser enviada, não se pode perder o controle sobre ela, mas desde que não saia das mãos de quem escreveu... ela pode ser lida e Rita desejaria lê-la.¹⁷¹

Em várias ocasiões os correspondentes deixam coisas por dizer, assuntos que por carta não dá para contar¹⁷², mas que se pode falar de viva voz, afinal *scripta manent*.

¹⁷⁰ Cartão de 14 de outubro de 1934. Conjunto G.

¹⁷¹ “Antônio quero que me escrevas uma bôa carta, bem amorosa, fiquei com pena por não teres mandado a tal carta q disseste estar indecente, como tu não achaste indecente podia ser que eu não ache, tinha vontade de ler, não queimes para quando vieres, me mostrares. Carta de 18 de agosto de 1938. Conjunto G.

¹⁷² Entre tantos outros exemplos: “O Paulo [irmão de Rita] continúa estudando bastante, um dia destes ele fez uma q nós rimos à valer, por carta não dá para contar-te” Carta de 29 de novembro de 1940. Conjunto G.

No dia em q escrevi estava muito abatada, triste, mas quero q saibas q para ti não tenho segredos, tem certas cousas q pôr carta não dá para explicar bem. Quando tu vieres te contarei tudo. (Carta de 20 de novembro de 1940. Conjunto G.).

Não apenas a correspondente amorosa se preocupa com isso, Antônio, o correspondente, também o faz e coloca limites ao que pode ser tratado por carta:

Sobre o nosso assunto, acho preferível não fazermos mais assunto, mesmo como sabes por carta é melhor não falar muito. Faz o que quiseres, felicidades e em maio quando for te visitar poderemos tratar da nossa vida. Até lá fica encerrado o assunto. (Carta de 25 de janeiro de 1944. Conjunto G).

A conexão entre autor e destinatário de uma carta afirma a característica dialógica do comércio epistolar¹⁷³. A carta é produto desta relação e os correspondentes são protagonistas dela. No caso das cartas de amor, a reciprocidade e a prontidão da resposta são ainda mais importantes, constituem condição essencial para o sucesso do relacionamento.

O tempo da resposta é tema recorrente na correspondência de Antônio e Rita, e pode-se dizer que é um assunto frequente em todas as cartas com que já trabalhei: a rápida resposta, a ausência de resposta, a demora na resposta, e as

¹⁷³ Algumas cartas de cerimônia ou de caráter profissional às vezes dispensam a resposta.

subsequentes e inevitáveis explicações pela demora, justificativas pela falta e cobranças pelo não recebimento da resposta esperada, são assuntos constantes. Não resposta é ausência e ausência é “todo o episódio de linguagem que põe em cena a ausência do objeto amado – qualquer que sejam a causa e a duração – e tende a transformar essa ausência em prova de abandono”. (BARTHES, 1981, p. 27). As cartas são a presença do amado, a falta de cartas, a ausência, o abandono. O tema aqui é, portanto a ausência e essa ausência é diferente da distância – grande ou pequena, não importa – que dá ensejo à troca epistolar.

Rita contabiliza as respostas e sua demora, e exige que ele responda logo:

Ante ontem recebi a tua cartinha, ainda não tinhas recebido a minha porque te escrevi sabado, de manhã. Queres saber noticias minhas, pois só assim podes avaliar quando tu não me escreves como eu fico aflita. Este ano já tens me feito esperar carta 16 dias e tu só esperaste 10, e foi mais de uma vez q eu esperei. (Carta de 17 de maio de 1937. Conjunto G).

Todas as cartas pedem resposta. A carta de amor espera sua resposta, escreve Barthes, obriga o outro a responder, a falta de resposta altera a imagem do outro. Como explica o jovem Freud a sua noiva, Martha Bernays: “não quero que minhas cartas fiquem sempre sem resposta e não te escreverei mais se você não me responder” (BARTHES, 1981, p. 33). O mesmo Freud - correspondente sempre prolífico - combina com Martha, em janeiro de 1883, que ambos fariam

“um registro em conjunto – a Crônica Secreta (*Geheime Chronik*)”. Esta crônica “destinava-se a ser tanto um substituto para as cartas que escreveriam se não estivessem na mesma cidade, quanto um registro para o futuro”. (MOLNAR, 2000, p. 14).

Albert Einstein, escrevendo a Mileva Maric’, numa carta que versa praticamente na íntegra sobre a correspondência que os dois mantêm, explica-se:

Mil agradecimentos por sua carta. Teria respondido antes, mas saí em expedição pelas montanhas com o dono de nosso hotel (...). Espero que tenha recebido minha primeira carta, ainda que não tivesse muita importância, caso contrário teria com toda certeza nutrido um amargo ressentimento por mim e considerado-me um preguiçoso infiel. (RENN e SCHULMANN, 1992:49)

As cartas de Antônio também pedem resposta. Ele afirma: “respondo-te logo, pois tenho grande prazer nas tuas cartas”, logo se infere que ele responde para receber resposta em breve. Para desculpá-la pelo atraso de uma carta esperada e reclamada na anterior, Antônio escreve: “Recebi hoje por intermédio de uma carta do Ernani, um cartão e o teu retrato e da Leninha. [...] Já estava aborrecido de não receber resposta da tua parte, mas o Ernani contou-me que ele é que foi o culpado”. (Carta de 9 de junho de 1933. Conjunto G).

Ser um portador é um ato de responsabilidade não só no que diz respeito à rapidez da entrega da carta ou encomenda, mas também no que respeita à discrição. Antônio adverte a irmã encarregada de entregar uma carta

sua para Rita: “Peço a Dona Bicha que não seja metida e vá abrir este. Entregue como receber. A”. (Em vermelho no canto superior esquerdo do envelope da carta de 11 de setembro de 1934. Conjunto G).

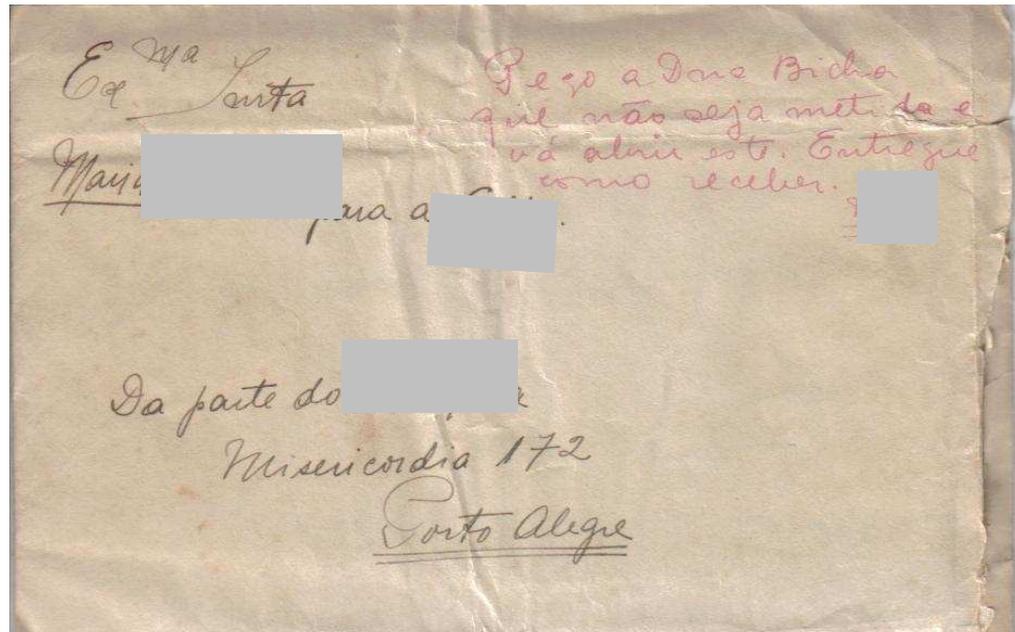


Figura 32 – Envelope da carta enviada por Antônio a Rita, 11 de setembro de 1934, Conjunto G.

No início de cada carta, as desculpas são praxe, demorei a responder-te por que...; não repares nessas poucas linhas...; escrevo-te rapidamente para não te deixar sem resposta. Antônio escreve: “Não repares que somente hoje

venha responder teu cartão que bastante apreciei e ainda mais por não teres demorado a responder”¹⁷⁴, ou, ainda, “espero embarcar lá pelo dia 19 e aí conversaremos melhor. Não respondi tua ultima carta porque tencionava embarcar a 12 e portanto por 2 semanas não valia a pena. A resposta a esta carta não precisa mandar. Receberei o meu perdão no dia da chegada”. (Carta de 6 de junho 1936. Conjunto G).

As justificativas de Rita podem ser menos previsíveis. Ele não tem tempo porque tem que estudar, ela porque tem "cozido muito"¹⁷⁵, ou “por causa da Semana Santa”¹⁷⁶, por exemplo, raramente os exames e estudos são alegados como causa para o atraso de suas respostas.

Além das escusas e justificativas, das queixas e reclamações, a demanda por resposta aparece de outras formas. “Só quero vêr quando respondes estas rápidas linhas. Podes responder pouco, mas responde. Tem paciência com o ‘implicante’”. (Carta de 15 de abril de 1935. Conjunto G).

“Um dos objetivos primordiais das relações amorosas estabelecidas pela escrita epistolar” é o encontro com o sujeito da relação amorosa ou a obtenção de sua resposta (BASTOS, 2003, p.5). A falta de cartas - ausências do amado – suscita dúvidas. Escreve Antônio: “deves estar admirada da minha demora e talvez essa terrível imaginação esteja fazendo um mau juízo de minha pessoa”.

¹⁷⁴ Carta de 26 de maio de 1935. Conjunto G.

¹⁷⁵ Carta de 11 de janeiro de 1934. Conjunto G.

¹⁷⁶ Carta de 14 de abril de 1941. Conjunto G.

Como explicação, acrescenta que se mudou, e pede, “não copies o mau exemplo, mesmo porque creanças bem comportadas não seguem os maus exemplos”¹⁷⁷. Embora ele mesmo seja afetado pela demora das cartas da namorada, que assim expressa:

Peço-te pois, não demores a me responder. Não sabes o mal que me fazes quando demoras, quando a carta é pequena e escrita sem um carinho. Quero te ver carinhosa, bastante carinhosa, não tenhas medo de algum julgamento mau, nem penses que aprecio muita serenidade. O que quero é amor, e o resto é conversa. (Carta de 23 de outubro de 1938. Conjunto G).

É por isso que é tão importante para Antônio ter recebido uma carta de Rita antes de ter respondido a anterior: “não só apreciei imenso o modo que escreveste como também o fato de teres feito sem teres recebido resposta da tua carta. Não pude na verdade escrever”, explica-se, por conta da época de exames. (Carta de 25 de março de 1937. Conjunto G).

É também por isso que Rita protesta tão enfaticamente contra a falta de cartas de Antônio, contra o silêncio do amado:

¹⁷⁷ Carta de 2 de agosto de 1936.

Pelotas, 9 de Abril de 1937.

Querido [redacted]:

Estou muito sentida com o teu silencio, pois de maneira nenhuma esperava q., terminados os exames deixasses de escrever-me em seguida, contando o resultado; pois no meu entender, os amigos são os melhores confidentes, tanto para as ocasiões boas ou más, julgas talvez q a minha amizade por ti seja pelo título q possas ter? Enganas-te. Uma vez q dediquei-te amizade, foi á ti somente, com D e R. ou sem ele. Não quero dizer com isto, q deves de interessar-te pelos teus estudos, deves fazer todo empenho para assim dares satisfação e alegria á teus pais. Espero em resposta á esta, uma carta explicando o porque do

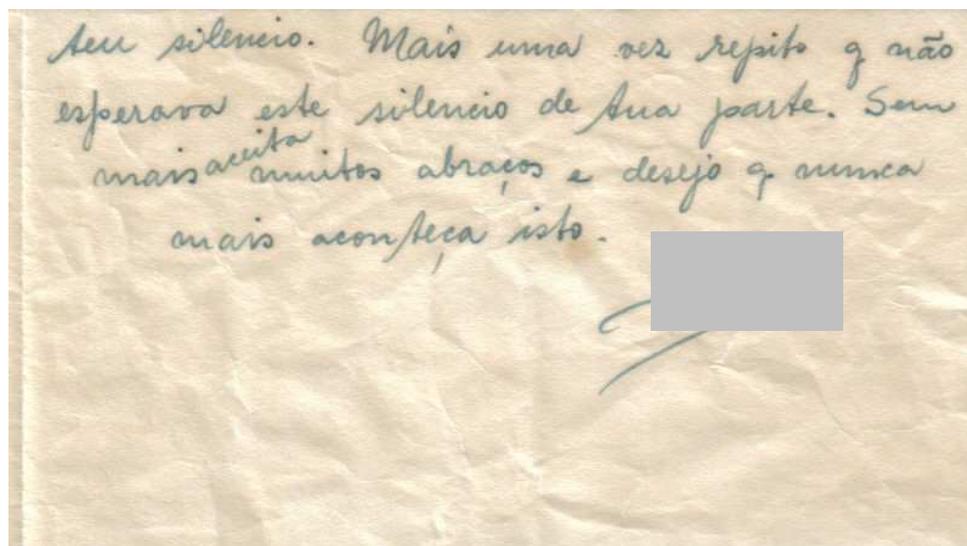


Figura 33 - Carta enviada por Rita a Antônio, 9 de abril de 1937, Conjunto G.

No que se refere à forma de tratamento, a primeira carta escrita por Antônio inicia por “Querida amiguinha Rita” e encerra com “Sem mais, aceita muitos abraços cheios de saudade do amiguinho sincero, Antônio”. (Carta de 22 de maio de 1933. Conjunto G).

As seguintes seis cartas¹⁷⁸ repetem exatamente os diminutivos – amiguinho/amiguinha – e as cinco que se seguem mantém esse protocolo com pequena variação, a destinatária continua sendo a “Amiguinha Rita”, enquanto

¹⁷⁸ Todas se iniciam com Porto Alegre, seguido pela data: 2-6-1933; 9-6-1933; 27-9-1933; 14-11-1933; 8-12-1933; 26-3-1934, Conjunto G.

Antônio se despede com “Muitas felicidades nos estudos e muitos abraços do Antônio”¹⁷⁹, “Abraço do amiguinho certo”¹⁸⁰, “Esperando a tua resposta abraça-te o amiguinho Antônio”¹⁸¹, “Felicidades e até o fim do mês”¹⁸², “Abraço do amigo mais que certo”¹⁸³ e, encerrando esta etapa do namoro epistolar, “até lá aceita muitos abraços cheios de muita amizade do Antônio”¹⁸⁴. As variações nas despedidas de Antônio se limitam a ir de amiguinho para amigo, amigo certo, amigo sincero e passam a incluir muitas vezes “abraços”.

A carta seguinte, seis meses distante da última de que disponho, inicia de forma definitiva por “Querida Rita” - expondo a mudança que se deu no relacionamento durante o período para o qual não há cartas - mas termina do modo habitual por “Abraça desejando como sempre todas as felicidades o amigo muito certo, Antônio”. A partir dessa carta, todas iniciarão por variações em torno de “Querida Rita” e “Minha Rita muito querida”. A forma de tratamento mais inusitada utilizada por Antônio nesta etapa do romance epistolar é “Querideza”¹⁸⁵, ainda uma alteração do querida habitual. As despedidas não apresentam uma variação (ou seria um avanço?) tão significativa, mas,

¹⁷⁹ Carta de 18 de outubro de 1933. Conjunto G.

¹⁸⁰ Carta de 15 de abril de 1935. Conjunto G.

¹⁸¹ Carta de 26 de maio de 1935. Conjunto G.

¹⁸² O “até o fim do mês” anuncia a proximidade das férias em que os correspondentes estariam na mesma cidade já que Antônio, estudante de Medicina em Porto Alegre, costumava passar a férias com a família em Pelotas.

¹⁸³ Carta de 3 de novembro de 1935. Conjunto G.

¹⁸⁴ Carta de 14 de novembro de 1935. Conjunto G.

¹⁸⁵ Carta de, 19 de abril de 1938. Conjunto G.

paulatinamente, o “amigo” desaparece e Antônio passa a despedir-se com ousadas insinuações do tipo “abraça-te com muita saudade e...”.¹⁸⁶, e “abraça-te com muita saudade e algo mais o Antônio”¹⁸⁷, anunciando o aprofundamento do relacionamento.

Nesta mesma carta, a do “algo mais”, há também uma referência interessante. Em meio a comentários, usuais nas cartas, sobre os filmes assistidos na semana, Antônio comenta “dizes-me que foste ao cinema vêr os ‘Últimos dias de Pompeia’. Não é má. Recomendo-te ‘Mazurka’ com Pola Negri. É maravilhosa, uma das melhores fitas do ano”, e acrescenta, “vi também ‘Historia de Louis Pasteur’ que também deves ver e estudar bem a atuação da mulher junto ao marido”, insinuando um possível futuro matrimonial e a conduta esperada das esposas. (Carta de 22 de setembro de 1936. Conjunto G).

Em alguns anos não há cartas de um dos correspondentes, como a ausência de cartas de Rita nos três primeiros anos e de Antônio em 1939. O que terá acontecido? O maço perdeu-se por acaso? As cartas não foram guardadas? Foram queimadas? Nunca foram escritas? Os namorados estavam brigados? Moraram na mesma cidade naquele ano? Ainda não há respostas e talvez nunca haja.

¹⁸⁶Carta de 2 de agosto de 1936. Conjunto G. As reticências são da lavra de Antônio.

¹⁸⁷Carta de 22 de setembro 1936. Conjunto G.

Durante o ano de 1937 uma grande mudança nos termos do relacionamento aconteceu. Neste ano Antônio ousará despedir-se com beijos. Assim, nas três primeiras cartas escritas após o final das férias de verão, Antônio despede-se com “abraça-te quem por ti deseja fazer tudo, até mesmo mudar completamente o seu modo de ação”¹⁸⁸, com “aceita um forte abraço de quem te quer egoisticamente (isto é perdoável) só para si”¹⁸⁹, e com “aceita um grande abraço cheio de saudade e amor do Antonio”¹⁹⁰. As despedidas com beijos só vão se tornar definitivas em novembro¹⁹¹, quando todas as cartas passam a trazer beijos e algumas até “apertões”, como explica Antônio:

continua sonhando com o teu anjo e por falar em apertões, tu não reparaste o golpe? Apertão é para disfarçar, porque quem dá um apertão dá um beijo portanto ~~quem dá~~ [riscado no original] beijo e apertão são sinônimos. E como eles são sinônimos eu termino esta enviando-te um montão de apertões”. (Carta de 8 de dezembro de 1937. Conjunto G).

Ao primeiro olhar a carta inaugural do ano de 1938 mostra uma virada. Após o convívio de férias, a carta inicia com

Muito querida Rita

¹⁸⁸ Carta de 19 de fevereiro de 1937. Conjunto G.

¹⁸⁹ Carta de 25 de fevereiro de 1937. Conjunto G.

¹⁹⁰ Carta de 10 de março de 1937. Conjunto G.

¹⁹¹ Cartas de 21 de novembro, 3 de dezembro e 8 de dezembro de 1937. Conjunto G.

Coração.(Carta de 11 de março de 1938. Conjunto G).

e, no correr da carta, Antônio escreve: estou tão feliz que “se estivesse aqui te dava até um beijo”¹⁹². É a primeira vez que a palavra beijo aparece no corpo de uma carta e as despedidas confirmam a mudança ocorrida

Escreve coração e recebe um grande abraço e um longo beijo de quem te quer mais do que nunca.
Antônio. (Carta de 11 de março de 1938. Conjunto G).

A carta seguinte prossegue no mesmo diapasão “as 4 horas chegou a tua carta, o guri do elevador veio traze-la. (...) Li varias vezes e dei uma montoeira de beijos na tua carta”, e voltando ao tema dos beijos, “O retrato eu meti no passepartout que eu tinha niquelado. Achei uma bôa idea porque senão o retrato já estaria gasto das minhas mãos e dos meus lábios”. As despedidas também mantêm o padrão estabelecido na carta anterior, “beija-te com muito amor quem só pensa em ti”. (Carta de 24 de março de 1938. Conjunto G).

Em poucos meses as expressões de afeto, nas despedidas, tornam-se mais físicas e mais descritivas, como em “aceita querideza um abraço e um beijo daqueles que até nem é bom falar, do Antônio”¹⁹³, e “Coração, não sei se a carta esta bôa pois foi escrita muito as pressas e eu peço desculpas pela letra e recebe

¹⁹² Carta de 11 de março de 1938. Conjunto G.

¹⁹³ Carta de 19 de abril 1938. Conjunto G.

uma porção de beijos e abraços de quem te quer dar um montão em junho”¹⁹⁴ e, ainda, “recebe coração um beijo muito apaixonado do Antônio”¹⁹⁵, culminando na mais descritiva (até essa data) de todas as despedidas,

Querideza aceita um grande abraço e um longo beijo de quem espera aquecer um pouco a alma no calor do teu amor e do teu carinho, no ninho de tuas mãos e no bafo morno dos teus lábios que mais uma vez beijo com todo o meu amor

Antônio. (Carta de 24 de junho de 1938. Conjunto G).

As despedidas de Antônio mudam ao longo do relacionamento e as de Rita também. Entretanto, elas mudam de formas diferentes. Em contraste com as despedidas de Antônio, Rita não manda beijos. Nunca, até o contrato de casamento que acontece em dezembro de 1939¹⁹⁶ e então envia beijo somente na primeira carta depois do contrato. Com o cuidado de pedir que não deixe ninguém por a mão na carta, Rita escreve: “abraça-te carinhosamente e beija-te com muito amor a tua noiva q não te esquece”. (Carta de 2 de janeiro de 1940. Conjunto G.).

¹⁹⁴ Carta de 24 de março de 1938. Conjunto G.

¹⁹⁵ Carta de 24 de junho de 1938. Conjunto G.

¹⁹⁶ O contrato foi comentado em carta de 23 de junho de 1939, depois disso há um período de seis meses sem cartas porque o casal – por estes poucos meses, morou na mesma cidade, Porto Alegre – com a formatura de Antônio no final do ano ele voltou para Pelotas e a correspondência foi retomada. Na carta de 7 de janeiro de 1940, há a confirmação de que o contrato ocorreu, porque Rita relata uma visita que fez para participá-lo.

Isso só voltará a ocorrer em janeiro de 1941. Os primeiros seis meses de 1940 passam-se com abraços, na segunda metade do ano Rita inicia uma aproximação gradual que percorrerá com beijos o rosto do noivo, distante antes de chegar ao beijo, sem dizer onde.

Nesse itinerário amoroso, Rita principia por um “beijinho na testa”¹⁹⁷, poucas cartas depois ela encerra a carta com “meu homenzinho muito querido, minha vida e meu tudo, abraça-te com todo o carinho e amor e beija-te no cantinho da boca a tua noiva”.¹⁹⁸ Na carta seguinte, ainda tendo a boca por alvo, Rita envia “uma mordida bem dada nos lábios e um carinhoso abraço da tua noiva q muito te ama e é toda tua”, compensada em seguida com um “P.S.: Aceita tambem um beijinho na testa”. (Carta de 3 de agosto de 1941. Conjunto G.).

Essa viagem prossegue pela geografia do rosto - pálpebras¹⁹⁹, no cantinho de tua boquinha²⁰⁰, no pescoço em baixo do queixo²⁰¹, no lábio inferior²⁰², no queixo²⁰³, na testa²⁰⁴, e finalmente, “o beijo bem longo na boca e

¹⁹⁷ “Escreve-me logo amor, mas uma bem carinhosa. Ando impossível com falta de amor e nem sei mais o q. Aceita um “beijinho na testa”, gostas? Abraça-te com todo o carinho e amor a tua noiva q muito te ama”. Carta de 7 de julho de 1941.

¹⁹⁸ Carta de 1º de agosto de 1941. Conjunto G.

¹⁹⁹ Carta de 10 de agosto de 1941. Conjunto G.

²⁰⁰ Carta de 15 de agosto de 1941. Conjunto G.

²⁰¹ Carta de 19 de agosto de 1941. Conjunto G.

²⁰² Carta de 24 de agosto de 1941. Conjunto G.

²⁰³ Carta de 29 de agosto de 1941. Conjunto G.

²⁰⁴ Carta de 16 de setembro de 1941. Conjunto G.

um apertado abraço da tua noiva q muito te ama e só pensa em ti”²⁰⁵. Depois voltar ao passeio percorrendo cada orelha, dando beijinhos pelo rosto e pescoço, na ponta do narizinho, voltando à testa, ao cantinho da boca e ao pescoço e, algumas vezes mandando apenas abraços.

É provável que o casal tivesse planos de casar-se não muito após a data do noivado. Rita conta que a mãe só concordaria com o contrato de casamento se marcassem uma data.²⁰⁶ Isso não ocorreu porque Antônio recebeu o diagnóstico da doença em janeiro de 1940, o que adiou os planos dos dois até 1944 quando, após o tratamento e a constatação da cura, enfim, o casamento aconteceu.

Em suas cartas Antônio e Rita tratam do próprio namoro e de suas expectativas para o futuro do relacionamento, comentam seu dia-a-dia - seus lazeres e afazeres – dão notícias de suas famílias e de amigos e conhecidos, falam sobre cartas e correio.

Seus afazeres são basicamente os de estudante e, no caso de Rita, também ocupações de mocinha: ajudar a mãe, cozer, ocupar-se do enxoval. Na segunda carta depois do contrato ela informa que logo vai ocupar-se com isso:

Ontem a tarde fui na Solange, participar-lhe o nosso contrato, ela mostrou-me o enxoval, tem muito pouca cousa. Eu assim q vier da

²⁰⁵ Carta de 22 de setembro de 1942. Conjunto G.

²⁰⁶ Carta de 23 de junho de 1939. Conjunto G.

estação de águas começarei, si Deus quiser. Já respondi os telegramas nossos e tu já agradeceste os teus? (Carta de 23 de junho de 1939. Conjunto G).

O enxoval, daí em diante, será tema constante, o próprio, o das amigas, o das futuras cunhadas. São bordados, camisolas, mudas, toalhas, guardanapos. Comprados, ganhos, dados, cozidos, riscados, numa atividade que só tem fim com o casamento, e que inclui, além de comprar e cozer, visitar as noivas para ver o enxoval, mostrar o enxoval às tias, arrumar a mala grande com o enxoval, e assim por diante.

No que se refere a seus lazeres, eles vão a bailes e festas, fazem visitas, viajam em férias, vão ao teatro e ao lírico, mas o que se destaca é o cinema. Lê-se em suas cartas quase incontáveis idas ao cinema e comentários sobre astros e estrelas, filmes, salas de exibição e sessões: Henry Fonda, Roberto Taylor, Errol Flyn e Clark Gable; Gilda de Abreu, Betty Davis, Pola Negri e Dorothy Lamour. E o Vento Levou, Pimpinela Escarlata, Bonequinha de Seda e Rebecca. Rex, Capitólio, Roxy e Cacique. Vespéral, matinée, estréia e última exibição. Listas intermináveis em *technicolor* ou em preto e branco, não importa, assistem a todos - embora Antônio escreva “não gosto das coloridas”²⁰⁷ - e as assistem mais de uma vez.

²⁰⁷ Carta de 19 de agosto de 1937. Conjunto G.

Há também as músicas. Algumas delas “maravilhosas”²⁰⁸. Compram, encomendam e presenteiam as partituras, tanto das músicas do cinema como daquelas ouvidas no rádio. Muitas vezes a música do rádio compõe o ambiente onde uma carta é escrita ou lida.

Os assuntos tratados nas cartas são do dia-a-dia: o cotidiano de estudante, a saúde dos correspondentes e de suas famílias, o andamento doméstico, e, com o desenrolar do relacionamento, o amor e as expectativas em relação ao namoro e, mais tarde, ao noivado.

Um tema recorrente nas cartas é constituído pelas próprias cartas: a letra (boa, ruim, sem rascunho), o papel (com marca d’água, que acaba, que é pequeno), a pena (ruim, nacional, que não presta, a lápis), a extensão (curta, apenas um bilhete, boa), o estado de espírito do correspondente no momento de escrever (estou triste, estou animado, estou com sono), o lugar onde escreve (na mesa, na cama, no colo), as peculiaridades do correio (termino porque a mala fecha as 3 horas, o vapor vai na quarta-feira, o portador está a espera).

Estas cartas são inestimáveis, para Antônio, para Rita, para nós. É quase preciso ser grato pela distância e pelo tempo de afastamento que as ensinam. Por penosos que estes anos de separação tenham sido para os namorados, as cartas se tornaram um registro – tal qual Freud desejava com sua crônica que

²⁰⁸ Por exemplo, o saxofone “é lindo” em *Idílio nas Selvas* com Dorothy Lamour, escreve Rita em 25 de novembro de 1938 e o “blues é maravilhoso” em *Estrelas em Desfile*, conta Antônio em de junho de 1938.

substituiria as cartas não escritas – um registro precioso do afeto e da história dos dois. Esse registro, devolve a Rita o jovem namorado, nos devolve o que nunca vivemos, um longo, belo e real romance epistolar.

Porque não tenho mais papel ...

Prezadas Senhoras

Como estão? Vão bem de saúde? Como passam suas famílias?

Escrevo hoje para encerrar uma etapa – a do meu doutoramento – e agradeço sua boa vontade em participar de minha banca em uma época do ano por si só já muito atribulada.

Não ter mais papel, título que escolhi para este encerramento, é uma metáfora para tudo que me faz interromper aqui este estudo. Como os meus correspondentes, termino esta “carta” não porque não tenha mais fascínio e encantamento pelo tema e pelo *corpus* empírico, mas porque é hora.

Este estudo, inscrito nos marcos de uma História Cultural da Educação, buscou compreender e problematizar as práticas epistolares no Brasil, entre o

final do século XIX e a primeira metade do XX, no intuito de acompanhar sua afirmação numa sociedade da cultura escrita.

Para isso, analisei três conjuntos de escritas epistolares: Família Maciel, Família D e Família G. Vali-me também de treze manuais e de romances epistolares e cartas publicadas – vividas e ficcionais – que possibilitaram, os primeiros, conhecer a norma, os segundos, conhecer como os usos da epistolografia foram levados a cabo por correspondentes personagens, que paralelamente aos missivistas dos conjuntos Maciel, D e G, abriram para mim o universo epistolar. Universo que teve ampliado o número de pessoas que a ele tem acesso, isto é, de pessoas capazes de escrever e de ler uma carta, com o alargamento dos processos de escolarização e a alfabetização crescente, no período em estudo.

Ao escrever uma carta, os missivistas, a partir de um repertório compartilhado de palavras, conceitos, modelos, gestos e costumes, pensam e expressam um mundo exterior ao empreendimento escriturístico em que se empenham.

Mas quem escreve? A investigação que ora finalizo indica que as práticas de correspondência eram extremamente difundidas no período em questão. Há os que escrevem muito bem, há os que o fazem sofrivelmente e, outros há que têm um domínio reduzido dos códigos gráficos.

Esses, os que não têm uma boa mão própria, que podem até recorrer a um escrevente mais qualificado para uma carta de cerimônia, usualmente desculpam-se por não escreverem como se deve, e então escrevem suas cartas antecipando a apreciação que o destinatário fará delas.

Todavia, escrevem. Escrevem e enviam suas cartas. Fazem este esforço porque é necessário - não somente por conta da informação que uma carta pode levar, mas para reafirmar laços, firmar solidariedades, marcar posições, ou para cumprir um dever social.

Quem são os correspondentes? Amélia, Sinhá, Rubens, Mozart, Antônio, Rita, Helena, Alfredo, Salomé, Naná, Frederico, Domitilla, Donata, Ruy, Dejanira, Ney, Jerônimo, Joaquim, Leninha, Carlos, João Carlos, Paulo, Zeferino. São mães e pais, filhos e netos, namorados e flertes, empregados e agregados, amigos e conhecidos, correligionários e prepostos, cujas cartas tive o privilégio de manusear e conhecer, com competências gráficas tão distintas quanto suas histórias, algumas das quais se pode apenas entrever. Destes, felizmente pelo zelo em guardar ou por algum acaso qualquer, existem cartas.

Muitos outros escreveram cartas, mencionadas tantas vezes em outras cartas, que não chegaram a mim. Outros não escreveram cartas e talvez não soubessem escrever. Junto com Naná, a Família G listava Albertina e Ubaldina, mas não se fala em cartas delas. Ao contrário, pelo menos uma vez, ficamos sabendo, em carta de Helena, que Carlos estava na cozinha lendo uma receita

para Albertina. A participação dessas pessoas nas práticas epistolares é indireta – elas mandam abraços e recebem lembranças nas cartas dos outros – entretanto, elas também esperam o carteiro, também anseiam pelas notícias, alcançam o papel, compram os selos, levam as cartas ao correio. Pode-se imaginá-las junto com o pessoal da casa ouvindo a leitura das cartas recebidas pela família.

Quem escreve quer resposta. Esse é o pacto epistolar, a regra de ouro dos correspondentes é – ou deveria ser– não deixar carta sem resposta. Quem escreve espera resposta. Por isso carteiros e Correios são objeto de tantas linhas, porque são ansiosamente esperados.

A reciprocidade está no cerne do pacto epistolar. Se não me respondes, não te escrevo mais; se escreves com amor, respondo com uma carta bem amorosa; se recebo uma carta longa e boa, me empenho em respondê-la a altura. E se não o faço, por qualquer de tantas razões alegadas - está escuro, meus olhos doem, estou com frio, meu tio morreu, é semana santa, meu espírito estava abatado – preciso desculpar-me, explicar-me e prometer me redimir: a próxima carta será melhor!

Quem escreve deseja produzir certa impressão em quem lê, como diz Lobato da amada incomparável (que parece ter atingido os objetivos táticos de suas cartas), tudo são penugens, arminhos na escrita e nos sentimentos (1951, p. 178). Que descrição Antônio faria das cartas de Rita? Boas, maravilhosas, formidáveis? Às vezes frias? E dos sentimentos que as animam?

A materialidade tem implicações sobre os missivistas – sobre quem escreve e sobre quem recebe que, por sua vez, escreve em resposta - a distribuição do escrito na página; a ordem em que os assuntos aparecem; o estilo adotado; os brancos, o papel, o envelope, a pena/caneta, os fechos e vocativos, as normas epistolares (seguidas ou não), produzem certa impressão em quem lê.

Para os correspondentes cujas cartas analisei, as práticas de correspondência eram parte do cotidiano. Cartas eram escritas, enviadas, esperadas, recebidas, lidas e, às vezes, guardadas. As crianças escreviam cartas para os pais, os parentes de Portugal mandavam notícias, os filhos reclamavam cartas, prepostos e representantes enviavam relatórios. Esta cotidianidade da correspondência fazia com que os protocolos epistolares fossem conhecidos e utilizados por eles, mesmo sem o recurso a um manual.

Os manuais têm seu foco nas habilidades necessárias à escrita de cartas, que incluem: utilizar fechos e vocativos adequados e expressar apropriadamente os sentimentos ou as informações que se deseja transmitir. Além disso, há nos manuais instruções sobre os exteriores da carta, recomendações sobre a letra, o vocabulário e a gramática, enfim, conselhos para escrever uma carta correta conforme a qualidade, o gênero, a idade, a função e a posição do destinatário e do remetente, em que as idéias se apresentem de forma clara e coerente. Eles são úteis para um missivista pouco habituado às tramas do escrito e da

correspondência, mas também são úteis ao correspondente sem traquejo social que não domina o que pode ser dito por carta e como isso deve ser dito.

A forma como uma carta é escrita revela a formação e a competência gráfica de seu autor. Escrever bem, isto é, escrever conforme a norma, utilizando os materiais adequados, é um marcador de distinção social. Escrever demasiado conforme o manual é um marcador às avessas, denunciador da pouca familiaridade do signatário com a pena.

O gesto epistolar manifesta as normas, e manifesta também a sua transgressão. Os correspondentes querem escrever uma carta adequada e eles sabem que existe um padrão para isso. Entretanto, também sabem que alguns padrões podem ser transgredidos, principalmente para as cartas sem muita cerimônia, como são as cartas familiares. Podem-se misturar os assuntos, escrever no contrapé da página, rasurar e rabiscar e ainda enviá-las sem passar a limpo, apenas alertando para o fato que aquela carta não está como deveria ser.

O estudo deteve-se no exame de práticas e artefatos mobilizados na escrita epistolar e sua relevância no Brasil no final do século XIX e primeira metade do século XX. As correspondências foram tomadas como indícios dos usos da escrita, da distribuição das capacidades de escrever e ler, das materialidades do escrito, das maneiras das escritas e leituras. Mesmo não sendo esse o foco da investigação, os conteúdos temáticos das cartas, as histórias que

elas de muitos modos contam, transparecem e, é inegável, constituem um dos prazeres de trabalhar com este gênero de escrita.

Outro prazer é compartilhar o fascínio que as cartas exercem sobre as pessoas, todos gostam das cartas e se interessam por elas. Um indicador disso é o grande número de publicações de cartas: Madame de Sevigné, Frida Khalo, Clarice Lispector, Monteiro Lobato, Tarsila do Amaral, Einstein, Proust, tantos missivistas, lidos por tanto tempo. E quando conto que as cartas são meu objeto de pesquisa, geralmente ouço uma interjeição e um “que bonito, adoro cartas! Eu ainda tenho as minhas”.

Na outra carta, que escrevi para minha qualificação, eu dizia que meu interesse não estava “ligado diretamente aos temas, mas ao modo como as pessoas comuns, em suas escritas ordinárias se narram. Quem são? Que competências gráficas têm? Que familiaridade com a escritura? Que recursos de estilo utilizam? Que suportes empregam? Com que frequência? O que contam? O que silenciam? A quem contam? Que relações se estabelecem entre os correspondentes?” É uma história com infinitas possibilidades.

Muito ficou por dizer e fazer. Gostaria de continuar pesquisando, para prosseguir lendo e escrevendo indefinidamente sobre as cartas e tudo que elas envolvem: habilidades gráficas, materiais de escrita, regularidades, rupturas, permanências, temas, frequências, literatura, filmes, músicas, histórias, invenções, trejeitos, artimanhas, sentimentos.

Neste final parece-me ter apenas iniciado e sinto pesar por estar já a concluir. Entretanto “o papel acaba e já não vejo mais nem um rabinho dele no final do rolo de borracha”.²⁰⁹ É preciso terminar.

Um grande abraço.

²⁰⁹ ANDRADE, 1958, p. 257.

Referências

AMARAL, Glória Carneiro. Sévigné em ação: Sévignações. In: GALVÃO, Walnice e GOLTLIEB, Nádía. **Prezado Senhor, Prezada Senhora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANDRADE, Mario de. **Cartas a Manuel Bandeira**. Manuel Bandeira (prefácio e notas). Rio de Janeiro: Editora Simões, 1958.

BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela**. São Paulo: Bertrand do Brasil, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.

BANDEIRA, Manuel. Prefácio. In: ANDRADE, Mario de. **Cartas a Manuel Bandeira**. Manuel Bandeira (prefácio e notas). Rio de Janeiro: Editora Simões, 1958.

BASTOS, Maria Helena Câmara. UMA FACE DO AMOR: A ARTE DE ESCREVER CARTAS. **Anais** do 14º COLE, Campinas: 2003. Disponível em <http://www.alb.com.br/anais14/Sem03/C03035.doc>, acesso em 23 mai/2008.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

BRASIL. Lei Nº 6.538, de 22 de junho DE 1978. Disponível em <http://www.correios.com.br/servicos/falecomoscorreios/lei6538.cfm> acesso em 13 jul de 2009.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: SP: EDUSC, 2004.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins. **Cartas e Escrita**. Tese de doutorado defendida na UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS em 2000.

CASTILLO GOMES, Antonio. **Entre la pluma y la pared**. Madrid: Ediciones Akal, 2006

CASTILLO GOMES, Antonio. Prólogo .In: SIERRA BLÁS, Verônica. **Aprender a Escribir Cartas. Los Manuales epistolares em la Espanha contemporânea** (1927-1945). España: Ediciones TREA, 2003b.

CASTILLO GOMES, Antonio. Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha moderna in BASTOS, Maria Helena C., CUNHA, Maria Teresa S. e MIGNOT, Ana Chrystina V.(orgs.) **Destinos das Letras: História, Educação e Escrita Epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

CASTILLO GOMES, Antonio. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. **Revista Brasileira de História da Educação**. Dossiê “O Público e o Privado na Educação Brasileira”; janeiro/junho 2003, nº 5.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**. Porto Alegre: UFRGS, 2003

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. . In: CHARTIER, R. (Org.). **História da Vida Privada**, v.3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido. Cultura escrita: entre apropriação e distinção**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003 a.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In **A nova história cultural**. São Paulo Martins Fontes, 1995.

CHOPIN, Frédéric. **Correspondência de Frédéric Chopin**. Sydow, Bronislas E. (org.) Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

CUNHA, Maria Teresa S. **A Escrita Epistolar e a História da Educação**. 25ºANPED, 2002. Disponível em

<http://www.anped.org.br/reunioes/25/posteres/mariateresasantoscunhap02.rtf> acesso em 14 jun 2006.

CUNHA, Maria Teresa S. História, Educação e Civilidades: a correspondência como um saber escolar na Escola Normal entre as décadas de 1930 a 1960. In: **Dossiê: História da Educação**, V.30 –n.02. Santa Maria: UFSM, 2005.

CUNHA, Maria Teresa S. **Os dizeres das regras. Um estudo sobre os manuais de civilidade e etiqueta**. 3º Congresso Brasileiro de História da Educação. **Anais**. Curitiba: SBHE, 2004. Disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo4/488.pdf> acesso em 23 jun 2009.

DAUPHIN, Cécile e POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver-cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena C., CUNHA, Maria Teresa S. e MIGNOT, Ana Chrystina V.(orgs.). **Destinos das Letras: História, Educação e Escrita Epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

DAUPHIN, Cecile. *Prête-moi ta plume... Les manuels épistolaires au XIXe siècle*. Paris, Klimé, 2000.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 2v.

FERRARO, Alceu Ravanello, Da Universalização do acesso à escola no Brasil e da qualidade das estatísticas da educação. **Cadernos de Educação**, Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação, ano 13, n. 23, p. 48-75. Jul/dez. 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Correspondência Familiar e redes de sociabilidades in GOMES, A. C. (org.). In: **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

FOISIL, Madeleine. A escritura de foro íntimo. In: **História da Vida Privada**, v.3: *da Renascença ao Século das Luzes*. Roger Chartier. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Nova Veja, 2006.

FREITAS, Gladis M., AMARAL, Jaqueline P. e SCOTTO, Marlene. Soletrando cor-respon-dên-cia, com cinco sílabas na educação infantil - associamos, aventura, criatividade, amizade e vida no nosso dia-a-dia In: Anais. **6º Encontro sobre o Poder Escolar. A escola inquieta arrisca vôos e inventa.** Pelotas: Ed. Universitária UFPEL, 2006.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: o coração desvelado.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GAY, Peter. **O estilo na história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GIL, Lorena. A tuberculose e suas representações. In: **Anais do III Simpósio Nacional de História Cultural**, Florianópolis: 2006.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOMES, Angela Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, A. C. (org.). **Escrita de si, escrita da História.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HÉBRARD, Jean. “Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escrita pessoal e seus suportes”. In: Mignot, A.C.V; Bastos, M.H.C., Cunha, M.T.S. (orgs). **Refúgios do Eu: Educação, História, Escrita Autobiográfica.** Florianópolis: Mulheres, 2000.

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houais da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IONTA, Marilda Aparecida. **As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade.** Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Fevereiro/ 2004.

LACLOS, Choderlos. **As relações perigosas, ou, cartas recolhidas num meio social e publicadas para ensinamento de outros.** Rio de Janeiro: Ed. Globo, [1782]1987

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, Editora da Unicamp, 1996.

LEJEUNE, Phillipe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau a internet.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **Minhas Queridas.** Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LOBATO, Monteiro. A barca de Gleyre. Tomo I. Sao Paulo: Editora Brasiliense, 1951.

LOBATO, Monteiro. A barca de Gleyre. Tomo II. Sao Paulo: Editora Brasiliense, 1951a.

LYONS, Martyn. Práticas de leitura, práticas de escritura. Cartas de amor e escritas íntimas –França e Austrália, século XIX. In: LYONS, M. e LEAHY, C. **A palavra impressa: histórias da leitura no século XIX.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, M. (Org.). **História da vida privada**, v.4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

MARTINS, Ana Luísa. **Aí vai meu coração. As cartas e Tarsila do Amaral e Anna Maria Martins para Luís Martins.** São Paulo: Ed. Planeta, 2003.

MIGNOT, Ana Christina V; BASTOS, Maria Helena C., CUNHA, Maria Teresa S. (orgs). **Refúgios do Eu: Educação, História, Escrita Autobiográfica.** Florianópolis: Mulheres, 2000.

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis, A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In: GALVÃO, Walnice e GOLTLIEB, Nádía. **Prezado senhor , prezada senhora.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MOLNAR, Michel. Introdução. In: FREUD, Sigmund. **Diário de Sigmund Freud -1929-1939: Crônicas Breves.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MUTRAN, Munira. Oscar Wilde e o homem fatal. In: GALVÃO, Walnice e GOLTILIEB, Nádia. **Prezado senhor, prezada senhora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NUNES, Clarice e CARVALHO, Marta. Historiografia da Educação e Fontes In: **Cadernos ANPED**. Vol. 5. Porto Alegre: 1993.

OVÍDIO. **Cartas de amor**. Prefácio e notas de Jean-Pierre Néraudau. São Paulo: Landy, 2003.

PAULA, Débora Clasen de. “**Da mãe e amiga Amélia**”: **cartas de uma Baronesa para sua filha (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XX)**. Dissertação de Mestrado defendida junto a UNISINOS: 2008. Disponível em http://bdttd.unisinos.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=615 acesso em 18/04/2009.

PERROT, Michele. A vida em família. In: PERROT, M. (Org.). **História da vida privada**, v.4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1972

PETRUCCI, Armando. **La ciencia de la escritura. Primera lección de paleografía**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2002.

POE, Edgard Allan. **A carta roubada e outras histórias de crime & mistérios**. Porto Alegre: L&PM, [1809], 2009.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

RANUN, Orest. Os refúgios da intimidade. In: **História da Vida Privada**, v.3: *da Renascença ao Século das Luzes*. Organizado por Roger Chartier. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RENN, Jürgen e SCHULMANN, Robert (org). **Albert Einstein/Mileva Maric': Cartas de amor**. Campinas: Papyrus, 1992.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade In: CHARTIER, R. (Org.). **História da vida Privada**, v.3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **Vôo Noturno**.3ª ed. Círculo do Livro, São Paulo, 1975

SCHLINK, Bernard. **O Leitor**. São Paulo: Record, [1995] 2008.

SCHUSTER, M. Lincoln. **As grandes cartas da história desde a Antiguidade até nossos dias**. Trad. Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

SEVIGNÉ, *Mme*. **Cartas**. Seleção e prefácio de Vitorino Nemésio. Lisboa: Ed. Livraria Sá da Costa, 1950.

SIERRA BLÁS, Verônica. **Aprender a escribir cartas. Los manuales epistolares em la Espanha contemporânea (1927-1945)**. Ediciones TREA, 2003.

SOARES, Magda Guimarães. **Português através de textos**. 2ª Série. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S/A, 1970.

SOLOMON, Marlon. **As correspondências: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século XIX**. São Paulo: Editora Schwartz, 1987.

STOKER, Bram. **Drácula**. Porto Alegre: LPM, [1897] 2007.

SYDOW, Bronislas E. História da Correspondência de Chopin. In: CHOPIN, Frédéric. **Correspondência de Frédéric Chopin**. Sydow, Bronislas E. (org.) Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

TILLIARD, Stella. **Aristocratas**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

TIN, Emerson (org), Anônimo de Bolonha, Erasmo de Roterdam, Justo Lúpsio. **A arte de escrever cartas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

TIN, Emerson (org). **Para Sempre: cinquenta cartas de amor de todos os tempos**. São Paulo: Globo, 2009.

VAN GOGH, Vincent. **Cartas a Théo**. Porto Alegre: LP&M, 2008.

WILDE, Oscar, 2001, **Sempre seu, Oscar. Uma biografia epistolar**. Rollemberg, Marcello (Org., trad. e apresentação). São Paulo: Iluminuras, 2001.

MANUAIS

BERNAGE, Berthe. **Arte das boas maneiras: moderno manual de boa educação e civilidade**. Tradução de Irene Fernanda dos Santos. Lisboa: Portugália Editora, 1967.

CARVALHO, Marcelino de. **Guia de Boas Maneiras**. Ilustrações de Dorca. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

CASTANHO, Iracema Soares. **Etiqueta social**. 8 ed. São Paulo: Editora Universitária, 1955.

COSTA, Emilia de Sousa. **Na Sociedade e na Família**. 4 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1943.

D'ÁVILA, Carmen. **Boas maneiras**. Ilustrações de Noemia. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Civilização Brasileira S.A., 1942.

GENCÉ, C. **Tratado de civilidade e etiqueta**. 2 ed. Revista e corrigida por Maria Benedicta Mousinho d'Albuquerque Pinto. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C°, s.d.

MIRANDA, José Tavares de. **Boas maneiras: e outras maneiras**. Ilustrações de Nelson Coletti. São Paulo: Bestseller Importadora de Livros S.A., 1965.

PÁDUA, Luís Antônio de. **Cartas para todos os fins**. Rio de Janeiro: Multilivros, 1983.

ROQUETTE, JI, **Código do Bom-Tom, ou regras da civilidade e do bem viver no século XIX**. Organizado por Lilia Moritz Shwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, [1866]1997.

SILVA, Léa. **Em Sociedade: Etiqueta social através da História**. 4 ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Livraria Freitas Bastos S.A., 1962.

VANDERBILT, Amy. **O Livro de Etiqueta: um guia para a vida elegante**. Tradução de Abiah Lopes. São Paulo: São Paulo Editora S.A. (Distribuidora Récord, RJ), 1962.

VILLELA, Lúcia Jordão (Tradução e Adaptação). **Saber viver**. São Paulo: Livraria Editora Flamboyant, 1967. *Ela Enciclopédia*. Título original: *Lê savoir-vivre, Collection "Femmes d'Aujourd'hui"*, 1961, Bruxelles.

WALDVOGEL, Luiz. **A Excelência das boas maneiras: Serões de Tio Silas**. 3 ed. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1964.